JOSÉ PÉREZ

A Psicologia Social do "Quixote"

1936
CULTURA MODERNA — S. PAULO

"IMPRESSORA COMMERCIAL"
Rua Quirino de Andrade, 7
São Paulo
1936

Procurou-se fixar, nêste ensaio, a equivalente psico-sociologia do "Quixote". E', nêste sentido, uma tentativa. Nada mais.

Como prefácio

SÔBRE O *"QUIXOTE"*

Es mucho libro esel

Bartolomé José Gallardo

...cada qual es dueño de leer y entender el Quijote á su modo...

Don Marcelino

No "Quixote" via Marx os derradeiros alentos da cavalaria andante, cujos méritos chegariam a sêr, no nascente mundo burguês, objeto de burlas e sarcasmos.

Lafargue

O *QUIXOTE*, OBRA DE CLASSE

Dizer-se que o *Quixote* é das obras primas literarias, enjendradas pelo gênio humano, é, apenas, sensaboronamente, repetir um lugar comum.

E' preciso considerá-lo, não só como livro sem modêlo conhecido, isto é, sem precedente na literatura universal, e sem possivel imitação ulterior, mas, principalmente, como o retrato fiel de uma classe numa época: — da burguezia capitalista em pleno alvorecér. Como a *Biblia*, para o despotismo teocrático do senhor de escravos e rebanhos. As *sagas*, para o feudalismo mais primitivo. *Os romanceiros*, (*) em relação áos assômos cavaleirescos de Por-

---

(*) Do carácter politico dos **romanceiros**, entre muitas opiniões, fique aqui a de Clément Rochel, **Cervantes Inédit**, pagina VIII: "O romanceiro espanhol é, efectivamente, uma serie de pequenos poemas sobre algum feito sentimental ou **heroico**, abarcando um dos mais belos periodos da história da Espanha, de Vamba e Pelagio á quéda de Granada".

Estudos interessantes sobre o romanceiro fizeram, entre outros, Don Eujenio de Ochôa, **Tesoro de los Romanceros y Cancioneros españoles, historicos caballerescos, moriscos e otros.** Notaveis são os estudos sobre o assunto de Adolfo Bonilla y San Martin, como notaveis são, tambem, os eruditos estudos de Menendéz Pidal, filologo eminente, que compilou todos os romanceiros espanhois. Ainda deve-se lembrar o de Ferdinand Denis, **Chronique chevaleresques de l'Espagne**, Paris, 1840.

tugal e Espanha. São repositorios da psicologia da classe dominante — *Biblia* — ou da que se prepara á escalada do poder social, ao tempo em que foram compostos — *Quixote*.

O *Quixote* é mais ordenado, sistemático e humano que qualquer dêsses outros livros, em sua mesma desconforme grandiosidade. Tem aspecto mais universal. E' compreensivel. A' sua feitura, a humanidade atingira a um estado social muito mais elevado, com as relações de produção baseadas no salariado. As *sagas* ou os textos biblicos, por falta de arquivo seguro para proceder a estudos completos da historia e da psicologia social dos povos passados, embora se saiba serem todos de identica estructura economica, a um primeiro e superficial lance de vista, estampam, mais acentuadamente, a sociedade e a psique colectiva de determinado agrupamento humano (*) A verdade é, porém, que essas obras carreiam, em seus veios subterrâneos, os substractos culturais do tempo e da classe que descrevem. Quem negará a influência de todo o Oriente escravocráta sôbre a *Biblia?* Obra original, já se sabe que não é. As revelações arqueológicas têm posto a nú, os formidaveis *plágios* mosaicos. Aliás, inevitaveis. Não podia ser ela original, pelo motivo muito simples de sêr o poema rude e pétreo do proprietário absoluto de escravos — forma de relação produtiva da chamada Antiguidade, a que pertenceu a nacionalidade judáica. Que mais, pois, que o legislador hebreu copiasse ou adaptasse à situação sôbre que legiferava, os mesmos dispositivos vigentes em nações de idêntica conformação economica e social? Os códigos de todas as nações burguezas do universo, em seus vigamentos e paredes mestras, não são cópia do código napoleônico?

(*) A miude fica-nos impenetrável a psicologia social dos tempos passados. (Ant. Labriola, **Conceptión materialiste de l'histoire,** pags. 238, Paris, 2.ª edição 1928).

Que fizeram elas, apertadas pelas mesmas pontas angulares de classe, senão, cuidadosamente, copiá-lo? *L'esprit des lois*... é a propriedade, exclamava Linguet, sardonicamente (*).

> ...o Código Civil *é o livro de ouro da sociedade que produz e vende mercadoria. Não é em vão que a jurisprudência generalisada conservou e aumentou, durante séculos, na forma de disciplina científica, êsse Direito Romano, que foi, que é e que será o modelo tipico de qualquer sociedade mercantil, até que o Socialismo faça desaparecer a possibilidade de vender e trocar.* (Ant. Labriola, ob, cit. pags. 196-7).

Ainda mais um exemplo, dentre os muitos apontáveis. O *Projécto de Código Criminal de Ferri*, de 1920, anterior, portanto, ao estrangulamento fascista e em o qual se consignavam todos os avanços das ciências penais burguesas, foi trasladado, quasi palavra por palavra, por todas as nações democrático-liberais, que tiveram, daí por diante, de reformar as suas legislações referentes ao delito e ao delinquente, de Cuba a Checo-Eslovaquia. O que quer dizer — mesmas leis, para mesmas necessidades sociais.

Ao *Quixote*, porém, não se póde imputar o defeito que se indicou á *Biblia* ou ás *sagas*. Não deixa dúvida ao olhar mais superficial e descuidado: — é muito mais do que o reflexo do estado de espírito de um povo ou de uma nacionalidade determinada. E', sim, o côro monstruoso de vitória de uma classe, que acabava de se fixar em nítidos contornos, afirmando-se revolucionáriamente, nas-

(*) Marx, O CAPITAL, trad. esp. de Manoel Pedroso, nota 1 de pgs. 548, Madrid, 1931.

cida nos seculos XIV e XV, atingindo o seu pleno nos séculos XVI e XVII. — os em que viveu Cervantes — a burguezia capitalista (*).

Porisso mesmo, ficou sendo o seu maior livro. O poêma prodigioso em que o gênio de Cervantes descreveu, para a perpetuidade histórica, o dramatico *processus* da decomposição feudal, nos delírios do fidalgo manchego, e o advento social da burguesia, nas golpeantes irreverências do seu estupendo escudeiro. Nas personagens e nos lances da obra, esculpiu o Saavedra os anseios, os ideais, a vida, a visão de interêsses e, finalmente,

> *...a consciência especificada dos homens em dadas condições sociais...*

como entende Antônio Labriola seja a psicologia social.

O buríl de Cervantes rasgou, salientes e características, as feições das classes sociais, à época em que compunha o seu poêma da burguesia revolucionária, bronzificadas, principalmente, nos dois heróis centrais da portentosa novela.

Todas as classes e sub-classes sociais lá estão, justa-linearmente descritas. Porém, a que tem as preferências de Cervantes é, indiscutívelmente, a que modelou em Sancho Pança, que representa a vida do seu romance imortal. Sancho é a contradição, no sentido hegeliano. E a contradição... é tudo.

(*) Embóra nos séculos XIV e XV já encontremos os primeiros princípios da producção capitalista em algumas cidades do mar Mediterrâneo, a éra capitalista data do século XVI, (Marx, O CAPITAL, tradução espanhola de Manoel Pedroso, Madrid, 1931, pag. 533).

Ha quem recúe mais nas primeiras origens do capitalismo: "Este período que, nos diferentes paises europeus, começa mais ou menos pelo meio do século XIII para findar nos últimos anos do século XVI, criou as premissas econômicas do desenvolvimento ulterior do capitalismo. (Emile Renard, "Au berceau du capitalisme européen", in **Monde**, 26 - 10 - 933, pag. 6).

A DIALE'CTICA DO *QUIXOTE*

Falando a linguagem de Hegel, da sua tricotomia, que integra o *processus* dialéctico, estabeleça-se, desde logo:

Afirmação, posição ou tése: — Dom Quixote = feudalismo;

Negação, oposição ou antitese: — Sancho = burguesia, ainda integrada no Terceiro Estado;

Negação da negação, composição ou síntese: — Sancho + Dom Quixote = burguesia estabilizada, mas que só atingirá o seu termo na Revolução Francesa.

A análise seguirá êstes trámites. Em três capítulos dialécticos e consubstanciais, ela pretende dar uma nova visão do poêma cervantiano.

A VERDADEIRA INTERPRETAÇÃO DO *QUIXOTE*

Dante é o escritor máximo do período cristão-feudal. Cervantes, o escritor-arquétipo do burguês-católico. O seu *Quixote*, o marco descomunal da grande época histórica da burguesia, que se preparava para instalar-se no poder social. Daí, o ser êle

> *... o livro mais popular e europeu de quantos se numeram na moderna idade.* (*Latino Coelho* — CERVANTES)

Como o livro literário burguês por excelência, vai ser aqui encarado. Parece que qualquer outro modo de o interpretar, é inteiramente vasio de sentido. A só análise literária; — o só elogio das suas bem configuradas personagens; — o só visar as aventuras

desventuradas do pobre manchego; — o só rir das graças e donaires do escudeiro, ou só o lamentar das desgraças do amo; — o só encarar essas duas silhuetas, como duas faces de uma unica moeda, a vida, como Saint-Beuve; — o só considerar-se o livro como veemente e encandecida sátira aos livros de cavalaria, em vóga na época, é demonstrar a mais deplorável confusão e incompreensão da obra de Cervantes.

E' preciso lhe penetrar o profundo sentido sociologico, tomando-a em globo, e verificar, nos seus passos e incidentes, os traçados, os delineamentos e as perspectivas da sua enorme directriz social e ideológica (*).

O mais é soporifera monotonia literaria á Miguel Unamuno — "Vida de Don Quijote y Sancho"; ou retórica á Latino Coelho, de raro em raro esmaltada por um ou outro parecer original — "Cervantes"; ou fraseado sem nexo á Horacio Maldonado — "El sueño de Alonso Quijano", Montevidéo; ou *embroglio* literario á Ortega y Gasset. Preciosos são, sem duvida, os trabalhos de pesquisa biografica de honrados investigadores como Mayans — "Vida de Cervantes", Londres, 1738; Rios — "Vida de Miguel de Cervantes", Madrid, 1780; Pellicer — "Vida de Miguel de Cervantes", Madrid, 1797; Navarrete — "Vida de Miguel de Cervantes Saavedra", Madrid, 1816; Mariano Tomás — "Vida y desventuras de Cervantes", Madrid, 1933; Garcia Arrieta — "Vida de M. de Cervantes Saavedra", Apendice á "Filosofia del Quijote", Madrid, 1933. Trabalhos notaveis tambem são os de Montiano, Sarmiento, Iriarte, Pingarron, Nasarre, Cano, Flores, Quintana, Clemencin, Benjumea, Fray Luiz de Granada, Moreno Garcia,

(*) "Já disse que não existe obra artistica desprovida de valor ideológico" PLEKAMOV — **Arte e vida social.**

Aribau, Harzenbuch, Barrera, Asensio, Pérez Pastor, Marin, Gimenez Serrano, Cejador, Juan Valera, Heine, Ramon Anteguera, (*) que em 1863 escreveu o seu "Juicio Analítico del Quijote", em que pretendeu provar, com razões e documentos, a existencia real das personagens do *Quixote*, os herois centrais, Dom Quixote e Sancho, Dulcinéa, o Cura Pero Pérez, Sansão Carrascão, o Cavaleiro do Verde Gabão, pretensão que vem encontrando bases novas no descobrimento de velhos arquivos da Mancha; Azorin — "La ruta de Don Quijote"; Jaccaci — "El Camino de Don Quijote"; Maestú; Marcelino Menéndez y Pelayo — "Estudios de Critica Literaria", 5 vols,; - as sabias notas elucidativas de um texto editado primorosamente, alastradas em 8 vol. de Rodriguez y Marin. Ainda penetrante é, do ponto de vista psicologico, o - "Guia do leitor do Quixote", de Salvador Madariaga. Na America, léves escritos como os de Rodó, ó Leary (**) etc., e em português, um discurso empolado e de final patrioteiro de Bilac e a clássica — "Vida do Grande Dom Quixote e do Gordo Sancho Pança", de Antonio José da Silva — (***).

(*) Ainda escreveram sobre o QUIXOTE: ORTEGA E GASSET, **Meditaciones de el Quijote;** Americo de Castro, **El Pensamiento del Quijote;** Azorin, **La rua ta de DON QUIJOTE,** Gabriel Alomar. Heine, num celebre estudo sobre esse livro, pergunta, argutamente: "Que pensamento fundamental determinou o grande Cervantes a escrever o seu grande livro? Propos-se, SOMENTE, a arruinar os livros de cavalaria, cuja leitura prevalecia na historia do seu tempo, tão obstinada, ao ponto de serem impotentes contra ela as disposições eclesiasticas e civis, ou quis ridiculizar todas as representações da exaltação humana em geral, e, particularmente, o heroismo dos que tudo esperam da sua espada?" Estudos magistrais sobre o QUIXOTE ainda são os de Tourqueniev e Schelling. — Estudos particularizados sobre a medicina do QUIXOTE fez Fernandes Moujon; sobre a teologia, Sbarbi; a jurisprudência, Gamero; a geografia, Caballero.

(**) Recentemente publicou-se em Buenos Aires, 1935, o livro de Ricardo Rojas, **Cervantes.**

(***) Dentre as passagens curiosas deste livrinho pode-se destacar: — D. Quixote, alucinado, quer ver em Sancho a mesma Dulcinéa encantada, na cena VII:

Infinita é a bibliographia cervantiana. Mas poucos livros dela trazem qualquer entendimento sociologico da obra prima, do canto de cisne da literatura de uma classe inteira, da classe burguesa — o QUIXOTE (*).

Miguel Unamuno, que deu sobradas provas, num livro capaz de produzir a moléstia do sono — "Vida de D. Quijote y Sancho" —, de não a ter entendido tambem, escreveu, com raro acêrto, num capitulo do volume V dos seus *Ensaios*:

> *Lo leen como leen muchos curas el Evangelio durante la misa: completamente distraidos, mascullando el latin y sin enterarse de lo que están leyendo.*
>
> *La culpa de esto la tienen, em primer lugar,los criticos y comentadores que, como nube le langostas han caído sobre nuestro desgraciado libro, dispuestos a tronchar y estropear y no dejar más que paja. La historia de los comentarios y trabajos criticos sobre el* Quijote *en Españo seria la historia de la incapacidad de una casta para penetrar en la eterna sustancia poética de una obra, y del ensañamiento en matar el tiempo con labores de erudicion que mantienen y fomentan la pereza espiritual.*

DOM QUIXOTE — Ora Sancho, dize-me aquí em segredo se és Dulcinéa, que eu te prometo um premio.

SANCHO — Como, senhor, lh'o hei de dizer? Sou tão macho como vossa mercê.

D. QUIXOTE — Sancho, nêsse mesmo denguê agora confirmo mais, que és Dulcinéa.

SANCHO — Ora, leve o diabo o denguê! Que queira vossa mercê, que á força seja eu Dulcinéa, ensanchada, ou Sancho, endulcinado. Ora pois, já que quer que eu seja Dulcinéa, chegue-se para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. QUIXOTE — Tú me queres dar dous couces? Agora vejo, que não és Dulcinéa; pois Dulcinéa tão formosa e tão discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me ofereces com a tua grosseria.

(*) Como estudos sociais sobre o QUIXOTE devem ficar lembrados aqui os de J. Puyol y Alonzo, **Estado social que refleja el QUIJOTE** (Madrid, 1905); e o de Baldomero Villegas, **La questión social en el QUIJOTE,** (Madrid, 1904).

Esta férvida censura, vai-lhe, ao próprio Unamuno, como uma luva. No *Vida de Don Quijote y Sancho* timbra em cansar, abusivamente, a paciencia humana, *fomentando a preguiça espiritual.*

O GENIO

Achava Jórge Brandés, que só três nomes apresenta o cristianismo, aos fôros da perpetuidade literária — DANTE, CERVANTES E SHAKESPEARE (*).

Poucos, em verdade. E se se quizer saber o porquê, é lêr-se:

> *E' certo que a humanidade, mais de uma vez, produziu gigantes do pensamento e da ação, que ultrapassam os seus contemporâneos como os ápices nas cadeias de montanha. O gênero humano tem o direito de orgulhar-se de seus Aristótéles, Shakespeare,Darwin, Beethoven, Goethe, Marx, Edison, Lénin. Mas, porque são tão raros? Antes de tudo, porque sairam quasi todos das classes mais altas e médias. Salvo raras excepções, as centêlhas do gênio são abafadas nas profundezas oprimidas antes mesmo de poder jorrar. Mas, tambem,*

(*) E' injustiça esquecer nomes como os de Goethe, Milton, Puschkin, etc.

porque o processo da geração, do desenvolvimento e da educação do homem ficou e continua, em essencia, o produto do acaso: não esclerecido pela teoria e pela prática, não submetido à consciência e à vontade. (*Trotski — O que é a revolução de Outubro, Conferencia em Copenhague a 27 - 11 - 32*).

Aquí está, na teoria das classes sociais, que Marx transformou em palanca do processo histórico, a explicação da raridade dos gênios. Afastar-se daí, é caír nas falácias e quimeras dos que os querem explicar como predestinação miraculosa, quando são fruto de contingências, circunstâncias, e, principalmente, de classe social — média ou alta. O grande homem não aparece fóra de certas e determinadas condições, meio e classe social.

O gênio, excepção de ambiência e classe social, é a consciência superior e criadora, em geral revolucionária, capaz de fazer germinar das ruínas que produziu, obra-marco, em pensamento ou ação:

Cervantes, destruindo, a punhaços de ferro, os livros todos de cavalaria andante — pretexto para a sua sátira anti-feudal, e na qual, *burguesmente*, cumulou de ridículo as sobrevivências medievais do seu tempo — deu em substituição um outro, onde se coordenam todos os ideais da sociedade burguesa em floração primaveral, além, de ter aberto um dos manadeiros eternos de águas vivas do mais requintado deleite literário. Spinoza, pulverizando, a camarteladas de gigante, as puerilidades do Velho Testamento, deixou, isto é, construiu o modelo perene da crítica anti-religiosa, com o seu *Tratado Teológico Político*.

Aí se tem o gênio: — consciente, perscrutante — trepado nos ombros de outros homens, como o definiu Vico — demolindo coi-

sas pereciveis e gastas, para construir outras, bem mais harmônicas que as que ruiram.

A E'POCA DE CERVANTES

Insurgindo-se contra os que consideram a idade-média "escura" e "retrograda", declara Engels:

A idade média passava por méro colapso da história, com os seus mil anos de barbaria geral; os seus grandes progressos — a extensão cultivavel europeia, as grandes nações habitáveis, que se formaram uma depois de outra, e, enfim, os enormes progressos técnicos dos séculos XIV e XV — consideravam-se como inexistentes. (*F. Engels — Socialisme utopique...*)

Porque? E' ainda Engels quem explica, atribuindo à falsidade dêste critério à

... incapacidade do materialismo vulgar para conceber o mundo como um processo, como uma realidade submetida a um desenvolvimento histórico. (Ibid).

E isto era, apenas, éco, do que se passava nas esferas das ciências da Natureza.

Esta maneira de ver anti-natural dominava tambem a História. Neste terreno, a luta contra as sobrevivências do passado cegava o olhar. (Ibid.).

Pois, do seio da idade-média, aflorava a humanidade, para a grande corrida mercantil, que é o traço marcante dos séculos XV e XVI.

Agonisava o cavaleiro de adarga e espada, *valente* e *generoso*, e nascia o cavaleiro de indústria, comerciante, interesseiro, calculista, *individualista* e *racionalista*. Morria o lanceiro da Távola Redonda, das cruzadas, movido pelo interêsse, é verdade, mas cubrindo-o com a fé e com o sacrifício, e aparecia o espadachim do lucro frio, da aventura das minas de esmeralda, ouro, prata do Mexico, do Potosi (*) e do Brasil. Incubára-se na idade-média, nos burgos enxameantes, que circunvalavam as muralhas castelans, e que, depois, se transformaram em cidades. Foi-se a cavalaria andante, E o *puer robustus sed maliciosus* (**) organizava-se na *cavalaria ocêânica*, puras emprêsas mercantis, toque de alvorada da burguesia capitalista.

Portugal e Espanha, por sua posição geográfica, encabeçaram os surtos burguêses, que tiveram nos *descobrimentos marítimos*, o seu maxímo esplendor mercantil.

O que foi essa carreira de aventuras, é coisa em que não vale insistir, pelo perfeito conhecimento que dela se tem.

Pois, nessa época trepidante, agitada de alto a baixo pela audácia revolucionária do Terceiro Estado, de que a burguesia era o elemento acaudilhador, foi que viveu Cervantes. E, como se vai ver, êle a soube compreender e fotografar, de modo genial.

(*) No QUIXOTE ha refrencias ás minas de Potosï e do Peru... "e hoje está aqui, amanhã em França, e no outro dia em Potosï" (Q. P. II - C. 40). — Como expressão maxima de riqueza fala D. QUIXOTE a SANCHO: — "Se eu te fosse pagar conforme a grandeza e a qualidade do remedio não chegaria nem o tesouro de Veneza. nem as minas de Potosï" (Q. - P. II - C. 71). "Meu irmão está no Perú, tão rico". (Q. - P. I - C. 42).

(**) Introducción al materialismo dialéctico y al socialismo científico — K. Marx e F. Engels, pags. 57 e 68 — "**O puer robustus** era cada dia **mais maliciosus**" — Engels — pag. 69.

Colocado em seu tempo, Cervantes é o maior prosador do

RENASCIMENTO,

período febril da plétora cultural burguesa. Corolário fatal da fáse tensa e turbilhonante das *grandes invenções*, dos *descobrimentos marítimos*, impulsionados por uma ávida classe mercantil, acicateada pela necessidade de novos mercados, pela imperiosa precisão de dilatar as esferas da troca. Periodo das audácias filosóficas que vão ter em Bacon e Descartes os seus grandes índices mentais, culminando nos destroços que faz á Biblia o gigantesco Spinoza, fonte inspiradora das demolições de Voltaire e da Enciclopedia; de crítica irreverente, que leva Lutero num prato, e no outro a Erasmo; de rasgadas perspectivas de arte, que encontram em Leonardo o seu interprete mais poderoso.

A burguesia, que resistiu aos embates da GUERRA DOS CEM ANOS, apareceu, depois da tempestade, numa eclosão cintilante, com os esplendores do Renascimento, periodo que lhe pertence, por todos os títulos.

A organização social da burguesia exigia a perfeição do objecto manufacturado. E, como fabricava imagens, armaduras ou trabalhos de ourivesaria, em seus mínimos pormenores artísticos, produzia a estatueta, a armadura cinzelada ou a taça de ouro. Sob a direção do mestre, tornava-se o aprendiz perfeito artezão, no sentido brilhante da palavra. O ourives ou o cinzelador, apurando as tradições manufactureiras, produziam, cada vez mais bem acabados, êsses relicários, candelabros, brazões de ferro fundido, fechaduras trabalhadas, sinetas pintadas que fazem a maravilha dos museus modernos. As cidades cresciam e prosperavam. Florença, já no seculo XIII, recebia do papa Bonifácio VIII o elogio de ser o quinto elemento do Universo.

Atribue-se o movimento renascentista ao contacto dos vestígios da arte antiga. No entretanto, a influencia da Antiguidade Clássica foi um acidente no Renascimento. Não lhe foi a causa geradora. Ela estava morta, e não podia fazê-lo germinar. A causa está, de um lado, nas riquezas que a disciplina e a atividade da classe burguesa tinham acumulado nas mãos da aristocracia, nas cidades, em parte saídas das suas fileiras; de outro, na perfeição que as suas tradições manufactureiras tinham dado aos productos do trabalho, permitindo-lhe, no momento propício, ter um brilho inesperado e todos os requintes de luxo, decôro e arte.

Os seus grandes artistas, de facto, aproveitaram os legados clássicos, mas para enriquecê-los com novas formas juridicas, literarias e artisticas, aperfeiçoadas por técnica muito mais evoluida.

> *Este patrimonio havia permanecido intacto, até que a sociedade alcançou, de novo, a fase de desenvolvimento das relações de troca, que existiu no periodo mais florescente do mundo clássico,* (*A. Bogdanov,* Economia Politica, *Madrid, pags.* 120 — 1931).

Filho dessa época, e manifestação espiritual da classe mais responsavel por ela, é Cervantes.

O seu *Quixote* é um dos monumentos que se erguem, no apogeu do Renascimento, expressivo da burguesia revolucionária.

De certo modo, esse aspecto político da obra não tem escapado a escritores como Juan Chabás:

> *El Quijote continúa la tradición más vivaz del Renascimiento, y está penetrado por un hondo espíritu liberal de cultura humanista,*

> *... costumbres, paisajes, ideas de la época, tipos, quedan en el* Quijote *filados en un quadro perfecto.*

> *... nos ofrece* El Quijote *un análisis subtilisimo, profundo y amplio, de multiplos problemas espirituales, religiosos, sentimentales,* políticos — (*História de la literatura esp., pag.* 43).

NECESSARIO APANHADO BIOGRAFICO

Longe daqui, o proposito de escrever a biografia de Cervantes. Monotona e sem alcance seria ela. O que se quer é unicamente retraçar-lhe a vida, a linhas rápidas, relacionando-a com a época, no seu intuito de participar das grandes agitações da cena politica e conseguir o imprescindivel metal sonante.

Assim, estudado o tempo em que viveu e o meio em que atuou, tire-se, agora, da sua vida mesma, mais uma confirmação da tése defendida neste livro, e que, fartamente, será demonstrada a seu devido tempo, isto é, que CERVANTES ESCREVEU O POEMA DA BURGUESIA TRIUNFANTE, E LHE TRAÇOU A PSICOLOGIA SOCIAL.

> *LA NOBLE FAMILIA DE LOS CERVANTES, oriunda de Galicia, se transladó a Castilla, donde se extendió y ilustró su origen, mereciendo por sus proezas e virtudes el favor e estimación de sus soberanos...*

afirma um dos seus biógrafos.

O ser Miguel de Cervantes de origem nobre, em nada influe em suas tendencias burguesas. Isto porque, 1.º) a classe é, muitas vezes, negada pelos seus membros mais preeminentes. Marx, o teórico fundador do socialismo científico, era um pequeno-burguês casado com uma nobre; Hitler é um proletario de origem, e um dos baluartes da reação contemporânea; 2.º), a vida de Cervantes é a de um aventureiro que, em diferentes misteres e de diferentes maneiras, como a burguesia ávida e estuante da sua época, tentou a fortuna. (*) Sabia bem o valor do dinheiro. De diversas passagens da sua obra decorre a estima em que o tinha. Faz o vendeiro socarrão, que no C. 3, P. I. arma cavaleiro a D. *Quixote*, aconselhar o alucinado que levasse consigo *dinheiro* e camisas limpas.

Referindo-se á pobreza, escreve, desconsolado...

> ... e o *haver dito que o estudante padece pobreza, penso que não podia dizer mais a respeito de sua má sorte, porque quem é pobre, coisa nenhuma tem bôa.* (P. I - C. 37).

> ... *ambicioso de todo genero de gloria en un siglo entusiasta y enpreendedor*...

diz Arrieta, de Cervantes.

Há um passo no *Quixote* que trás um esplendoroso aclaramento a este particular, porque não só recorda a desdita que Cervantes considera o ser pobre, como a tem por mais negra e triste, quando o é um fidalgo.

> *Fechou a porta para si, e, á luz de duas velas de cêra, despiu-se, e, ao descalçar-se, ó desgraça indigna duma pessôa como esta! soltaram-se-lhe duas duzias de pontos duma meia, que ficou transformada em gelosia. Afligiu-se muito o bom do fidalgo, e daria de bom grado uma onça de prata para ter ali um novelo de sêda verde, e digo verde, porque as meias de D.* Quixote *eram dessa côr.*

Aqui exclamou Benengeli:

> *O' pobreza! pobreza! não sei com que razão o grande poeta Cordovez se lembrou de te chamar* dádiva santa que não é agradecida: *eu apezar de ser mouro, sei perfeitamente, pelas comunicações que tenho tido com cristãos, que a santidade consiste na caridade e humildade, fé, obediência e pobreza; mas com tudo isso, digo que se há-de parecer muito com Deus quem se rejubilar em ser pobre e a que se refere um dos maiors santos do cristianismo:* tende todas as coisas como se as não tivesseis. *E a isto se chama pobreza de espirito. Mas tú, segunda pobreza (que é a de que eu falo), porque queres atacar os fidalgos e os de nobre nascimento mais do que a outra gente?* (II, 44),

Além do mais, era um nobre arruinado, como a maioria dos nobres daqueles dias.

> *La tradición señala todavia los restos de la casa, en que dicen se crió, enclavada hoy en la huerta tapiada,*

(*) Já se terá ocasião de dar exemplo probante e incisivo do quanto Cervantes apreciava o valor do dinheiro, Mas não é demais esta passagem: "Muito tristes e muito constranjidos se chegaram ás suas alimarias, cavaleiro e escudeiro, especialmente Sancho, a quem doía o coração de ter de tocar no dinheiro, parecendo-lhe que todo o que se tirava se lhe arrancava das meninas dos olhos". (P. II - C. 30).

con indicios de la pobreza de su antiguos huespedes. (*Garcia Arrieta, Vida de Miguel de Cervantes Saavedra*).

Nasceu Miguel de Cervantes em Alcalá de Henares, a 9 de Outubro de 1547. Era filho

... *de familia conoscida como de hidalgos principales, aunque decaida de su antiguo esplendor, a causa de sus escasos bienes de fortuna...* (*Arrieta*).

Dos primeiros anos de sua vida, pouco se sabe. Jovem, frequentaria, durante 2 anos, a Universidade de Salamanca. Secretariou o cardeal Julio Aquaviva y Aragón, naturalmente esperando tirar algum bom partido da alta companhia do preposto eclesiástico. Mas, ao verificar a impossibilidade disso, abandonou, meses depois, o padre politiqueiro, e pôs-se a viajar, percorrendo o meio-dia da França, o Piemonte, o Milanêsado, a Toscana. Na Italia, alistou-se no exercito espanhol que aí estacionava sob as ordens do capitão Diego de Orbina, um dos em que se dividia o de D. Miguel de Moncada. A 26 de maio de 1571 conclui-se a liga contra os turcos, firmada entre Felipe II, Pio V e Veneza, e para generalissimo da armada é nomeado o bastardo de Carlos V, Don Juan d'Austria. A 7 de outubro de 1571 descobre-se o inimigo às bocas de Lepanto. Trava-se a rija peleja, de que saiu vitoriosa, sobre o crescente ameaçador, a armada espanhola. Cervantes porta-se como bravo. Uma arcabuzada levou-lhe a mão esquerda e alcançou-lhe o peito e só com uma das mãos teve de, mais tarde, compôr o seu poêma em prosa mais duravel que o bronze.

Sempre à cata de fortuna, alista-se de novo, e participa da batalha de Navarino (*), de que deixou a descripção nos capitulos da novela O CAPITÃO CATIVO, P. I — Cs. 39, 40, 41.

(*) ... no ano seguinte que foi o de 72, achei-me em Navarino vogando na capitana dos três farois... (Q. P. I C. 39.)

Em 1575 obtem permissão de voltar á Espanha. E' quando visita as principais cidades da Italia, no cheio do fulgor renascentista. Em viagem à Espanha, munido de cartas ao rei, escritas por D. Juan d'Austria, foi aprezado por corsários argelianos, sob o mando de Arnaute Mami, a 27 de setembro desse ano, com seus companheiros e seu irmão Rodrigo. Cinco anos de cativeiro, em Oran. Dali Mami, avaliando a Cervantes pelas cartas que conduzia, exigia um resgate vultuoso. Trama fugas sensacionais, cujo relato se lêm nos capítulos do CAPITÃO CATIVO. Todas, porém, mal sucedidas. Até que, depois de uma odisséia de sofrimentos e lutas, em 1580 recupera a liberdade, por uma enorme paga.

Aportando à Espanha, o seu espírito de aventureiro, de homem que nunca se conformou com a miseria, procurando dinheiro, fá-lo alistar-se no exército espanhol que fazia a campanha de Portugal, depois da morte do cardeal D. Enrique, de quem os portuguêses cantavam a quadra irônica,

Viva el-rei Dom Enrique
No inferno por muitos anos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos Castelhanos.

Foi parte na batalha travada nas aguas da ilha de São Miguel, a 25 de agosto de 1582, de que resultou a Portugal o domínio espanhol dos Felipes.

Em Portugal se amancebara com uma dama portugueza, de quem teve uma filha, Isabel Saavedra, que o acompanharia, solicitamente, vida afóra.

Em 1584 contraiu matrimonio com D. Catalina de Palácios Salazar y Vozmediano, de ilustre família de Esquivias.

Desenganado e perseguido por uma nobreza egoista, torpe e

apodrecida, que se desmoronava na intriga, no deboche e no cinismo mais crapuloso, percebeu muito bem a sua queda iminente.

Enveredou pela carreira de escritor. No principio escrevendo *pastorais*, genero da moda, depois que o gênio do napolitano Sannazzaro a consagrou. De seguida meteu-se a teatrologo. Mas recuou, assombrado, ante a fecundidade e o genio de Lope de Vega, com quem mais tarde entra numa inimizade figadal. Confessa:

> ... *inmediatamente entró a dominar el teatro, el monstruo de la naturaleza, el gran Lope de Vega, y se alsó con la monarquia cómica, y avasalló y puso debajo de su jurisdicción a todos los farsantes, llenando el mundo de comedias proprias, felices y bien razonadas.*

Passam-se-lhe vinte anos de sérias aperturas financeiras. A nobreza, desfazendo-se no gozo devasso de um fim de classe, preferia as mediocridades, afastando os valores reais.

Em 1588 aceitou o cargo de comissario de provisões da armada, que desempenhou até 1592. Em Setembro deste ano foi preso. Em 1590 pediu um emprêgo vacante nas Indias, recurso extremo dos que se consideravam perdidos. Em 1597 foi preso de novo, acusado de prevaricação. De 1599 a 1603 faltam notícias de sua vida. Acreditam alguns dos seus biógrafos ter êle estado na Mancha onde fôra preso, outra vês, e metido nos carceres de Argamasilha (*) Passou para segundo plano este parecer.

(*) Do carácter aventureiro de Cervantes, e, o que é mais, do seu carácter de aventureiro por miseria, ficou a quadra amarga no QUIXOTE:

A la guerra me lleva
mi necesidad,
si tuviera dineros
no fuera en verdad.

> *Guerra, arruinó para siempre la anticua fábula da la carcel de Argamasilla, y vindicó con buenas razones para la de Sevilla el honor de haber sido cuna de la primeira parte del* Quijote. (*Estudios de Critica Literaria, Menendez y Pelayo* — V. 5, p. 199).

Em Sevilha (*), pois, escreveu, aos 57 anos de idade, vivido e sofrido, cheio do conhecimento dos homens, numa época de transtornos e transições violentas e bruscas, fugidia e ingrata, como todas as épocas de transito — como a nossa época — o seu romanse imortal. Fez dele o seu látego, "látego de estrelas", e como látego flagelador, o manejou como ninguem, Nem, antes, Juvenal, nem, depois, o respeitavel *monsieur* Arrouet. E já quando o compunha, brandia-o a gargalhadas estentorias.

> *Y cuentan, amigos mios, que Cervantes se reia mientras engendraba a* Don Quijote. *Se reïa a carcajadas, estruendosamente, a gritos. Sus guardianes acabaron por alarmar-se, convencionando-se que al preso le habia entrado el diablo en el cuerpo, ultima desgracia que podria sobrevenirle.*
>
> *Porque es bueno que sepais que en aquellos lejanos tiempos, hace de esto trecescientos años, las gentes creïan que el diablo podia entrar en nuestro cuerpo para obrar sus malificios. Y ante las sospechosas carcajadas del recluso, que en un calabozo daba asi rienda suelta a su alegria, no pudieron menos creer en la intervención*

(*) Numa de suas novelas chama Sevilha, cidade principal naquele entonces, "amparo de pobres e refugio de desdichados".

del espiritu del mal. Llamaron, pues, al cura de la locadidad, para que alejara al demonio a fuerza de oraciones y agua bendita. El cura entró, temeroso, el la celda de Cervantes, y este, sin ningum trabajo, le explicó la causa de su jovialidad, leyendole los pasajes más sabrosos de su regocijado relato. Minutos después, el asombro de los carceleros llegaba a su colmo, al escuchar las risas de Cervantes y las carcajadas del cura. Y mirando por el ojo de la llave, pudieron ver como, inclinados sobre las garrapateadas quartillas, daban señales y pruebas de la más sana alegria, sin nada de sospechozas que hiciesen creer en maleficas intervenciones infernales (*Juan S. O'. Leary* — El libro de los heroes. *Asuncion*, 1922, *pag.* 56).

Publicada a I parte em 1605, nesse mesmo ano saíram 4 edições: 2 em Madrid, 1 em Valencia, e 1 em Lisbôa.

Desde logo, encheu o mundo de gargalhadas. Conta-se que do seu palacio, á beira do Manzanares, viu Felipe III a um estudante que, com um livro nas mãos, ria a bandeiras despregadas. "Aquele estudante — disse o rei — ou está louco ou lê a historia de D. Quixote". Para satisfazer a curiosidade real foram verificar a alternativa, alguns cortezãos. Voltaram alviçareiros, dizendo-lhe que o jovem lia o *Quixote*.

Terminada a I parte do *Quixote* em 1604, em principio do ano seguinte sai á luz. Em 1615 publica a segunda parte. Já velho, de 68 anos, a 23 de Abril de1616, como diria um dos espíritos mais altos de todos os tempos — Homero (Iliada) (*);

(*) Tradução de Odorico Mendes.

Enoita-se-lhe a vista... (*Canto V*)

e

Eterna escuridão lhe cobre os olhos... (*Canto IV*)

*

* *

Fês o poêma do riso, de que é, desde então, o filósofo insuperavel. Os Bergsons vão-se-lhe aberberar para escrever os seus ensaios psicológicos e sociais sobre *Le rire*.

A SA'TIRA ANTI-FEUDAL

Como já se disse, não deixaria de ferir a argúcia de Cervantes, a desorientação da nobreza, debatendo-se, despavorida, aos abalos e estalos do seu desmoronamento, e procurando, na mais feroz reação, sobreviver à morte irremovível e iminente.

E esse anseio de sobrevivência, que tão cruamente, tão *fascistamente* se encarnou em Carlos V e Felipe II, marmorificou-a Cervantes, na figura delirante e impotente do seu espadachim manchego.

De fácto, que pretenderam êsses dois poderosos monarcas? Nada mais, nada menos, que restaurar a Idade Média, que se afundava ante os embates do 3.º Estado. Armou-se, dos pés á cabeça, a instituição mais reacionária e prepotente que a história até então conhecera — a Inquisição. Carlos V queria universalizar a reação (*). Para tanto, sonhou com o Império Universal, mas, reconhecen-

(*) A la vez, el imperio, con todas sus consequencias politicas y relijiosas y en cabeza de Carlos I, hizo de España (y especialmente en el periodo de su maior fuerza militar) una nacion incorporada a las grandes questiones universales y con ideologia orientada en este sentido. (Raphael Altamira, Manual de Historia de España, pag. 336, Madrid, 1934).

Acuña resume num verso de um soneto célebre, essa grandeza espanhola:

Un monarca, um imperio y una espada.

do a impossibilidade de realizar tão absurdo pensamento, em habitos de monge, num gesto mistico, recolheu-se a um convento, deixando a Felipe II o encargo de consumá-lo. Disso não se descuidou o "demonio do Escurial", pois em seu desmedido orgulho e fanatismo, pensaria tê-lo quasi em mãos, no legado colossal da "Espanha sem poente".

O pensar que Cervantes pretendeu pôr em broma o delírio reacionário de Carlos V, não é coisa extranha a alguns comentadores da sua obra. E isto é IMPORTANTISSIMO.

> *Parece que também fôra tradição que neste folheto* (*) ultrajára Cervantes a memória do Cesar Carlos V. *afirmando que o* Quixote *era uma sátira ao cavalheiresco imperador...* (*Latino Coelho,* CERVANTES, *pags.* 120).

Tão louco, de certo, foi o manchego em querer restaurar a cavalaria andante — espinhaço do feudalismo — quanto Carlos V, querendo estruturar, em traves metálicas ou cimento armado, de uma pavorosa justiça inquisitorial, a reação contra a burguesia nascente.

*
* *

A Península adiantou-se nas novas empreitadas. Pioneira dos descobrimentos, tornou-se o empório burguês, por excelência, da Europa. A revolução burguesa caminhava, aí, a passos de gigante. Porisso mesmo, organizou-se a mais feroz e despiedosa reação obscurantista, que só teria o seu símile, apurado, nos delírios fascistas dos nossos dias. Agora, como nesses entonces, o judeu foi o termometro.

(*) Refere-se ao BUSCAPIE'. Este folheto se existiu, hoje é perdido, Ha quem afirme ter sido visto um exemplar nas mãos do conde de Landa.

LITERATURA DE CAVALARIA

Como elogio literario da nobreza mediavel e das virtudes cavaleirosas, natural e consequente corolario da sua estabilisação social, aparecem, numa eclosão formidavel, formando a literatura de preferencia — os livros de cavalaria. Dom Quixote em poucas, mas fulgurantes palavras, fês a história e o panegírico da cavalaria, na P. I - C. 13. E' incessante a sua preocupação por ela e pelas coisas que se lhe respeitam.

Toda a Europa feudal produziu e estimou tal literatura. Dos ciclos bretões, com que se inicia, aos relatos façanhudos do rei Artur, do *Cantar de Roland* ao do *Cid,* vem uma *corrente de prosperidade* déssa literatura que fazia as delicias da côrte e da nobreza. Ainda a Italia a conheceu, nas sarcasticidades de fogo do renascentista Ariosto, modelando o *Orlando Furioso.*

Na Espanha, porém, teve ela o culto mais acendrado. Do *El Caballero Cifar* ao *Libro de la Monteria* e ao *Libro del Caballero et del Escudero* — Seculo XIV — *ao Cantar del mio Cid* para culminar no celeberrimo *Amadis de Gaula* — que se atribui á autoria portuguesa mas de enorme projeção na Espanha — a extração de tais livros foi epidemica (*) Este ultimo tornou-se uma especie de manual — breviario das altas camadas sociais. Lia-o Francisco I, preso nos carceres madrilenses. Lia-o Ignacio de Loyola. A mística Santa Tereza. E don Diego Hurtado de Mendonça. Era o retrato animado das virtudes da classe. Cervantes, falando pela boca julgadora do Cura, no extraordinario C. VI - P I, fá-lo es-

(*) Um édito de 1553 pôs fóra de circulação os livros de cavalaria. Mas sem resultado, porque predominando continuaram eles, como leitura preferida das altas classes e no QUIXOTE declara o seu autor:... "Os libros de cavalleria que tan validos andan en el mundo". (I, 52).

capar ás chamas, por intercessão do Barbeiro, que achava dever ser perdoado...

...por ser unico em sua arte...

Doutras feitas ainda a ele se reporta D. Quixote. E' n.º C. 25 - P. I considerando-o.

... o unico, o primeiro, o mais cabal, e o senhor de todos quantos em seu tempo no mundo houve.

E das fogueiras se salvaram tambem *Palmerin da Inglaterra*...

... primeiro porque é de si muito bom; segundo, por ter sido seu autor um discreto rei de Portugal...

a *Historia do famoso cavaleiro Tirante el Blanco* pois era...

... um tesouro de contentamento, e mina para passatempos...

e o *Don Belianis*, que embora precisasse

... de um pouco de ruibarbo, para purgar a sua demasiada cólera...

... se se emendasse, se usaria com êle de misericordia e de justiça...

Voando ao patio, onde a ama fizera a chamarada consumidora de tão "má seita", foram as *Sargas de Esplandião*, o *Amadis*

de Grecia, o *D. Olivanti de Laura*, o *Florismarte de Hircania*, o *Cavaleiro Platir*, o *Palmerin de Oliva*, o *Bernardo del Carpio*, o *Roncesvalhes*.

* * *

Distraídos por mis imágenes han resbalado sobre mis pensamientos.

Ortega y Gasset

Todos os escritores são unanimes em proclamar que Cervantes escreveu *Quixote*, para pôr em ridículo os livros de cavalaria em vóga. E citam do próprio volume:

... é todo êle uma invectiva contra os livros de cavalaria andante... (*Prologo*).

... e pois que a vossa escritura tem por único fim desfazer a autoridade que por esse mundo e entre o vulgo ganharam os livros de cavalaria... (Prologo).

E, mais, o esconjuro que pôs na boca do cavaleiro agonizante,

Já sou inimigo de Amandis de Gaula, e da infinita caterva da sua linhagem; já me são odiosas todas as histórias profanas de cavalaria andante; já conheço a minha necedade e o perigo em que me pôs o tê-los lido; já por misericordia de Deus, e bem escarmentado, as abomino. (P. II - C. 72).

... pois não foi outro o meu intento, senão o de tornar aborrecidas aos homens as fingidas e disparatadas histórias dos livros de cavalaria, que já vão tropeçando com as do meu verdadeiro Dom Quixote, *e hão-he cair de todo, sem dúvida alguma.* (P.II - C. 74).

Apesar de declarações tão *categóricas* e *iniludiveis*, precisam elas de comentário mais profundo. Não é possivel que só êsse, o de pôr em ridículo os livros de cavalaria, fôsse o intuito de Cervantes. Já se viu, no parágrafo anterior, qual foi o seu propósito, FUNDAMENTALMENTE POLITICO, escrevendo *Quixote*: — lançar em irrisão cáustica e eterna, o delírio reacionário de Carlos V. Cervantes, que tinha levado uma vida nada pacífica, e, muito pelo contrário, agitada de lutas, tomando parte obscura mas ativíssima, no cenário político da sua época, não se iria contentar em escrever uma vasta obra, desproporcionada em tamanho e sentido, só para pôr em ridículo os livros de cavalaria andante. O que parece mais acertado, de acôrdo com o que está exposto e de acôrdo com o que ainda se vai ler, é que êle não visse melhor meio, para levar o seu imenso sarcasmo ao feudalismo, a todos os recantos do mundo, do que servir-se da arma mais vulgar, muito preferida, literáriamente, na época — a literatura de cavalaria. E a aproveitou com gênio. (*).

(*) "Salgamos inmediatamente al encuentro de esa explicación banal de los propósitos de Cervantes al escribir EL QUIJOTE que los manuales de literatura nos ofrecen tomando por sincera verdad las palavras de su autor en el prólogo **del Ingenioso Hidalgo.** Seria pueril atribuir la creación de la magna novela al solo deseo de caracterizar los libros de caballaria" (HISTORIA DE LA LITERATURA ESPANHOLA — JUA'N CHABA'S - pg. 42).

Ha quem julgue que a intenção de Cervantes fôra escrever uma grande novela moral. Argumentam com a conversação que mantiveram o Cura e o Canonico, P. I - Cs, 47 e 48. Mas para tanto não precisava Cervantes das burlas do seu QUIXOTE. Obras morais escreveu-as êle nas suas NOVELAS EJEMPLARES, das quais a maior é a do "**Curioso Impertinente**" que embutiu como os Cs, 33, 34 e 35 da P. I — Faria, então, uma grande novela nesses moldes e para tanto dispunha de um entendimento peregrino.

A maioria dos Cervantistas nega-lhe tal proposito. E uma das razões é o modo respeitoso porque Cervantes se refere a Carlos V, chamando-o **invictissimo** (Q - P. I, C. 39). Não é suficiente o argumento. A época não permitia outro tratamento, a monarca tão poderoso. Arrieta, negando tambem esse intuito de Cervantes, reconhece, entretanto:... "nel emperador Carlos V y otros sujetos importantes de su côrte en cuyas empresas y negocios reinaba a la verdad cierto espiritu caballeresco, que podia muy bien prestar-se a la sátira".

Um escritor francês, resumindo o QUIXOTE, embora combata, aliás sem fundamento, a razão politica da obra, declara: "Quiz ver-se (no QUIXOTE) uma sátira politica. Dom Quixote não seria outro senão Carlos V, remoendo em seu cerebro a sua quimera de monarquia universal". — Diz-se que sem fundamento é a afirmativa dêsse escritor, porque, para tanto, baseia-se êle na declaração de Cervantes no Prefacio á Primeira Parte do QUIXOTE, em que diz do seu intuito de destroçar, de uma vez para sempre, os livros de cavalaria. Ora, essa declaração, como se argumenta no texto, já ninguem a toma ao pé da letra.

Já essas preferências da *classe nobre*, revelam o saudosismo reacionário de uma classe em decomposição.

Plekanov escreve:

Enfim, se quizessemos chegar ao século XV e fixar nossa atenção, por exemplo, sôbre os romances de cavalaria que tiveram grande exito na Côrte e na aristocracia francesa da época, veremos ainda mais uma vez que êsses romances eram o espelho da vida e das preferências da classe em questão. (Les questions fondamentales du marxisme).

Dimitri Riazanov, na nota XXXV. ao citado livro, esclarece:

Segundo Sismondi, na França, sob Felipe V, os

romances francezes, que só eram então lidos na Côrte e nos castelos, modificaram os costumes nacionais, mostrando à nobreza ao que ela deveria aspirar como perfeição.

A literatura influencia nos costumes. Mas donde vem ela própria? A que causa deviam os romances de cavalaria a sua existência? A resposta é clara: os romances de cavalaria deviam a sua existência à existência dos costumes de cavalaria.

Óra, êsses costumes, na época de Cervantes, estavam quasi mortos. O seu gênio não se iria deter a tripudiar sobre usos vasquejantes.

Muitos passos da obra demonstram como Cervantes tinha por morta a cavalaria. E só estando ela morta e enterrada, poderia alguem meter-se a burlar-se-lhe.

— Ditosos e felicissimos tempos, em que ao mundo veio o tão audaz cavaleiro D. Quixote de la Mancha pela sua mui honrada determinação de restituir ao mundo a já quasi esquecida ordem da cavalaria andante (*P. I - C.* 28).

— Lá disso não tenho mêdo — respondeu o vendeiro; — não hei de ser tão doido, que me faça cavaleiro andante; sei muito bem, que já hoje em dia se não usa o *que se fazia naquele tempo, em que se diz que andaram pelo mundo estes famosos cavaleiros.* (*P. I - C.* 32).

Para salvar a cristandade do turco, achava D. Quixote que só a restauração da cavalaria, embora conviesse em que...

... sua Majestade está a estas horas muito longe de pensar...

em tal

... precaução. (*P. II - C.* 1).

... só me canso — disse D. Quixote — para fazer perceber ao mundo o êrro em que labora, não renovando os tempos em que a ordem da cavalaria andante campeava em toda a pompa... (*P. II - C.* 1).

Fala D. Quixote ao Cavaleiro do Verde Gabão:

Sai da minha patria, empenhei a minha fazenda, deixei os meus regalos, e entreguei-me nos braços da fortuna, que me levasse aonde fosse servida...

... quiz resuscitar a já morta cavalaria andante... (*P. II - C.* 16).

Na mesma Parte e Capitulo lê-se o assombro desse simpatico Cavaleiro do Verde Gabão; dirigindo-se a Dom Quixote:

Como! é posivel que haja hoje cavaleiros andantes no mundo... (*):

... e tanto estudantes como lavradores, cairam na mesma admiração em que caiam todos os que viam pela primeira vês a D. Quixote, e *morriam por saber que*

(*) Traduziu mal este passo o Visconde de Castilho Antonio. O original é: — "Como y es posible que **hay hoy** caballeros andantes en el mundo, y que hay historias impresas de verdaderos caballeros?..." Castilho verteu, resumindo o periodo e deturpando-lhe a fidelidade espiritual: "Como é possivel que haja histórias impressas de verdadeiras cavalarias!..."

homem seria aquele, tão fóra do uso dos outros. (*P. II - C.* 19).

Exclamou o malandro Pedro, *el titeretero,* abraçando Dom Quixote pelas pernas:

— Abraço estas pernas, como se abraçasse as duas colunas de Hércules! ó ressuscitador da já olvidada cavalaria andante. (*P. II - C.* 25).

Só a revolução, que se operava ao tempo de Cervantes, explica o desrespeito aos livros de cavalaria. Como já se sabe, eram a leitura constante e preferida das altas camadas sociais da medievalidade. Espelhavam as suas ínclitas virtudes. Não se conceberia, séculos anteriores ao XVI e XVII, a queima dos romances do Cap. VI - P. I num divorcio total das tradições feudais. Não se compreenderia a excomungação da ama, da sobrinha, do cura, de Sansão Carrascão, do padre confessor, dos duques burlões da II P. Menos ainda, a irreverência do proprio cura Pero Pérez, enviando ao lume livros como o intitulado — EL CABALLERO DE LA CRUZ — P. I - C. 6 — embora saíndo-se com a desculpa de que atrás da cruz está o diabo.

O que Cervantes soube aproveitar foi o *meio,* para levar o seu ridículo ao próprio seio da nobreza, que se dava " a lêr livros de cavalaria". Todos os nobres ou ricos do seu livro, têm conhecimento dêles. Só os plebeus fazem excepção. (*) Sancho, de início, nunca tinha ouvido falar neles, nem nêsses costumes. Acompanhou o cavaleiro, martelado, em sua ambição, pelas maravilhosas

(*) Não tem razão Arrieta quando afirma que "éra grande en todas las clases la aficçón a su lectura", isto é, dos livros de cavalaria. Pelas citações do texto, verifica-se que só as camada elevadas os conheciam.

promessas que lhe fizera. — Sancho mesmo confessa, ao lhe falar o amo de suas virtudes cavaleirosas, perguntando-lhe se havia visto mais valoroso cavaleiro sobre o descuberto da Terra:

Valha a verdade, eu nunca li histórias, porque não sei lêr nem escrever... (P. I - C. 10).

E' verdade que no contacto do amo, aprendeu a conhecê-los. E ante a ignorância de Maritornes, plebéia, criada de venda, que lhe pergunta:

— Que vem a ser cavaleiro de aventuras?

— Tão novata sois no mundo, — que o ignorais? — respondeu Sancho — pois sabei, irmã, que cavaleiro de aventuras vem a ser um sujeito, que em duas palhetadas se vê desancado, e Imperador. Hoje está a mais desditada criatura do mundo, e a mais necessitada, e amanhã terá duas ou três corôas reais para as dar ao seu escudeiro. (P. I - C. 16).

Antes, na aventura dos cabreiros, verifica-se:

Não entendiam os cabreiros aquêle palavriado de escudeiros e cavaleiros andantes... (*P. I - C.* 11).

Também é certo que entre os do 3.º Estado, há quem os conheça. O vendeiro gordo e socarrão da P. I - C. II, declara ao cavaleiro:

... que também êle que lhe falava, quando ainda mancebo se havia dado áquele honroso exercício, an-

dando por diversas partes do mundo à busca de suas aventuras, sem lhe escapar recanto nos arrabaldes de Málaga, ilhas de Rierán, Compasso de Sevilha, Mercados de Segóvia, Oliveira de Valença, Praça de Granada, Praia de Sanlúcar, Porto de Córdova, Vendas de Toledo, e outras diversas partes, onde tinha provado a ligeireza dos pés, a subtileza das mãos, fazendo muitos desmandos, requestando a muitas viuvas, enxovalhando algumas donzelas, enganando menores, e, finalmente, dando-se a conhecer por quantos auditórios e tribunais ha, por quasi toda Espanha.

Era a patifaria burguesa do vendeiro, respondendo aos propositos alucinados do cavaleiro de...

... ir por todas as quatro parte do mundo buscar aventuras, em proveito dos necessitados... (Ibid).

Encubrir intenções, com mascaras literárias, é coisa muito usada neste mundo, principalmente naquelas eras de Autos de Fé (*).

Além do mais, já ridiculizar os livros de cavalaria andante, é

(*) E note-se que o usar de disfarces não era coisa desconhecida a Cervantes. Arrieta, que lhe nega a intenção politica, — e já discutiu o seu parecer — escreve, reportando-se as personagens de "La Galatea", obra pastoral de Cervantes: "Otros poetas intentarón disfrazar la sociedad con el traje de los pastores. Cervantes quiso además retratar de intento a determinados personajes. Bajo los nombres del ya difunto Meliso quiso celebrar a Don Diego Hurtado de Mendonza; bajo al de Tirsi, Damon, Siralvo, Lauso, Larsileo y Artidoso, puso en scena a sus amigos Francisco de Figueiroa, Pedro Lainez, Luiz Galvo de Montalvo, Luis Barahona de Soto, don Alonso de Ercilla, y micer Andrés de Arrieta; y si el tiempo no hubiera consumido las memorias que se hallaban frescas entonces, aun decifrariamos otras semblanzas, e interpretariamos otras alusiones".

ferir de frente a própria cavalaria, eixo e sustentáculo que foi da organização feudal, como se verá mais adiante.

Alguém que se propusesse escrever, mostrando a falência e o ridículo dos livros de filosofia e mística rudimentar dos nossos dias — bergsonismo e espiritismo — não faria sómente trabalho de demolição livresca, mas, especialmente, ideológico e político, de uma classe que se apega a fantasias metafísicas e alucinações animísticas, com que se consolar da decadencia.

Foi o que fez Cervantes. Num livro, que sôa o bronze da eternidade, lançou a sua estridente gargalhada, sôbre a literatura preferida de uma classe, e, consequentemente, sôbre essa classe mesma, em fragorosa derrocada.

*
* *

A publicação do *Quixote* estonteou e desapontou (*). Escrito no mais festivo, jovial e lindo estilo em que poderia discorrer o gênio humano, logo a burguesia revolucionária o tomou em mãos, e fez dêle o seu livro, fazendo-lhe a fortuna, com uma publicidade larga e universal. Encheu-lhe as medidas... E foi então rir, num rir três vezes secular, não da "estranha loucura" do cavaleiro, mas da consciência social, das idéias inúteis, esgotadas e inócuas que êle carregava, transformando o pacifico e culto fidalgo Alonso Quijano, na melancólica, evanescente e tragi-cómica silhueta do Cavaleiro da Triste Figura.

(*) — E' tão verdade, senhor — disse Sansão — que tenho para mim que no dia de hoje estão impressos mais de doze mil exemplares da tal história; senão, digam-no Portugal, Barcelona e Valência, onde se estamparam, e ainda corre fama que se está imprimindo em Antuérpia, e a mim me transluz que não há-de haver nação em que se não leia, nem língua em que se não traduza". (P. II - C. 3).

Cervantes viu, no turbilhão da sua época, que a nobreza feudal era, já, apenas, uma carcassa miserável. Viu-lhe, também, os improfícuos esforços por se restaurar... Isto é, viu-a em sua impotência senil, querendo um pacto com algum Mefistófeles, que a reerguêsse. Mas, não lhe apareceu, como a Fausto, o barbicha renovador. E lá se foi. dos embates com o robusto 3.º Estado, de cambulhada, às profundas do inferno histórico, consumindo-se, até a incineração nos assadeiros burguêses de 89.

Pois êsse despenhar, foi que Cervantes acompanhou da sua risada demoníaca.

LUTA DE CLASSES E BURGUESIA NO QUIXOTE

A afirmação central deste ensaio, resume-se por este modo:

CERVANTES TALHOU, A GOLPES DE GÊNIO, NAS PERSONAGENS DA SUA OBRA, ESPECIALMENTE NAS DUAS PRINCIPAIS, DOM QUIXOTE E SANCHO, CONSCIÊNCIAS SOCIAIS, PERFEITAMENTE CRISTALIZADAS.

Tudo o que mais aquí se escreve são, apenas, contributos desta tése fundamental. Nos capítulos dialécticos do texto, ela transparecerá, inequivocamente.

Mas, cabe formular, às claras, a pergunta:

Teve Cervantes o deliberado propósito de escrever um livro, que fôsse o retrato fiel de uma classe em agonia, — o feudalismo, — ao mesmo passo que o traçado autêntico de outra, —a burguesia, — que apontava para o mando histórico da sociedade de classes? (*).

(*) Já esta obra estava terminada, quando Adolfo Roitman, indicou, retirando-as de uma carta de Engels a Mina Kautski, que havia publicado um

Reflita-se sôbre o que se vai seguir, refletindo-se sobre o que já se seguiu.

Antes, porém, é preciso fazer notar, que, àqueles que objectarem ser qualquer livro o reflexo das idéias e costumes da sua época, responde-se que o *Quixote* é isso, e ainda mais: o relato consciente e propositado dêsses costumes e dessas idéias, satirizadas as que, definhando, ainda tentavam sobreviver, e exaltadas as que, embora noviças, representavam um horizonte novo.

*
*. *

Colóca Cervantes, numa contradição permanente, de vistas, hábitos, interêsse e *consciência* de classes, um ao lado de outro, um nobre DOM QUIXOTE, e um vilão-burguês SANCHO PANÇA. A pugna, a hostilidade tensa dêstes dois interêsses, que reflete, porisso mesmo, duas mentalidades antagônicas, percorre a obra de ponta a ponta, como os centros nevrálgicos, sensíveis, medulares de um ser vivo. E' ela que dá interêsse, vida e movimento ao livro. A incidencia da contradição Dom Quixote — Sancho

romance de caráter proletário. e datada de 26 de novembro de 1885, estas palavras que confirmam as idéias dêste livro:

— "Não sou contra a poesia tendenciosa como tal. O pai da tragédia, Esquilo, e o pai da comédia. Aristófanes. foram dois poetas manifestamente tendenciosos. O MESMO ACONTECEU COM DANTE E CERVANTES. E o mérito maior de "Malicia e amor", de Schiller, é ser o primeiro drama alemão politico e tendencioso. Os escritores russos e norueguêses contemporâneos, que escrevem excelentes romances, são todos, sem excepção, tendenciosos",

Confirmando a afirmativa transcrevem-se as palavras de José Pereira num estudo sobre **Cervantes como crítico**, em que se detem a detalhar o fundo intencionados das **Novelas Ejemplares:** "Cada una de ellas es pintura exactissima de caracters y escenas reales. Los costumbres de los aduares de gitanos, nos los describe en **La Gitanilla;** la de la gente desalmada, en **Rinconete y Cortadillo;** la odiosa conducta de las zurzidoras de voluntades en **La tia fingida;** los tris-

Pança tem a carga dinâmica de um contacto voltáico, que anima, poderosamente, a obra inteira.

Sancho é a contínua negação do seu amo. E' o seu "não" permanente. O homem que nega.

O livro compléto é o relato das lutas entre as duas classe disputantes da época, nobreza e povo, representantes de dois interêsses oposto e de duas consciências antagônicas — a nobreza em *Dom Quixote*, o sonhador decadentista da restauração feudal, e a burguesia, ainda integrada no 3.º Estado, personificada em *Sancho*, nos vendeiros, no barbeiro, nos curas e nos nobres aburguesados, como o cavaleiro do Verde Gabão, os duques e seus aulicos.

O valor das classes sociais e as suas lutas se manifestam, cruamente, em muitas passagens do livro.

D. *Quixote* possui o despreso feudal contra o vilão. Quando Sancho quasi arrebenta de rir com os maços de pisão, (P. I - C. 20) o cavaleiro raivoso e corrido de vergonha, diz-lhe:

> *... e demais, bem podia ser (assim era realmente) que eu nunca em dias de vida tal houvesse presenciado, como vós outro, que sois um rústico e um vilão ruim nado e criado entre êles (P. I - C. 20).*

---

tes resultados de las imprevisiones amorosas, en **El casamiento enganoso;** el premio de la constancia y abnegación, en **El Licenciado Vidriera;** la noble reparación de un delito, en **La fuerza de lo sangre;** los peligros que ocasionan los matrimonios entre personas de muy diferente edad, en **El celoso extremeño;** el pudor y la beleza debidamente recompensados, en **La ilustre fregona;** las deplorables conscuencias que pueden causar las reflexiones de las jovenes, en **Las dos doncellas;** el triunfo de la virtud y la hermosura sobre las mayores adversidades, en **La española inglesa;** los vicios e defectos de todas las clases sociales, en la incomparable crítica filosofica que se titula **El coloquio de los perros".**

Donde a observação do cavaleiro:

> *De tudo o que te disse has de inferir Sancho, que é preciso fazer a diferença de amo a criado, de senhor a moço, de cavaleiro a escudeiro.*

Lê-se, na história de Cardênio,

> *Sabiam nossos pais, nossos intentos, e não se incomodavam dêles, porque bem viam que, quando passassem adiante, não podiam ter outro fim que o de casarmos,* coisa que quasi concertava a igualdade da nossa linhagem e riqueza (*P. I - C.* 24).

Neste mesmo capítulo, quando Sancho se esmurraça com o pastor, e Dom Quixote quer interferir, observa-lhe o escudeiro:

> *Deixe-me Vossa Mercê, senhor Cavaleiro da Triste Figura, que neste, que é* VILÃO COMO EU, *e não está armado cavaleiro, bem posso a meu salvo satisfazer-me do agravo que me fez, pelejando com êle mão a mão, como homem honrado.*

A própria cultura serve como sinal divisor de classe.

> *A mais subiu ainda a maravilha, quando repararam serem versos o que ouviam cartar, não de estilo de pegureiros rústicos, mas de cortesãos discretos... (P. I - C.* 27).

O interêsse, a ambição ressumbra destas palavras de Cardênio, apostrofando Luscinda:

Dei-lhe apodos de cruel, ingrata, falsa e desagradecida, e sôbretudo de ambiciosa, pois a riquesa do meu inimigo lhe tinha fechado os olhos, para se me roubar, e entregar-se àquele com quem mais liberal e franca a fortuna se havia mostrado (*P. I - C.* 27).

E mais adiante, prosseguindo, explica o pobre Cardênio:

Por derradeiro conclui, que pouco amor, pouco juízo, muita ambição, e desejo de grandezas, a tinham feito esquecer das palavras com quem me enganára para as minhas esperanças e honestos desejos (*P. I - C.* 27).

No caso de D. Fernando e Dorotéa, observa-se a *divisoria social de classes* — nobre e burguesa . Traça-a Dorotéa:

Dêste Duque são vassalos meus pais, humildes, de geração, porém tão ricos dos bens da fortuna, que, se o nascimento lhos igualasse, nem êles teriam mais que desejar, nem eu temeria nunca ver-me na desgraça em que me vejo. (*P. I - C.* 28).

Continúa fotografando a confusão das classes — aburguesamento da nobreza e *enobrecimento* da burguesia — que já se processava na época:

Verdade é, que não são tão humildes, (*Dorotea refere-se a seus pais*) *que se devam envergonhar do seu estado, nem tambem tão altos, que me tirem a cisma em que estou de ser a minha desgraça efeito da sua humildade. Em suma: são lavradores, gente chã sem nódoas na geração, e* (*como se costuma dizer*) *cristãos velhos e rançosos, mas não tão rançosos, que a sua riqueza e*

magnífico trato lhes não vá a pouco e pouco adquirindo nome de fidalgos e cavalheiros... (*P. I - C.* 28).

Mas a ambição de se ver nobre, transluz desta alegre esperança, apezar da desconfiança que a sua situação de lavradora levantava, diante da fidalguia de D. Fernando:

... em verdade me dava não sei quê contentamento ver-me tão querida e estimada de cavaleiro tão principal... (*P. I - C.* 28).

E' ainda Dorotéa quem fala:

Tua vassala sou, mas não tua escrava; não teve nem deve ter império a nobreza do teu sangue para deshonrar e ter em pouco a humildade minha; e eu tambem me estimo, VILÃ e LAVRADORA, *como tu,* SENHOR e CAVALHEIRO. (*P. I - C.* 28).

E quando observa a D. Fernando:

... disse-lhe que visse bem o que fazia, e que considerasse o desgosto que o senhor Duque seu pai sentiria de o ver casado com uma vilã sua vassala; *que se não cegasse com a minha formosura, tal qual era, pois não era suficiênte para desculpa do seu desatino; e que, se algum bem me queria fazer, pelo amor que me tinha,* fosse deixar correr a minha sorte por onde convinha à minha qualidade, *pois,* casamentos desiguais *nem se gozam, nem aturam muito no gosto com que principiam.* (*Ibid.*).

* * *

A nitidez dos interêsses transparece na ironica perspicacia de Cervantes, ao declarar que do Ouvidor

> ... *como discreto, já havia conhecido quão bem lhe ficava á sua filha aquele matrimonio...* (*P. I - C.* 44).

No romance do *Cativo Capitão*, quando este, empobrecido, reconhece no Ouvidor Juan Pérez de Viedma, seu irmão, rico, entre outras providências que toma para o reconhecimento não se invalidar, pede ao cura, a Cardênio e a D. Fernando...

> ... *conselho quanto ao modo que teria para descobrir-se, ou para conhecer primeiro se descoberto, seu irmão,* POR VÊ-LO POBRE SE ENVERGONHARIA, *ou o receberia com bôas entranhas.* (*P. I - C.* 42).

No romance de D. Clara, esta fala:

> *Ai! — senhora! — que fim se pode esperar, se seu pai é tão principal e rico, e não lhe parecerá que* EU NÃO PÓSSO SER CRIADA DE SEU FILHO, QUANTO MAIS SUA ESPOSA. (*P. I - C.* 43).

Antes, no capítulo 8, P. I, lêm-se estas palavras duplamente notáveis: notáveis pela exata compreensão de classe, e notáveis porque definem a psicologia burguesa de Sancho,

> *Aqui — disse D. Quixote — podemos, Sancho amigo, meter os braços até os cotovelos no que chamam aventuras; mas adverte, que ainda que me vejas nos maiores perigos do mundo, não has-de meter mão à espada para me defender, salvo se vires que os que me agravam são canalha e gente baixa, que, nesse caso pó-*

> *des ajudar-me; porém, se forem cavaleiros, de modo nenhum te é licito, nem concedido pelas leis da cavalaria, que me socorras, enquanto não fores armado cavaleiro.*
>
> *Decerto — respondeu Sancho — que nessa parte ha-de Sua Mercê ser pontualmente obedecido, e mais, que eu sou de meu natural pacífico, e inimigo de meter-me em arruídos e pendências. E' verdade que, no que tocar em defender cá a pessôa, não hei-de fazer muito caso dessas leis, porque as divinas e humanas permitem defender-se cada um de quem lhe queira mal.*
>
> *Não digo menos disso — respondeu Dom Quixote — porém, no ajudar-me contra cavaleiros hás-de ter mão nos teus ímpetos naturais.*
>
> *Afirmo-lhe que assim o farei — respondeu Sancho; êsse preceito hei-de-o guardar como os dias santos e os domingos.*

Também se encontra escrito, naquele memorável capítulo II da Parte II, que trata da conversação em que se entretiveram D. Quixote e Sancho:

> ... *e conta-me, Sancho amigo; que dizem de mim por êsse lugar? que* OPINIÃO FORMAM A MEU RESPEITO O VULGO, OS FIDALGOS, E OS CAVALEIROS?
>
> *— Pois, — respondeu Sancho — a primeira cousa que posso e devo afirmar, é que o vulgo tem Vossa Mercê por grandíssimo louco e a mim por não menos mentecapto.*

Dizem os fidalgos, que, não se contendo Vossa Mercê nos limites da fidalguia, tomou dom e se fez cavaleiro com quatro cepos e duas jugadas de terra, e com um trapo atráz e outro adiante. Dizem os cavaleiros que não quereriam que os fidalgos lhes opuzessem principalmente certos fidalgos escudeiros, que defumam os sapatos, e apontoam meias negras com sêda verde.

Mas onde a noção de classes se configura, em nitidíssimos contornos, é no monumental capítulo V da Parte II, que, pelo seu todo gigantesco, desorienta ao leitor. Lê-lo é quasi chegar à conclusão de que Cervantes antecipou Marx, não só na concepção das classes sociais, como nas das suas lutas e seus efeitos. E' a conversa entre Sancho e sua mulher Tereza Pança.

— Por minha fé — respondeu Sancho — que se Deus me chega a dar algum govêrno, hei-de casar Maria Sancha tão altamente, que todos lhe hão-de dar senhoria.

E replica-lhe Teresa, còm aquele faro de pobre, que mais tarde havia de ser o apanágio da mãe de Michael Gold, o de *Judeus sem dinheiro.*

— Isso não, Sancho, casa-a com um seu igual, que se a tiras dos sócos para os chapins, da saia parda de burel para as sêdas e veludos, do tratamento de Maricas e do tu para o de dona tal e senhoria, não sabe a

cachopa como se ha-de haver, e a cada passo ha-de caír em mil êrros, descobrindo o fio do pano forte e grosseiro.

— Cala-te, tola — disse Sancho — basta que o use dois ou três anos, que depois lhe virão como de molde o senhorio e a gravidade; e se assim não fôr, que importa? Seja ela senhora, e venha o que vier.

— Contenta-te com o teu estado, Sancho — respondeu Teresa — e não te queiras levantar a outros maiores, e lembra-te do rifão que diz: lé com lé e cré com cré. *Olha que seria bonito casar a nossa Maria com um condaço ou com um cavaleirote, que, assim que lhe parecesse, a puzesse com dono, chamando-lhe vilã, filha do estorroador dos campos, e da depenadora das rocas; tal não ha-de acontecer enquanto eu tiver o olho aberto, que não foi para isso que eu criei a minha filha; traze tu dinheiro, Sancho, e deixa a meu cargo o casá-la, que aí está Lopo-Tocho, filho de João Tocho, moço enxuto de carnes e são, e muito conhecido nosso, e que sei perfeitamente que não vê com máus olhos a rapariga; e com êste, que é nosso IGUAL, estará bem casada, e sempre a teremos aquí debaixo das nossas vistas, e seremos todos uns, pais e filhos, netos e genros, e andará entre nós a paz e a benção de Deus, o que vale muito mais do que ires tu casar-ma aí nessas côrtes e palácios grandes, onde não a entendem, nem ela se entende.*

— Vem cá, bêsta e mulher de Barrabás — replicou Sancho — porque quéres tu agóra, sem mais nem mais, estorvar-me que eu case a minha filha com quem me dê

netos que me tratem por senhoria? Olha, Teresa, sempre ouvi dizer aos meus maiores, que quem não sabe gozar da ventura, quando a tem, não se déve queixar se ela lhe fugir; e não seria bem, agora que ela está chamando à nossa porta, que lhe fechemos na cara; deixemo-nos ir com êste vento favorável que nos sopra.

Ainda se voltará, mais adiante, sôbre êste incidente, para uma análise mais importante.

Sancho não se esquece das palavras pressagas da mulher, e as lembra no C. 19 da P. II,

— Vão lá falar nisso à minha mulher, acudiu Sancho Pança — que até aí fora calado — quere ela que CADA UM CASE COM O SEU IGUAL, *agarrando-se ao rifão que diz: cada ovelha com sua parelha.*

Tambem Dom Quixote dizia a Sancho:

De tudo que te digo has-de inferir Sancho, que é necessário fazer-se diferênça de amo a moço, de senhor a criado, e de cavaleiro a escudeiro; portanto, de hoje em avante, devemo-nos tratar mais respeitosamente, sem nunca nos confundirmos um com o outro, porque de qualquer modo que eu me enfade convosco, quebrado afinal ha-de ser sempre o cântaro.

Mas é precisamente no romance das bodas de Camacho, o rico, e de Basílio, o pobre — P. II, C. 19, 20 e 21 — que se burilam, numa antecipação gênial à escola marxista, os traços diferenciativos das classes sociais.

O interesse num casamento mais polpudo, se manifesta:

Foi crescendo a idade, e o pai de Quitéria resolveu-se enfim a proíbir a Basílio a entrada em sua casa, e para se livrar de receios e suspeitas, tratou de casar sua filha com o opulento Camacho, porque lhe não parecia bem casá-la com Basílio, menos favorecido da fortuna... (P. II - C. 19).

Reflitam-se nestas palavras do Licenciado a Sancho, que estropeava palavras, irritando a finura literária do amo:

Sem duvida não podem falar bem os que se criam nas lojas de Zocodover como os que passeiam todo o santíssimo dia no cláustro da Sé, e contudo são toledanos todos. A linguagem pura e clara falam-na só os cortezãos discretos, ainda que tenham nascido em Majalahonda. *(P. II - C. 19).*

Despertado por Dom Quixote, para irem às bodas de Camacho, o rico, e ao lhe falar o cavaleiro, com dó, de Basílio, o pobre, responde-lhes Sancho:

— Que faça o que quiser, não fôsse êle pobre e veria como se desposava lógo com Quitéria. (P. II - C. 20),

Sabendo Sancho o valor do dinheiro, declara, expressando a sua psicologia burguesa,

— Com bom cimento se póde levantar um bom edifício, e o melhor cimento do mundo é o dinheiro (Ibid).

Ratzenhofer diz que o caracter essencial da época "do capitalismo e do comercio mundial" é que "o dinheiro é o instrumento mais eficaz para chegar a ter o poder".

E que se dirá a isto? Leia-se, mesmo sem atenção:

> *Cá o meu rei é o que me dá de comer e porisso viva Camacho, disse Sancho.*
>
> *— Afinal, acudiu Dom Quixote, bem se mostra que és vilão, e daqueles que dizem:* VIVA QUEM VENCER!
>
> *— Não sei de quem sou, nem de quem não sou — respondeu Sancho — mas o que sei, é que nunca de ôlhas de Basílio tirarei tão bôa escuma como tirei das de Camacho.*
>
> *E mostra-lhe a caçarola cheia de patos e galinhas e, agarrando numa das aves, começa a comer, dizendo:*
>
> *— Lá vai nas barbas das habilidades de Basílio, que tanto tens, tanto vales.* SÓ HA DUAS LINHAGENS NO MUNDO, *como dizia minha avó,* QUE SÃO O TER. E O NÃO TER, *e ela ao ter é que se pegava e hoje em dia, senhor Dom Quixote, mais se toma o pulso ao haver que ao saber; um burro carregado de ouro parece melhor que um cavalo albardado.* (*P. II - C.* 21).

Que resta senão copiar a Marx no MANIFESTO:

> *A história de toda sociedade, até aos nossos dias, não é mais que historia das lutas de classes,*
>
> *e,*
>
> *A sociedade se divide cada vez mais em dois vastos campos opostos, em duas classes inimigas — a burguesia e o próletariado,*

para confrontá-lo, simétricamente, ao dito lapidar de Sancho,

> *Só há duas linhagens no mundo, como dizia minha avó,* o Ter e o não Ter? (*).

Mas já se vão antecipando, por demais, as provas. Nos capítulos seguintes, serão elas exibidas em tal cópia, retiradas da própria obra, que deixarão perfeitamente convencidos os mais renitentes. Agora, apenas, ainda as palavras de Basílio, o pobre, à Quitéria, a rica, que se esposava com Camacho, um dos de sua classe.

> *... vivendo eu, não pódes tomar esposo, e também não ignoras que por eu esperar que o tempo e minha deligência melhorassem os meus bens de fortuna...*

E, em fingida agonia melodramatica,

> *Viva! viva o opulento Camacho, com a ingrata Quitéria, largos e felizes séculos, e morra o pobre Basílio,* a quem a pobreza cortou as asas da sua dita, e *o pôs na sepultura.* (*P. II - C.* 19).

* *
*

Sancho governa a ilha de Barataria. Entre os casos — atin-

(*) Não se pretende aqui que Cervantes estabelecesse, em toda a sua integral inteireza, a concepção de classe, como a estabeleceu Marx. Porém, uma coisa é certo, e é que, conscientemente, estabeleceu algumas premissas e outras conclusões nêsse sentido, que autorizam colocá-lo entre os grandes precursores da sociologia marxista.

ge o incrivel a veia comica do imortal Cervantes! — que deve resolver é o do lavrador Miguel Turra, que querendo casar seu filho louco com uma donzela cuja descrição é o retrato do mesmo demonio, tal a monstruosidade fisica, quer que lhe dê Sancho um dote, diz-lhe:

> *— Eu queria, senhor, que Vossa Mercê me fizesse a graça de escrever uma carta de empenho ao futuro sogro de meu filho, pedindo-lhe para que esse casamento se faça, porque não sômos desiguais, nem nos bens da fortuna, nem nos da natureza...* (P. II - C. 47).

Ainda revela-se o sentido das classes, não só na cultura, nos interêsses e nos casamentos iguais, mas ainda no luxo — que *Sombart* dá como "elemento gerador do capitalismo" — na diferença de fisico e nos trajes. Alguns exemplos virão a propósito: — Cardênio, idiotizado pelas contrariedades do seu amor, pervaga, errabundo, pelas alti-planuras de Serra Morena. Faminto e roto, quasi perdeu o trato humano. Mas, como quem foi rei, sempre tem majestade...

> *— ... o seu trajo era o que já se há descrito. Só quando se acercou um pouco mais, percebeu D. Quixote, que um colete dilacerado que trazia era de ambar; por onde acabou de entender, que pessôa que tais habitos trazia não devia ser de qualidade infima* (P. II - C. 23).

D. Quixote vai amarrado e conduzido num carro de bois. Querendo convencê-lo que ia encantado — não acredita Sancho que sejam demonios os que vão embuçados — o cura, o barbeiro, D. Fernando, autores da burla. — O matreiro Sancho argumenta declarando que sempre ouviu dizer que os diabos cheiravam a enxofre, mas o que ia tão solícito rescendia a ambar.

> *Dizia isto Sancho por D. Fernando, que, como fidalgo que era, devia de estar enfrascado em aromas.* (P. I - C. 47).

*
* *

Na incrivel formosura das suas silhuetas femininas, encarnando todos os matizes da beleza, descritos com aquela maestria que Rubens traçou nas suas VIRGENS e todos os pintores e escultores delinearam e burilaram nas suas obras darte imortais, e postas em contraste violento com outros tipos femininos como Maritornes, ressumbra a diferença das classes. Enquanto Maritornes, criada de servir de venda, era

> *... uma moça asturiana, larga de cara, cabeça chata por detrás, nariz rombo, torta de um ôlho e do outro pouco sã. Verdade é, que a galhardia do corpo lhe descontava as outras faltas; não tinha sete palmos dos pés à cabeça; e os ombros, que algum tanto lhe cargavam, a faziam olhar para o chão mais do que ela quizèra.* (P. I - C. 16).

e a propria Dulcinea, que outra não era sinão a tosca Aldonça Lourenço, filha de Lourenço Corchuelo, era, apenas, a que...

> *... na salga dos porcos era a primeira mão de toda Mancha.* (P. I - C. 9).

embora para o cavaleiro em delírio significasse aquêle descritivo de encantos e maravilhas...

> ... *seus cabelos são ouro; sua testa, campos eliseos; suas sobrancelhas, arcos celestes; seus olhos, sóis; suas faces, rosas; seus labios, corais; pérolas seus dentes; alabastro o seu cólo; mármore o seu peito; marfim as suas mãos; sua brancura, neve; e as partes que a vista humana trás encobertas a honestidade são tais (segundo eu conjecturo) que só a discreta consideração póde encarecê-las, sem poder compará-las"* (*P. I - C.* 13);

para a realidade prosaica de Sancho não passa tal pintura de deusa minervina...

> ... *de um raparigão de truz, direita e desempenada, e de cabelinho na venta, e que póde tirar as barbas de vergonha a qualquer cavaleiro andante ou por andar, que a tiver por sua dama* (*P. I - C.* 25),

... enquanto isso...

MARCELA,

> ... *filha de lavrador, de muitas e grandes riquezas...* (*P. I - C.* 12),

fazia mais danos nas suas redondezas

> ... *do que por elas entrára a peste, porque a sua afabilidade e formosura atrai os corações dos que tratam com ela...* (P. I - C. 12),

e tão formosa era

> ... *que até a sua fama escurecia* (*P. I - C.* 14);

LUSCINDA,

> ... *donzela tão nobre e tão rica...* (*P. I - C.* 24),

que, segundo descreve Cardênio, Don Fernando, ao vê-la...

> ...*emudeceu, perdeu o sentido, ficou pasmo...* (*P. I - C.* 24);

DOROTÉA,

> ... *filha de lavradores ricos...* (P. I - C. 28),

dotava-se de uma vóz suave, e não menos extasiava por "sua discreção que por sua lindeza..." (Ibid.);

CAMILA,

> ... donzela principal de *Florença*...

pelos extremos de sua formosura poderia render

> ... *a um esquadrão de cavaleiros armados...* (*P. I - C.* 33);

ZORAIDA, islamita cristianizada, filha de um "mouro rico e principal" — (P. I - C. 40), que ao seu cativo capitão parecia que...

> ... *tinha diante uma deidade do céo, baixada á terra para o seu gosto e o seu remedio.* (*P. I - C.* 41);

LEANDRA, filha tambem de

> ... *um lavrador muito honrado, e tanto, que embora seja anexo ao ser rico o ser honrado...* (*P. I - C.* 51),

cuja fama

> ... *entrou pelas salas dos reis e pelos ouvidos de toda especie de gente, que, como coisa rara, ou como imagem de milagres de todas partes a vinham ver;*

QUITE'RIA,

> ... *de avantajada linhagem, era conhecida pelo sobrenome de* FORMOSA. (*P. I - C.* 19);

a DUQUEZA, que tão relevante papel desempenha na P. II do *Quixote*, cuja residencia em um palácio real e cujos tractos de gleba não teriam limitações, vestia

> ... *de verde, tão bizarra e opulentamente, que parecia a personificação da propria bizarria* — (*P. I - C.* 30);

ALTISIDORA, da Côrte da Duqueza, que fingindo de morta, sôbre um túmulo

> ... *fazia parecer com a sua formosura formosa a própria morte* (*P. I - C.* 69);

ANA FELIX, de quem dizia seu pae, Ricote...

> ... *famosa tanto por sua formosura como pela minha riqueza* (*P. II - C.* 53);

E assim CLAUDIA, e assim LEONORA, "a filha do rico Belvastro" (P. I - C. 60).

E' que a beleza é como a cultura: — questão de bem estar. Modelar-se-ão raças e tipos de eugenia e formosura, puros no sangue, aperfeiçoados na plastica, contornados nas linhas da estética corporal, refinados na inteligência — realisando-se o dísti-

co de JUVENAL... — *mans sana in corpore sano*... — quando pairarem no oxigenio de um clima social saudavel e espairecente. Para tanto, hígiene, comodidade, despreocupação, alegria. Muita diferença na geração, na cultura, na finura do trato, na graça e no físico existe entre um palacio e um cortiço de míseros. Só por excepção se encontrará — e assim mesmo em estado tôsco, como o rarecente diamante das garimpas — uma beldade num tugurio (*).

A beleza requer cultivo puramente material, que só póde dar uma situação de acomodamento que até agora só a riqueza proporciona. Prevê-se que o estado socialista faça da humanidade uma raça eugenica, como o incompléto símile espartano teria forjado os contornos apolineos dos seus gínastas.

Na tranquillidade que proporciona o conforto, foi Cervantes talhar, muito ao gosto, as síncrônicas ondulações das suas beldades femininas. Compreendera assim, por outro prisma, as consequencias da divisão em classes da sociedade. Descreve-as na cultura, na política, nas oposições e concordancias matrimoniais e as trás até ás conformações físicas dos seus vivissimos personagens.

SÔBRE A PSÍCOLOGIA SOCIAL

E' preciso fique bem claro o que aquí se entende por PSÍCOLOGIA SOCIAL. Dêsde lógo se dirá que não é o *embroglio*, o charabiá dos compendios e das lições dos sociólogos subjectivistas (*), que dela fazem um redúto do idealismo — como a sua sociologia — o ultimo, talvez, porque ha-de passar o pobre cerebro humano, esfalfando-se em saltos malabarescos, com intuitos

(*) Raros são os que, como Michilet, subiram da maior miseria á maxima gloria literaria. Ele dizia de si proprio: "Nasci como uma hérva entre duas pedras das calçadas de Paris".

(*) Comte, Spencer, Durkheim e Comp. etc..

de penetrar e clarificar criterios cientificos ainda metafisicos. A PSICOLOGIA SOCIAL, qual aquí se entende, é á maneira socialista objectiva, e coáda através da realidade social. E' como a explicam os teóricos socialistas e alguns investigadores honrados de sociologia como Simmel, Eulenburg, Wundt, Sombart. De acôrdo com êles se vai sintetisa-la, a linhas largas. Desde lógo se põe de lado, por confusa e caótica, toda a investigação americana, francesa ou alemã sobre a condúta, etc., etc..

Não é facil penetrar as estructuras, as constituições psíquicas da sociedade. A maior dificuldade reside na aparencia unica e harmonica dos grupos sociais, o que é uma ilusão. Ilusão, porque uma sociedade não é um todo. Daí visões falsas, como a de se atribuír a certos grupos sociais predisposições psíquicas especiais: o judeu acumulador, o alemão sentimental, o russo musicista, etc. (*) Sombart explica o êrro:

(*) No sentido combatido no texto, isto é, de se querer frizar traços psico-sociais para cada povo, no concernente, especialmente, ao povo espanhol podem-se citar os livros de Gracián. **El Criticon**, P. I. cap. 13 o de Rafael Altamira, **Psicologia del Pueblo Español** (1902) e o escrito **El espirito castellano** de Unamuno, no primeiro volume dos seus **Ensayos**,

Incidem todos no mesmo erro indicado no texto de querer caracterizar, especialmente, por traços psicologicos diferenciativos, a um determinado povo. O grande Cervantes compreendia o fenomeno de maneira mais perfeita, quando se referia á existencia universal da **necessidade**, declarando que em toda parte se encontra e se usa dita necessidade. Quis dizer, numa bela lição, da existencia, em toda parte, dessa terrivel manifestação social, que, como base da vida do homem em sociedade, apesar das diferenciações aparentes de povo a povo, de raça a raça, de sociedade a sociedade, os amarra, no fundo, num pé de igualdade.

Um espirito de rara lucidez, escritor claro na exposição de assuntos muitas vezes dificeis e complicados, o prof. Alonso Guayanaz da Fonseca, com acêrto, escreve: "Debalde, a nosso ver, se tenta levantar a psicologia do povo inglês, psicologia do povo espanhol ou do norte-americano,

A psicologia — (campo principal de nossas deducções — não se perca de vista) é uma só, como as matematicas constituem um só corpo de doutrinas sobre o numero e a quantidade e a mecanica um só conjuncto de principios sobre a força". (Da Unidade do Espirito Humano — pag. 5 Rio, 1905).

> *Os antigos representantes da "psicologia colectiva" sabiam fugir do embaraço. Limitavam frequentemente suas pesquizas aos povos (ou o que, a seu ver, dêles fazia parte), e davam a êsses povos uma alma particular, a que denominavam " alma colectiva", da qual se podia naturalmente definir as propriedades tão facilmente como as da alma individual. Esta misteriosa alma colectiva surge, ainda, de tempos em tempos, sob o nome de "diapasão psíquico" e espanta o espirito da maioria dos representantes modernos da psicologia colectiva...*

Prosseguindo Sombart em sua digressão, ainda esclarece que a chamada "alma colectiva" aparece tambem como *uma noção mistica*, como uma imagem nebulosa e enganosa da qual nada fica quando se lhe aproxima uma candeia, porque não possui nenhuma realidade e existe na nossa representação como um meio auxiliar do pensamento.

Já aí se vê que um escritor insuspeitoso de socialismo, protesta contra as falácias de um espirito popular, de uma alma das multidões. O que tanto valerá dizer, que a negação dessa entidade metafísica, já pertence a pensadores do mais diverso espirito científico.

Mas é a percuciência gênial de SIMMEL que ilumina poderosamente — e aliás em poucas paginas! — a seara da psíco-sociologia. Começa por aconselhar a aplicação do principio das ações infinitas e infinitamente pequenas ao estudo da coexistencia social e que deu resultado eficiente nas ciências de sucessão como a

geologia, a teoria biológica da evolução, a história. As transições infinitamente pequenas criam a conexão da unidade histórica; as ações reciprocas de pessôa a pessôa, igualmente pouco apreciaveis, estabelecem a conexão da unidade social. Pela observação dos fáctos de mútua influencia entre os homens nos seus mais pequeninos movimentos, lutas, concordias, excitações reciprocas — e que, afinal, determinam o equilibrio da sociedade — talvês se obtenha, para a ciência social, o que o microscopio obteve para as ciências da vida orgânica. Nestas, dos grandes orgãos passou-se ao estudo mais profundo das combinações celulares nos seus mil e um entrecruzamentos, o que trouxe às ciências bio-quimicas o seu formidavel incremento.

Depois de dar este conselho metodológico, expende admiraveis considerações que aquí se sintetisam: Parece-lhe não haver duvida que todos os acontecimentos têm lugar na alma; que a socialisação é um fenômeno psíquico e que o seu facto fundamental, isto é, o facto de que uma pluralidade de elementos se converta em uma unidade não tem analogia no mundo corporeo, já que nêste tudo está fixo na exterioridade insuperavel do espaço. Nêste sentido as motivações da alma são psícológicas. Mas, importa saber — "que o tratamento científico dos factos da alma não é necessariamente psícologia". Ainda nos casos em que fazemos uso ininterrupto de normas e conhecimentos psícologicos, ainda nos casos em que a explicação de cada facto isolado só é possivel por via psícologica, como ocorre na Sociologia, não é preciso que se refira à Psícologia no sentido e intenção dêste método; quer dizer que não se dirige à lei do processo espíritual (que sem duvida necessita todo conteudo determinado), mas ao seu conteudo mesmo e às configurações dêste.

Mas é preciso determinar aquela psícologia especial que, á falta de melhor nome, se conhece por social. De modo nenhum se deve confundir a psícologia da sociedade (das massas, grupos, nacionalidades, épocas) com a do individuo. Com finura, declara ORTEGA Y GASSET que a psícologia estuda o que passa em um individuo, e é turvar o seu conceito chamar também psícologia á investigação do que passa em duas almas, porque, ao passar nas duas, não passa, conseguintemente, integralmente, em nenhuma delas. Aponta ainda GASSET uma terceira personagem na cena: — a vida anónima — nem individual nem interindividual — mas estrictamente colectiva, que envolve aquelas e exerce pressões de toda ordem sobre elas. E na visão global da vida social o homem vê ainda que vive como de um fundo dessa realidade sobre-indivirual que é a sociedade. E finaliza GASSET: — *Antes que sujeitos psíquicos, somos sujeitos sociologicos.* Quasi faz lembrar a frase celebre de Aristóteles: — *O homem é um animal social.* Ou, *a mais expressiva de Natorp*: — *Só na sociedade humana o homem é homem.*

SIMMEL, delimitando o campo da Psíco-sociologia declara que há uma esfera que ela poderá considerar como sua, especificamente: a constituida por aqueles productos de indiscutida espiritualidade que existem na sociedade e que, no entanto, não dependem dos individuos como tais, de tal maneira que a não ser que tenham caído do céo, sómente pode considerar-se como creadora e portadora sua a sociedade, esse individuo espiritual que fica para além dos individuos. Este é o ponto de vista partindo do qual se tem falado de uma alma do povo, de uma consciência da sociedade, de um espirito da época, como potencias reais e productivas. Suprimiremos, diz SIMMEL, êste *misticismo*, que pretende situar processos espirituais fóra das almas, que são sempre

individuais, distinguindo entre os *processos* espirituais concretos em que surjem e se realisam o direito e o costume, a linguagem e a cultura, a religião e as formas de vida, e os *conteúdos* ideais dêsses mesmos processos, pensados em si mesmos. Acha falsa a alternativa de que o espiritual viva ou em sêres individuais ou em um espirito social. Distingue entre a conducta e o resultado da conducta. E vê na confusão de ambas a origem do êrro de se supôr a existencia de uma alma social ao igual que uma alma individual. Além disso, para distinguir a psicologia da psicologia social aponta o factor *qualitativo*. Muitas vezes o que faria um individuo não é o que faz uma assembléia.

Pensa que subsistirá como legítimo problema da psicologia social este: que modificação sofre o processo individual de um individuo, quando transcorre sob determinados influxos do meio social? Em todos esses casos, em que se trata de uma soma de individuos como tais e em que os factos sociais só são importantes como elementos para o conhecimento dêste individuo — igualmente como os factos fisiológicos ou religiosos — pode considerar-se como de psicologia social o que repousa sôbre esta conclusão: — que a uniformidade de muitos individuos, graças á qual cabe formar um tipo, u'a média, um quadro unitario, não se pode produzir sem que tenha havido influencias recíprocas.

Póde-se dizer que este criterio de SIMMEL é aceito pela Sociologia Socialista. BUCARIN não lhe regateia elogios. Mas dilucída mais o problema á luz do criterio das classes sociais, que é o seu fundo basilar. Para George Sorel é mesmo essa idéia de classe, o que há de essencial nas noções revolucionarias de MARX. (*) Antagonicas e inconciliaveis nos seus interêsses fundamentais, diferentes no seu modo de viver, nos seus hábitos e

(*) **La decomposition du marxisme.**

costumes sociais, cada qual cristalisa uma consciência social. Do "Anti-Düring", livro fundamental de estudos socialistas, destaquem-se frases que resumam a questão:

> *A divisão da sociedade em duas classes: — uma classe explorada e outra exploradora; uma classe dominante e outra oprimida, era uma consequencia do primitivo desenvolvimento incipiente da produção (Trad. esp. pg.* 160).

A evolução social das sociedades primitivas impõe aos homens a divisão do trabalho.

> *E', pois, a lei da divisão do trabalho que serve de base á divisão da sociedade em classes. (Trad. esp. pg.* 308).

E o facto de pertencer a esta ou áquella classe, diz Tcheskiss, já deixa a sua marca sôbre a psicologia dêste ou daquele individuo, sendo, pois, o fenômeno de classe, o factor mais importante na formação da psicologia. Porisso

> *... á pergunta: que determina a psicologia? deve-se responder: — o trabalho em todas as suas formas, que cria, afinal, as condições gerais da vida.*

Eis como se esclarece, objectivamente, a psicologia social. Nada de misticismos da "alma das multidões", de "espirito popular", "graça carioca", "finura gauleza" e os delírios sôbre a conducta, do behaveorismo ao gestaltismo. Embora se possa constatar a existencia de mutuas influencias entre os homens, *apesar* das classes — pois que elas, no dizer de TROTSKI, não têm puzera química — o que lhe plasma e especifica a *consciência*, tanto a in-

dividual como a social, é o modo de vida. Esta verdade já o sabia o velho Feurbach: — PENSA-SE DIVERSAMENTE NUM PALACIO e NUMA CHOUPANA.

E' verdade que não se póde desprezar, como acima se disse, o facto das recíprocas influencias entre as classes e a predominancia das classes elevadas sobre as classes baixas. MARX escrevia no MANIFESTO:

> *As ideias prevalescentes de uma época têm sido sempre, simplesmente, as ideias da classe dominante.*

E, mais particularmente, sobre a burguesia:

> *Em uma palavra, ela modela o mundo à sua imagem.*

Mas nem por isso forma a sociedade um todo inteiriço. Porque, observada de perto, as diversidades repontam.

E o que traça as diferenças sociais é a classe. A situação puramente material modela os anseios, a *consciencia*. Num ensaio sumario sôbre a questão judaica (*), escrevia o autor dêste livro:

> *No caso particular do judeu, a falsidade dêste criterio passou os âmbitos da sua personalidade, e da sua história e invadiu as esferas dos outros povos, que o admiram para querê-lo ou admiram para temê-lo. E o judeu apresenta-se-lhes como uma fôrça mental de exceção, capaz de fazer os maiores beneficios como os maiores males. No entretanto, o judeu é sempre, nada*

(*) JOSE' PE'REZ — QUESTAO JUDAICA, QUESTAO SOCIAL — São Paulo, — 1933.

> *mais nada menos, do que fruto das épocas e dos meios em que vive. A riqueza e o talento judaico não só formam exceções particulares, dado que nem todo judeu é rico, culto e genial, como se entrelaçam por tal modo no convivio universal que não é possivel estabelecer-se uma separação diferenciativa entre a mentalidade judaica e a não judaica, como entre o rico judeu e o rico não judeu. O rico judeu é rico da mesma forma que o rico não judeu. O sábio judeu é sábio como o sábio não judeu. Ao demais, o homem é sempre expressão da sua classe. Um preto, um espanhol, um nórdico, um protestante ou um judeu ricos, são tipos que a-pesar da sua raça, da sua nacionalidade, do seu meio ou do seu credo religioso pertencem antes de tudo a uma classe social — à classe rica ou burguêsa. E ricos ha-os de todas as raças, de todas as crenças, de todos os meios e de todas as nacionalidades, porque em todas as raças, crenças, meios e nacionalidades há um grupo formidavel de homens subjugados e escravizados que trabalham para meia duzia de felizardos.* (*Pgs.* 114, 115).

Então, para restaurar as *consciências sociais* é preciso começar pelas báses estructurais da *existencia*. Nesta, é necessario meter-se pelas *necessidades*, que, de uma parte, derivam das condições sociaes, e, de outra, se perdem no obscuro fundo das condições organicas até a descendencia, o atavismo, a hereditariedade, a remota báse físico-química da vida. Só assim se póde atingir o fundamento das explicações sociologicas e configurar a complexidade de noções que, á falta de melhor nome, denomina-se PSICOLOGIA SOCIAL. Chega-se á lágea subjacente da

questão vital do pensamento humano: — as relações da existencia e da consciencia. Não sendo possivel que brotassem no mesmo jacto, como quereria a concepção bíblica, uma apareceria antes da outra. E o fiél da balança se inclina para o sêr, para a existencia. FEUERBACH, então, assenta:

> *Não é a consciencia que gera a existencia, mas, ao contrario, esta é que promove aquela.*

A existencia social retraça a consciencia social. Esta repousa nos delineamentos que separam as classes.

> — *A'* economica *das classes e à jerarquia das situações, corresponde a* psicologia das classes. (ANTONIO LABRIOLA).

Dilucidando o criterio exacto da psícologia social, o clássico do socialismo italiano, declara que por essa expressão não entende a fantasmagorica existencia de uma *psíque* social, nem à noção de um pretenso espirito colectivo, que, por leis próprias, independentes da consciencia dos individuos e de seus materiais e assinalaveis relações, explique-se e se manifeste na vida social. ISSO É PURO MISTICISMO. Não pretende, tão pouco, referir-se áquelas tentativas de generalisação combinatoria pela qual se escreveram tratados de psícologia social, e cuja ideia consiste em transferir e aplicar a um cogitado sujeito que se chama psícologia social, as categorias e as formas seguras da psícologia individual.

E também não alúde áquele amontoado de denominações semi-organicas e semi-psícologicas, pelas quais o ente SOCIEDADE, AO MODO DE SCHAFFLE, ADQUIRE CÉREBRO, MEDÚLA ESPINHAL, SENSIBILIDADE, SENTIMENTO, CONS-

CIENCIA, VONTADE, E ASSIM POR DEANTE. Entende falar de coisa mais modesta e prosaica, ou seja, daquelas concretas e precisas formas de espirito, pelas quais nos aparecem tais como eram feitos os plebeus de Roma de uma determinada época, ou os artezãos de Florença quando estalou o movimento dos CIAMPI, ou daqueles camponezes de França, nos quais se enjendrou, segundo a expressão de Taine, a *anarquia expontanea* de 89, êsses camponeses que, convertidos, em seguida, em trabalhadores livres e pequenos proprietarios ou aspirantes á propriedade, transformaram-se rapidamente de vencedores até de extrangeiros em instrumentos automáticos da reação. Esta psícologia social é que ninguem póde reduzir a cânones abstractos, porque na maior parte dos casos é sómente descriptiva, e o que os historiadores narrativos e os romancistas e os ideologos de toda especie viram e conceberam até agora como exclusivo objecto de seus estudos. A esta psícologia, que *é a consciencia especificada dos homens em dadas condições sociais*, referem-se e apelam os agitadores, os oradores, os propagadores de ideias. Sabemos que esta psícologia é o aporte, o derivado, o efeito de determinadas condições sociais de facto: uma classe determinada, em determinada situação, pelas funções que desempenha, pela sujeição em que é mantida, pelo império que exerce. E, em seguida, essas classes, essas funções, essa sujeição e êsse império supõem tais ou tais formas determinadas de producção e de distribuição dos meios imediatos da vida, isto é, uma estructura economica determinada. Esta psícologia social por sua natureza circunstancial, não é expressão do processus abstracto e generico do chamado espirito humano. É, sempre, uma formação especificada de condições especiais. (*).

(*) Antonio Labriola — **Essais sur la conception matérialiste de l'histoire** — 1928 — p. 120, 122.

Completando êsse arrazoado feliz de Labriola, BUCARIN desenvolve considerações que vem a calhar e que aquí se sintetisam.

A psícologia de classe está intimamente ligada à ideologia de classes, que não é mais do que uma psícologia social coagulada. A psíeologia e a ideologia sociais se relacionam, interpenetrando-se.

> *As vezes é difícil estabelecer-se a delimitação: o processo consiste em uma lenta solidificação, cristalisação da ideologia social, que deriva da psícologia social. Uma alteração da psicologia social provocará uma correspondente transformação na ideologia social. A psicologia social transforma-se de contínuo, simultaneamente, com as alterações nas condições economicas de que provém, porque estas produzem um reagrupamento constante destas forças sociais, um desenvolvimento de nossas relações, baseadas nos niveis sucessivamente alternados das forças productivas.* (BUCARIN — La théorie du materialisme historique).

Explica, então:

> *Porém, aí! Vivemos a vida "de todos os dias".*
>
> *Entre as inúmeras tendências recíprocas que medeiam entre os homens, e das quais deriva a vida social, há muitos dêsses elementos não coordenados: fragmentos de ideias (que, não obstante, expressam certo conhecimento), sentimentos e desejos, gostos, modos de pensar, "vagas noções mal-digeridas", semi-conscientes do bom e do máu, do justo e do injusto, do bélo e do feio, costumes e opiniões da vida diária; impressões*

> *e concepções do curso da vida social; sentimentos de prazer ou de pena, descontentamento e raiva, amor aos conflitos e desespêro sem limites; muitas vagas esperanças e idéias; uma atitude agudamente crítica ante a ordem de coisas existente ou uma aceitação prazenteira dêste mundo "como o melhor dos mundos"; um sentimento de fracasso e desesperança, temor ao futuro, ilusões, esperanças, etc., etc.,* ad infinitum.
>
> *Êstes fenômenos, quando adquirem dimensões sociais, constituem a psícologia social.* (Ibid,).

E, finalmente:

> *A psícologia social aparece a miude, na sociedade burguesa, com a misteriosa envoltura do chamado "espírito popular", ou* Zeitgeist, *concebido frequentemente como uma só alma popular, no sentido literal da palavra. Porém tal não existe, dado que a sociedade não é um organismo com um só centro de consciência. Uma sociedade assim seria um enorme monstro em meio à natureza.*
>
> *Em tais condições só é possivel falar em místrioso "espirito popular", em sentido místico.*

Parece-lhe evidente, no entanto, que em uma sociedade de classes não pode haver uma "psicologia social" *permanente*, uniforme, integral; quando muito existem certos rasgos comuns, cuja importancia não se deve exagerar.

Mas, embora o plasma gerador da consciência social encontre-se na classe, sobreavisa que cumpre não esquecer a complexida-

de de toda a psicologia social. Assim é, que não admite se limite a psícologia de classe sómente ao próprio interêsse. Sendo êle o nervo dessa psícologia, na composição desta entram outros êlementos. E firma o conceito:

> *E' claro que o fenômeno da psícologia de classe é de natureza muito complicada, incapaz de interpretação diréta como* interêsse *sómente, mas explícavel sempre pelo contôrno concréto que rodeia a classe determinada.*

Além disso não se deve esquecer a psícologia mais estreita, mas mais típica dos grupos, grêmios, profissões,

* * *

Êste livro é o estudo de duas psícologias sociais profundamente diversificadas pelas suas classes: a FEUDAL e a BURGUESA. A primeira em decadencia, a segunda em pujante florescimento na época de Cervantes. Uma , carácterizada pela *coragem* e pelo *orgulho*. Outra, pelo *racionalismo* e pelo *individualismo*. A seu tempo, serão distrinchadas a rigor e com báses na obra do grande MIGUEL.

* * *

Um ponto que tambem não se deseja esquecer é o da consciência das classes médias, das classes intermediarias, daquelas classes que se pódem denominar pequeno-burguêsas. Ha quem queira terem sido elas, cronológicamente, na história da Européa, a primeira sedimentação social da actual burguesia. Já houve mesmo quem

quizésse vêr em Sancho Pança a expressiva figura do pequeno-burguês. Não vále a pena discutir este parecer, pela sua evidente fragilidade: SANCHO — e isso fica exuberantemente demonstrado neste ensaio — é uma consciência burguêza compléta, inteiriça, que *raciocina, calcula,* põe e dispõe quanto ao que lhe interessa *individualmente* como qualquer grande burguês dos nossos dias. Se a *quantidade* da materia *calculada* não é a mesma, a mesma, a mesmissima é a sua *qualidade*. O espírito de Sancho, dando tratos á bola a ver o que lhe resultaria, práticamente, de tal ou qual empreitada ou negocio, é o mesmo que se póde observar em um capitalista hodierno.

Sôbre isso, ainda se póde confundir a consciência burguesa com a pequeno-burguesa. Embora a situação material desta ultima seja muito mais proxima do proletariado do que da burguesia, pela sua comoda situação — em relação a esse — plasma-se-lhe uma consciência *quasi-burguesa*. Nem é por menos que ela é a massa com que se constróe o fascismo.

> *O que a caracterisa é ocupar uma posição intermediaria entre a classe dos grandes capitalistas, comerciantes e manufactureiros, isto é, a burguesia propriamente dita, e a classe proletaria ou industrial.* Aspirante (*) *a entrar na primeira classe, os individuos pertencentes a esta classe intermediaria se encontram, á menor adversidade, alijados ás fileiras da segunda.*
>
> *Eternamente oscilantes entre a* esperança *de entrar nas fileiras da classe mais rica, e o temor de serem reduzidos ao estado de proletarios ou mesmo de indigen-*

(*) **Aspirar** é ter **consciência** de alguma coisa. Aspirar a entrar na primeira classe, isto é, na burguêza, é ter-lhe a **consciência.**

tes... (ENGELS - MARX — *"Révolution et contre Révolution en Allemagne* — 1933 — p. 10).

Então é possivel identificar a *consciência* pequeno-burguêsa à consciência *burguesa*. Porisso, ainda aceitando para Sancho a classificação de pequeno-burguês, a consciência social que carrega é a mesma que caracterisa a burguesia: *Individualismo* e *racionalismo*.

O ELOGIO DE CERVANTES

O QUIXOTE é mina inexaurível. Imortalizou o seu autor. E não só a ele, o que seria o de menos. Mas a propria civilização cristã, como se viu no juizo de Brandès.

Cervantes é o escritor máximo do Renascimento. E' o maior romancista da Burguêsia. E' um dos grandes criadores de figuras psícológicas, e um poderoso fixador de emoções humanas. E' o plasmador de tipos que a Europa continental contrapõe a Shakespeare, o maior modelador de silhuetas humanas, que até agora se conhece.

Nos vastos dominios literarios não ha noticia de um livro onde a conversa tenha tomado tão deliciosas variantes, tão encantadoras vivacidades, tão espirituosos chistes, perguntas tão finas e respostas tão agudas. Isso fês de Cervantes um dialogador imortal.

Como escritor descritivo é simplesmente soberbo! A natureza e a vida, a beleza e os mais variados sentimentos nêle encontraram um interprete onimodo. Nêle esplendem, vario-pintadas, as côres da primavera. Refulgem, com os seus próprios raios, as claridades solares. As sombras dos bosques se desdobram

serenas da sua pena. Os rios dela correm translúcidos e vivos. Todas as mutações infinitas do SENTIMENTO foram surpreendidas, por êle nas suas recessividades mais reconditas.

E' FILÓSOFO. E' O FILÓSOFO DO RISO. O FILÓSOFO DA MORAL. O FILÓSOFO DA BONDADE. Todas as suas personagens vêm aureoladas de uma diafaneidade humana e pura. Saint-Beuve já lhes notara as profundidades morais.

No seu genero é sem igual. E' Unico. (*)

DUAS OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

1.ª) Não foi possível fugir às citações, principalmente do *Quixote*, porque sendo este ensaio uma tése, lógicamente, carecia de demonstração. E esta demonstração só poderia ser feita sobre passagens da obra aqui analisada. Não se poderia fazer por menos... O ensaio de Madariaga, o de Unamuno, estão cheios de transcrições da obra de Cervantes.

2.ª) Aproveitou-se a tradução vernacula de Castilho, que é a mais perfeita das que existem em português, embora tambem ex-

---

(*) Não existe, nem antes nem depois, no genero de Cervantes, escritor que lhe chegue aos pés. Desde logo plagiado, a literatura espanhola ainda apresenta o celebre **Quixote de Avellaneda.** Mas pése a quem pesar, melhor juizo não se conhece sobre este celebre plagio de autor até agora indesignavel e que acode na obra com o pseudonimo de Alonso Fernandez de Avellaneda, que o do próprio Cervantes. Don Miguel diversas vezes se lhe refere. Publicada a 1.ª Parte do **Quixote** em 1605 e a II em 1615, em 1614 Avellaneda publicou a sua falsidade. Nela pretendeu ofender, num prefacio insolente e hostil, a Cervantes. Este lhe responde, e fá-lo esvurmar pús, em diversas passagens da II Parte do seu artistico livro. Doutra feita fês o autor deste ensaio um estudo sobre: — "O Quixote de Avellaneda" — Acha incabivel versal-o aqui. Apenas apontam-se as passagens em que Cervantes se lhe refere. E' na II Parte do Quixote, na dedicatorio ao Conde de Lemos e nos Cap. 59, 60, 61, 70, 71, 72, 74.

celente veja a do Visconde de Benalcanfor (*). A do Visconde de Castilho expressa certa fidelidade num primor de forma. Apenas foi abandonada nos passos em que deixou de traduzir, como lhe cumpria, substituindo-os por perífráses sem côr, os palavrões e o calão.

*
* *

Foram estirados, por necessários, os considerandos da *Introdução*. Mais se poderia dizer, se não se quizésse ficar nos amáveis limites da síntése, e não esquecer o sobreaviso de D. Quixote a Sancho,

> ... *sê breve en tus razonamientos, que ninguno hay gustoso si és largo* (P. I - C. 21).

(*) Ainda existem em português, além das citadas, a tradução de José Carcoma, Lisbôa, 1888 -1889, de que se poderá ver um exemplar na Biblioteca Publica do Estado de S. Paulo, e, agora, algumas paginas seletas, que refletem a opinião do seu imortal autor sobre sentimentos humanos, situações individuais e sociais, descrição de carácteres e da natureza, por José Perez e denominadas — A SABEDORIA DO QUIXOTE — editada pela Cultura Moderna.

TÉSE =

DOM QUIXOTE

De un hidalgo manchego
Contarás las aventuras
A quien ociosas lecturas
Trastornaron la cabeza

CERVANTES

significa um compromisso romano — germânico — cristianizado.

Do século V ao X, no fragor das migrações dos povos, no transtôrno da derrocada de Roma, nos abalos das lutas pela consolidação do cristianismo, que se firma, definitivamente, com Carlos Magno, a sociedade européia se organiza nestas báses: — estructura aldeã e sistema de servidão. O trabalho se desenvolve, preferentemente, na agricultura. Os camponeses se entregam ao amanho da terra, que, por direito sucessório, passa à família do seu proprietário. A terra é, em parte, privada, e, em parte, comunal. Mas o camponês — *servus* — embóra desfrutando o direito sôbre as árvores, a caça e a pésca, não é inteiramente livre. Deve obrigações ao senhor ou suzerano.

Mais tarde, gera-se a pendência para se saber a quem deveriam pertencer as terras comunais : — afirmam os camponêses que à comunidade; dizem os senhores, por sua parte, que lhes pertencia como sua propriedade privada embora *sui generis* e que êles, por sua livre vontade, as concediam à comunidade em usufruto. A questão se agrava e é,

... causa de numerósas révoltas aldeãs (Historia Geral do Socialismo e das lutas sociais. MAX BEER).

Assim se chega ao século XI, que dá a total impressão de decadência da Europa. Tal é o desmoronamento econômico, que se criou a psícóse coletiva da aproximação do *fim do mundo* (*), consequência do desespêro das populações da época. Esfacéla-se o império de Carlos Magno, conhecido pelo nome de Reino dos Francos, nas mãos fracas e inhabeis de seus sucessôres.

Mas, dos fins do século XI em diante, presencia-se o espetáculo impressionante do reerguimento europêu.

> *As trócas de mercadorias se intensificaram nas regiões situadas entre o Sena e o Rêno, assim como entre Flandres e o sul da Inglaterra, na Lombardia e nas costas do Mediterrâneo, principalmente nas cidades da Itália e do sul da França, antigos centros de indústrias e comércio. Resuscitam velhas cidades e outras novas se edificam. Porém, ainda se carecia de suficientes reservas de metais preciosos para a cunhagem de môedas, afim de que a ecônomia monetária substituisse a tróca em espécie.*
>
> *A maior parte das moédas de prata em circulação procediam do Oriente, da Índia e do Império dos Califas. Porém não bastava para cobrir as necessidades da nova econômia urbana, que começou a se desenvolver ao largo do século X.* (MAX BEER, *ob, cit.*).

(*) Ver Sorel — **La ruine du monde antique** — pg. 235, 237. Dá uma explicação da ideia do fim do mundo,com a qual é difícil concordar **in totum.**

Em meádos do século XI, Burgos tornou-se empório central do comércio de lã. Flandres fabricava tecidos. E na Champanha se instituiram as primeiras feiras.

As cruzadas abriram as portas do Oriente, cujas relações com a Europa se encontraram em verdadereiro marasmo. Começa a crescer a necessidade da troca e consequente espírito de expansão, pois essa necessidáde e êsse espírito é que deram causa às cruzadas que...:

> *... adotaram o espírito religioso porque então o papado se interessava muito especialmente pela política européia, e foram sentimentos religiosos os que criaram a psícose de massa indispensável a tais expedições.* (MAX BEER, ob. cit.).

Porque, explica muito bem o historiador socialista:

> *A religião implicava, efetivamente, a ideologia dominante da Idade Média.*

Entre os séculos XI e XIII, atingiu a Idade Média a sua culminância. Nela, como consequência do seu maior surto de prosperidade econômica, o cristianismo, sua ideologia, atinge, também, o máximo domínio dos espíritos. A escolástica, tentativa para reunir a razão à fé, por meio da lógica e das ciências, oficializa-se como princípio diretor da cultura. Organizam-se as ordens monacais. Aparecem os dominicanos e os franciscanos. Êstes pretendem voltar ao comunismo primítivo cristão, embora não pelo caminho revolucionário dos heréticos, pois o procuravam sem saír do próprio seio da Igreja. Os primeiros organizaram-se para o combate diréto aos heréticos. E' a seita reacionária por excelên-

cia da Idade Média, de cujo grêmio saíram projeções mentais do tomo de Alberto o Grande, Campanela e Giordano Bruno. Dominicano foi tambem o célebre Santo Tomás, o mais alto engenho de quantos produziu a ortodoxia cristã, e de fácto cerebração de escól, embora, como bom reacionário, procurasse na *Política* de Aristóteles, os elementos para justificar a teoria da ordem econômica que se instalava na Europa ainda sobre as bases da propriedáde privada. Aristóteles foi adatado ás necessidádes filosóficas da época. Ao cristianismo, com Santo Tomás. Ao islamismo, com Averróes. Ao judaismo, com Maimonidas. E' devéras curioso!...

Max Beer afirma a já existência de

> ... *uma ordem econômica burguêsa que se havia instituído na Europa durante as cruzadas,*

*
* *

A sociedade feudal teve a sua origem no desenvolvimento ulterior dos chamados meios de producção feudal.

> *As condições do período feudal são: o predomínio da agricultura na producção; o papel subalterno da pastoragem e a vida sedentária em uma área limitada de terreno.* (Econômia Política, A. BOGDANOV).

A exploração feudal adquiriu dois aspéctos: o primeiro, no trabalho obrigatório, que era a sua forma básica e primitiva; o segundo, na paga dos tributos. O trabalho obrigatório feudal ou servidão e os tributos feudais são formas simples e francas de exploração. O primeiro constitui a aquisição diréta e evidente do trabalho suplementar; os segundos, equivalem à aquisição de productos suplementares.

Em tempos normais a estructura econômica da sociedade feudal, segundo Bogdanov, póde representar-se como segue: sôbre a báse da pequena producção agrícola de téchnica atrazada, e de que ainda não se haviam derivado as indústrias manufatureiras, foram criadas pequenas organisações econômicas, as comunidades agrícolas, que se bastavam a si mesmas. Naquelas esféras da producção comum que exigia uma só mente organizadora, surgiu o poder dos senhores feudais, que assumiram, simultaneamente, a função de organizadores parciais da producção e da distribuição também parcial dos productos. A necessidade de uma cooperação militar mais ampla, criou uma organização hierárquica complexa e instável, baseada na subordinação limitada de um senhor a outro. Algumas necessidades sociais, que a organização feudal - militar não podia atender por causa do seu exclusivo carácter bélico, foram satisfeitas pela organização sacerdotal, embora não na esféra da producção, mas, sim, sómente, na da distribuição.

As virtudes do senhor feudal consistiam em ser *orgulhoso* e *valente* (*), coisas ambas necessárias para as suas funções militares e para a conservação do seu poder. As virtudes do camponês consistiam na *humildade* e na *paciência,* como ensina Bogdanov.

A tributação da terra, que evoluia num sístema completo, foi o fundamento do chamado regime feudal, como declara Tumenef.

E' verdade que a servidão é um passo adiante, na história da evolução do trabalho humano. E isso, porque, embora o servo seja transmitido, vendido com a gleba e faça parte integrante da propriedáde do senhor, confundindo-se com o campo que lavra, é-lhe permitido casar-se, e, tornando-se pai, torna-se homem, com fa-

(*) São os seus traços psico-sociais de classe, envolvidos na aparência de atributos morais.

mília e pátria, o que ao escravo do mundo clássico não se reconhecia. Mas a escravidão não desapareceu totalmente na Idade Média porque, ao lado do servo, com os direitos acima descritos, até o seculo X existia o escravo doméstico que era um verdadeiro escravo como o da antiguidade. Diga-se, contudo, em homenagem à justiça, que a ação do feudalismo não foi apenas dissolvente e deprimente para o homem. A-dentro das muralhas grossas dos castélos, para lá dos fossos e das pontes levadiças, algumas virtudes muito apreciáveis se iam desenvolvendo que, mais tarde, ao contácto de outros elementos, adquiram inestimável vigor. Assim a *dignidade pessoal* resultante do fácto de cada um confiar no esforço do próprio braço, o *amor da família* e a prática de virtudes domésticas, consequência da vida isolada que levavam, dentro de seus castélos, os rudes cavaleiros.

A Idade Média póde-se dizer que é uma idade integral, totalitária, na história da Europa. Porisso um historiador allemão já dizia, que êsse regime — que não sofria confrontos nem contrastes — era como o vigamento sólido, o esqueleto de toda sociedade. E como já se viu, do século X em diante, ela se achava arquiteturada dos pés à cabeça.

A CAVALARIA

é, dentre as instituições medievais, sem dúvida, a mais importante. Era o seu esteio defensivo. Uma das maiores enciclopédias burguêsas do nosso tempo, o *Larousse*, assim a define:

> *Instituição militar feudal, própria à ordem da nobreza e cujos membros eram consagrados religiosamente.*
>
> Ordem de cavalaria. — *Corpos militares e religiosos de cavaleiros para combater os infieis. Exemplo: —a ordem de Cavalaria de Malta, do Santo Sepulcro, etc..*

O *Larousse* ainda considera a cavalaria como

A INSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL E A MAIS CARACTERISTICA DESSE PERIODO.

Leon Gauthier que estudou, em suas minúcias, esta importante instituição medieval, a considera,

> *... a forma cristã da condição militar.*

Luchaire opina que o cavaleiro medieval é o antigo cavaleiro carolíngio, homem livre, muito rico, para poder se equipar completamente a cavalo.

Dois traços distinguem o cavaleiro: primeiro, é nobre; segundo, combate a cavalo.

Para ser cavaleiro era-se obrigado a fazer uma prévia aprendizagem. As armas que carrega, por pesadas e numerosas, eram difíceis de suster. Mas, era digno levá-las. Ninguém nascia cavaleiro. E só se era reconhecido como tal *quando nobre* e por um áto solene a que *não escapava o próprio rei*. Mas, fácto importante: só o nobre podia ser cavaleiro. A *Sobrinha* de Dom Quixote sabia da exigencia, e diz ao alucinado tio:

> *... saber Vossa Mercê tanto... e com tudo isso cair numa insensatez tão obvia... sôbretudo que é cavaleiro não o sendo, porque, ainda que o possam sêr os fidalgos,* nunca o são os pobres. (*P. II* - C. 6).

O ESCUDEIRO

Todo jovem nobre, ensina Rambaud, começa a aprender o ofício das armas: montar a cavalo, manejar os instrumentos bélicos e exercitar o corpo. E o fazia, ou junto a seu pai, ou junto a um nobre estranjeiro - o que era mais comum - sempre mais rico que seu pai e que o tomava a seu serviço e sustento.

A aprendizagem se complicava com os mistéres de escudeiro: fazia o serviço de camareiro, característico dos costumes cavaleirescos. Ajudava o seu senhor a vestir-se e a despir-se; lavava os pratos, servia à mesa e fazia os leitos. Êstes serviços, que os antigos consideravam como aviltantes e os impunham a seus escravos, eram respeitáveis aos olhos dos nobres medievais. Já Tácito advertia êsse costume entre os antigos germanos. Durante o período da aprendizagem, que dura de cinco a seis anos, o qualificado de escudeiro ou *damoiseau* (pequeno senhor), não tem o direito de usar as armaduras. Quando finda a sua aprendizagem está entre os 18 e os 20 anos. É, nota Rambaud, se é bastante rico, entra na cavalaria por uma cerimônia guerreiro-religiosa, de que nos ficaram lembranças nas canções de Gestas. A igreja complicava por demais o cerimonial, que sempre acabava por um solenissimo juramento de fidelidade a seus principios.

Só os ricos podiam ser cavaleiros. Os gentis-homens pobres não podiam arcar com as despezas da cerimônia e com os gastos sociais da vida cavaleiresca.

Ficavam toda a vida escudeiros. A nobreza dava-os de duas espécies: uma que não tinha idade para armar-se cavaleiros; e outra, que não tinha haveres com que sustentar essas responsabilidades. Mas a instituição era permitida sómente aos da classe nobre, que constituíam, como os que ingressavam no clero

— tambem da sua classe —, um dos pilares das camadas privilegiadas da sociedade feudal.

A CAVALARIA NA PENINSULA

Ha quem afirme que não existiram cavaleiros na peninsula ibérica. Julgam que só na França e na Inglaterra prosperaria e florèsceria essa instituição, peculiar a toda a Idade Média. E' um êrro que aqui não se endossará, porque as necessidades medievais eram de todo o continente europeu, onde prevalecia o sistema baseado na servidão. Um historiador espanhól afirma, catégóricamente:

> *No puede decirse que en Castilla y Leon el regime feudal tubiese los caracteres que en el centro de Europa; pero no se puede negar su existencia, porque no era posible que España se subtrajese por completo al influjo de las idéas vigentes en los demás pueblos del Occidente...*

Não é preciso ser marxista para se saber que, num dado período histórico, a-pesar das divergências formais, a base predominante é sempre a mesma, para todos os povos. Na Európa, o regime feudal, baseado no trabalho do servo da gleba, pagador de impostos ao suzerano, dominou, como forma geral, a sociedade inteira daqueles tempos. E sôbre êsse sistema de senhorio e exploração formou-se uma mentalidade, uma psicologia social que se manifesta, de um modo, nas classes elevadas — nobreza e clero — e de outro, fundamentalmente diferente, e até diametralmente oposta, nas classes sociais inferiores — povo.

As características sociais da nobreza eram a *fidalguia de sangue*, a *cultura*, a *fineza de trato*, a *sociabilidade* e a *ociosidade*. Socio-psicológicamente seus traços essenciais estão no seu alto espírito de *religiosidade*, na sua *coragem*, no seu *orgulho de classe*. Daí resultava a sua ideologia profundamente reacionária. Isso derivava das características econômicas da classe nobre; que, em síntese, pode-se dizer serem as seguintes: classe *econômicamente exploradora* e *politicamente opressora*, *rica*, *improductiva*, *proprietária*.

Verifique-se como êsses attributos ecônomicos, sociais e socio-psicológicos, se realizam em Dom Quixote.

* * *

CLASSE DE DOM QUIXOTE

Deduz-se êste atributo do próprio título da obra

O ENGENHOSO FIDALGO DOM QUIXOTE DE LA MANCHA.

Mais não se precisará, para se frisar a classe a que pertencia o herói manchego. No entretanto, ainda se pode citar da *ouverture* sinfônica:

> *Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não ha muito, um fidalgo, dos de*

> *lança em cabido, adarga antiga, rocim fraco, e galgo corredor.* (*P. I - C. I*).

Ainda o próprio título do C. I - P. I.:

> *Capítulo primeiro — que trata da condição e exercício do famoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha.*
>
> *... é pois de saber que êste fidalgo...*

E, mais:

> *Orçava na idade o nosso fidalgo pelos cincoenta anos. Era rijo de compleição, seco de carnes, enxuto de rosto, madrugador, e amigo da caça.* (*Ibidem*).

Dos títulos de diversos capítulos, tambem se confirma a sua classe nobre. E mais não é preciso, para se lhe provar a superioridade de classe.

Êste fidalgo, cujas pretensões, como adiante se vai demonstrar, eram a de restaurar o regime feudal que dava os últimos suspiros ao tempo de Cervantes, conscio de que a espinha dorsal dêle residia na já estudada instituição da cavalaria, fez-se

CAVALEIRO

A profissão escolhida com êsse intuito, prova-se fartamente, em diversas passagens da obra. Já louco, veiu a dar na idéia de

> *... fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com suas armas e cavalo, à cata de aventuras.* (*P. I - C. I*).

No C. 3 da P. I., quando a causticante crueldade de Cervantes fá-lo encontrar, na venda que sua demência julgava ser castélo, duas meretrizes réles, que nesse tempo, em espanhol, se chamavam *mozas del partido*, que êle tomou por duas damas fidalgas, ao correrem, amedrontadas, do aspécto original do manchego, disse-lhes:

> *Não fujam Suas Mercês, nem temam desaguizado algum, porquanto a ordem de cavalaria que professo a ninguém permite que ofendamos, quanto mais a tão altas donzelas, como se está vendo que ambas sois* (*P. I. - C. 2*).

Pelo titulo do C. 3, no qual a malícia de Cervantes atinge a cúmulos incríveis, verifica-se que outra não era a pretensão de Dom Quixote.

> *Capítulo Terceiro — no qual se conta a graciosa maneira que teve Dom Quixote em armar-se cavaleiro.*

Na tragicómica aventura do pastor Andrés e do seu patrão Haldudo, o rico, que, amarrando-o num tronco de arvore lhe pespegava uma sova de arrancar couro e cabelo, ao interferir generoso de Dom Quixote, o amo, com reverentes palavras, justifica-se...

> *— Senhor cavaleiro, este rapaz que estou castigando é meu criado.*

E daí por diante, nos nomes dos capítulos, Cervantes, com diabólica ironia, não deixa de lembrar o seu ofício de cavaleiro.

O sarcasmo de que Cervantes cerca o seu herói, pode-se dizer que se manifesta desde a primeira palavra da sua grande obra. Mas,

onde êle atinge proporções desmesuradas, é, verdadeiramente, naquele em que, num escarnecimento cruel, faz um vilão nú e crú, da mais infíma categoria na sua classe — vendeiro — armar cavaleiro a um fidalgo. Não só por essa passagem se demonstra o seu propósito arrazador das últimas persistências da cavalaria andante. Cervantes na P. I. - C. 18, fala da "já perdida e quasi morta ordem de cavalaria andante". Reafirma, tambem, êsse intuito, em toda a obra, e o traduz no mais corrosivo estílo de que alguém já se serviu para tais fins.

Verdade é que Dom Quixote, pela descrição que de seus haveres se faz na novela, é um fidalgo arruinado ou decaído.

> *Passadio, ôlha seu tanto mais de vaca do que de carneiro, as mais das ceias restos da carne picados com seu cebola e vinagre, aos sábados outros sobejos ainda somenos, lentilhas às sexta-feiras, algum pombito de crescença aos domingos, consumiam três quartos do seu haver. O remanescente, levavam-no saia de* belarte, *calças de veludos para as festas, com seus pantufos do mesmo; para os dias de semana o seu* bellori *do mais fino* (*P. I - C. I*).

Tão poucos haveres eram os seus que, levado pelo estranho gôsto de lêr livros de cavalaria, para poder comprá-los...

> *... chegou a vender muitas courelas de semeadura...* (*P. II - C. I*).

Que longe estava o pobre fidalgo decaído, sonhando com a restauração do regime social, que eram as delicias da sua classe em decomposição, daqueles duques burlões dos capítulos derradeiros

do livro, que tanto zombaram do pobre manchego!... Esses duques, que se tratavam a corpo de reis, eram do tipo dos nobres aburguesados de que fala Engels, referindo-se aos barões feudais, que sucederam aos que se entredevoraram na Guerra das Duas Rosas.

> *Seus sucessores, ainda que rebentos em sua maioria das mesmas velhas famílias, estavam tão longe da tradição, que constituiram uma classe social totalmente nova, com costumes e tendências mais bem burguesas que feudais; êstes sucessores conheciam perfeitamente o valor do dinheiro e começaram em seguida a acrescentar as suas rendas territoriais, para o que substituiam por carneiros a centenas de colonos.* (ENGELS — Socialisme utopique, etc.)

Dom Quixote era dos renitentes. Dos reacionários. Dos que não quiseram, ao contrário dêsses seus transformados companheiros de classe, assimilar a grande reforma que levava tudo de roldão.

OCIOSIDADE

A classe alta de Dom Quixote, ainda se patenteia na vida que levava. A ociosidade é privilégio da classe dominante. (*) Despreocupada e improductiva, com a vida assegurada na exploração do

(*) Sôbre a ociosidade lembra-se aqui a dissertação, cheia de espirito, de Lafargue, "O direito à Preguiça".

trabalho alheio, mas que é muitas vezes aproveitada para o refinamento da inteligência e o polimento do espírito,

> *... a aparição da econômia escravagista. E' esta, que permite a formação de uma classe de individuos que dispõe de lazeres suficientes para se consagrarem a uma atividade não productiva. E, como dizia Aristóteles, o ócio é a condição necessária ao desenvolvimento da filosofia.* (*A. Thalheimer* — Introdução ao meterialismo dialéctico).

E de Dom Quixote se diz que,

> *... nos intervalos que tinha de ócio (que eram os mais do ano) se dava a lêr livros de cavalaria com tanta afeição e gôsto, que se esqueceu quasi de todo do exercício da caça, etc., etc....* (*P. I - C. I*).

A propria paixão amorosa a explicava o cavaleiro no não-fazer-nada. E quando a duqueza o sonda a respeito de Altisidora, que fingia amá-lo, respondeu:

> *— Senhora, saiba Vossa Senhoria, que todo o mal desta donzela nasce da sua ociosidade, cujo remedio é a ocupação continua e honesta* (*P. II - C. 70*).

Mas por essa ociosidade é que êle se pôde...

> *...enfrascar tanto en su lectura, que se le pasaban las noches leyendo de claro en claro, y los dias de turbio en turbio.* (*P. I - C. I*).

Daí lhe resultou, de acôrdo com a privilégiada situação de classe, uma admirável

CULTURA

que a maestria extraordinaria de Cervantes descreve em linhas impecáveis de templo grego, sempre que se lhe proporciona ocasião.

Assim é que a sobrinha, esconjurando os livros de cavalaria que dementaram ao seu bom tio, diz ao Barbeiro e ao licenciado Pero Pérez,

> *Encomendados sejam a Satanás e a Barrabás tais livros, que puseram a perder o mais delicado entendimento, que havia em toda a Mancha* (*P. I - C.* 5).

E' tambem êsse mesmo licenciado Pero Pérez que observa:

> *... para fóra das necedades, que nunca se lhe acabam no tocante á sua mania, se lhe falam noutras materias discorre perfeitamente, e mostra uma razão clara, que dá gosto. Não lhe falem em cavalaria, que ninguem o terá senão por homem de bôa cabeça.* (*P. I - C.* 30).

Que se dirá daquele maravilhoso discurso aos cabreiros, que se adelgaça em volutas de incrível formosura verbal, e que encerra um grande senso inteletual ao par tambem de um perfeito faro REACIONÁRIO, pois, nele, como se vai ver, Dom Quixote coloca a idade de ouro no passado?

> *O homem desde que saiu do comunismo primitivo, sempre pensou que havia degenerado, e que a felicidade, o paraiso terrestre, a idade de ouro, estava no passado.* (LAFARGUE — Le determinisme économique).

Parece que é Engels quem dizia, que êsse modo de ver é característicos dos reacionários, porque, como afirmou Saint Simon:

> *O paraiso não está atrás de nós, mas adiante.*

Tambem a sociologos do calibre de Lalo não escapou tal observação: "O mito da idade de ouro e o dogma da queda colocáram o estado superior da humanidade não no futuro, mas no passado".

E' justo que se lembre, nem todos os antigos participam de tal pensamento. E' o caso de Isaias, aliás, neste particular, contradizendo a propria Biblia, na mitologia do Paraiso e na queda do primeiro homem.

> *O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará ao pé do cabrito; o bezerro, o leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequenino os conduzirá. A vaca e a ursa pastarão, as suas crias se deitarão juntas e o leão comerá palha como o boi. A criança de peito brincará sobre a toca do áspide, e a criança desmamada meterá a mão na cova do basilisco* (*Isaias C. II - Vs.* 6. 8).

Dom Quixote, como reacionário de quatro costados, pronuncia êste belo discurso aos abobalhados cabreiros, depois de um rústico mas farto e saboroso jantar. E' impossivel utopia mais reacionária, e mais irizações idealistas. Mas, ha mais: é a massa de cultura e o brilhantismo, que lhe borbotam dos lábios.

— *Ditosa idade e afortunados séculos aqueles, a que os antigos puseram o nome de* doirados, *não porque nesses tempos o oiro (que nesta idade de oiro tanto se estima!) se alcançasse sem fadiga alguma, mas sim porque então se ignoravam as palavras* teu e meu. *Tudo era comum naquela santa idade; a ninguém era necessário, para alcançar o seu ordinário sustento, mais trabalho que levantar a mão para apanhá-lo das robustas azinheiras que liberalmente estavam oferecendo seu doce e sazonado fruto. As claras nascentes e correntes rios ofereciam a todos, com magnífica abundancia, as saborosas e transparentes aguas. Nas abertas das penhas, e no côncavo dos troncos, formavam as suas repúblicas as solícitas e discrétas abelhas, oferecendo a qualquer, sem interêsse algum, a abundosa colheita do seu dulcissimo trabalho. Os valentes sobreiros despegavam de si, sem mais artifício que a sua natural cortezia, as suas amplas e leves cortiças, com que se começaram a cobrir casas sôbre rústicas estacas, sustentadas só para reparo contra as inclemências do céu. Tudo então era paz, tudo amizade, tudo concórdia. Ainda se não tinha atrevido a pesada relha do corvo arado a abrir e visitar as entranhas piedosas da nossa primeira mãe, que ela, sem a obrigarem, oferecia por todas as partes do seu fértil e espaçoso seio o que pudesse fartar, sustentar e deleitar, aos filhos que então possuia. Então, sim, que andavam as simples e formosas pastorinhas de vale em vale, e de oiteiro em oiteiro, com singelas tranças ou em cabelo, sem mais vestidos que os necessários para encobrirem honestamente o que a honestidade requere, e*

quis sempre, que se encubra. Não eram seus adornos, como os que ao presente se usam, exagerados com a púrpura de Tiro, e com a tantos modos martirizada sêda; eram folhagens de verde bardana e hera, entretecidas; com o que andavam tão garridas e enfeitadas como agora andam as nossas damas de côrte com as raras e peregrinas invenções que a indústria ociosa lhes tem ensinado. Então expressavam-se os conceitos amorosos da alma simples, tão singelamente como ela os dava, sem se procurarem em artificiosos rodeios de fraseado para os encarecer. Com a verdade e a lhaneza não se tinha ainda misturado a fráude, o engano, e a malícia.

A justiça continha-se nos seus limites próprios, sem que ousassem turbá-la nem ofendê-la o favor e o interêsse, que tanto hoje a enxovalham, perturbam e perseguem. Ainda se não tinha metido em cabeça a juiz o julgar por arbítrio, porque ainda não havia nem julgadores nem pessôas para serem julgadas. As donzelas e a honestidade andavam, como já disse, por toda parte desguardadas e seguras, sem medo de que alheia desenvoltura e atrevimentos lascivos as desacatassem; se se perdiam era por seu gôsto e própria vontade. E agora, nestes nossos detestáveis séculos, nenhuma está segura, ainda que a encerre e esconda outro labirinto de Creta, porque lá mesmo, pelas fendas ou pelo ar, com o zêlo do maldito cuidado lhes entra o amoroso contágio, e as faz dar com todo o seu recato à costa. Para segurança delas, com o andar dos tempos, e crescendo mais a malícia, se instituiu a ordem dos cavaleiros andantes,

defensores das donzelas, amparadores das viuvas, e socorredores dos orfãos e necessitados. (P. I - C. 11).

Dom Quixote falava às direitas, como homem culto. Não perdia oportunidade para se fazer ouvir e se fazer admirar, e não temia presenças, pois punha-se a discutir com as pessôas mais distintas e bem educadas. Assim como arengou tão formosamente aos cabreiros, em outra ocasião, muito mais solene, solta a palavra junto a pessôas de alto bordo social, discorrêndo sôbre as correlações das armas e das letras.

Dêsse discurso — P. I - C, 38 — são tópicos magníficos, os que adiante se transcrevem.

> *... alcançar alguém a eminência das letras coisa é; que custa tempo, vigilias, fome, nudez, vágados de cabeça, padecimentos de estômago, e outras semelhantes a estas, que já em parte deixo apontadas; mas chegar a ser soldado custa tudo isto porque passa o estudante, e em gráu tanto mais subido, porque a cada passo se acha no risco de perder a vida, o que torna impossivel a comparação entre o militar e o soldado.*

Ainda como bom fidalgo medieval, preferindo a luta corpo a corpo á das armas brancas, e insurgindo-se contra a polvora, recem-adotada no seu tempo, exclama:

> *Venturosos foram aqueles séculos que careceram da espantosa furia dêstes endemoinhados instrumentos de artilharia, cujo inventor tenho cá de mim para mim, que está recebendo no inferno o prêmio devido a sua diabólica invenção, com a qual proporcionou meios a*

> *um braço infame e covarde para tirar a vida a um valoroso cavaleiro, pois se vê amiudadas vezes, que, sem saber-se como nem por onde, chega uma bala disparada por um individuo que talvês fugisse espantado com o brilho do fogo que produziu a máquina quando deu o tiro, e corta e acaba a vida a um militar brioso quando êste estava combatendo corajosa e valentemente, animado pelos sentimentos que acendem e entusiasmam os peitos generosos, vida preciosa que deveria conservar-se por longos anos.*

Engels explica, á luz do seu método histórico:

> *Nos começos do século XIV, o invento da pólvora explosiva passou dos árabes aos europêus do ocidente, revolucionando, como sabe qualquer criança de escola, todos os métodos de guerra. E a implantação da pólvora e das armas de fogo não foi precisamente um áto de violencia, mas um progresso indústrial, e, portanto, econômico, A indústria não perde o seu caracter de indústria, porque os seus objéctos se destinam a destruir objéctos e não a cria-los. E a adoção das armas de fogo não só revolucionou os métodos da guerra, mas tambem as instituições politicas de poder e vassalagem. Para conseguir pólvora e armas de fogo era preciso indústria e dinheiro, e ambos estes elementos estavam nas mãos dos burgueses das cidades. Porisso as armas de fogo foram dêsde o primeiro momento armas esgrimidas pelas cidades e pela monarquia ascencional apoiada nelas contra a nobreza feudal. As muralhas de pedra das fortalezas dos nobres, até então inexpugnaveis,*

sucumbiram ante os canhões dos burgueses, e as balas dos mosquetes da burguesia traspassavam as armaduras cavalheirescas. E ao afundar-se a cavalaria da nobreza, com os seus arnezes (*) afundou-se tambem a hegemonia da classe nobre (ANTI-DÜHRING — *Trad. esp. p.* 176, 177).

A burguesia nada mais tinha a temer da técnica de guerra da nobreza.

*
* *

Por essas e outras demonstrações de fina ilustração universal, (**) é que a sobrinha não céssa de admirá-lo e da discussão sôbre a cavalaria andante, que se relata na P. I - C. 6, travada entre ambos, resultam-lhe estas exclamações,

— Valha-me Deus! — saber Vossa Mercê tanto, que, se fosse mister, podia, numa urgência, subir ao púlpito ou ir prégar por essas ruas.

E Sancho, que encarna a argúcia mais apurada, não se cança de proclamar que seu amo "mais talhado estava para prégador do que para cavaleiro andante". (P. I - C. 18). "Dando uma grande voz", depois de ouví-lo, de olhos arregalados de admiração, dissertar sôbre a ingratidão humana, exclama:

E' possível que haja pessôas nêste mundo, que se atrevam a dizer e a afirmar que meu amo é louco? Digam Vossas Mercês senhores pastôres há cura de al-

(*) O que Engels afirma, provou-se, em capítulo anterior dêste livro — sôbre a Cavalaria.

(**) Sôbre a cultura de Cervantes escreve Dom Marcelino: "Que Cervantes fue hombre de mucha lectura no podra negarlo quien haya tenido trato familiar com sus obras" — Estudios de Critica Literaria — v. IV, p. 11).

deia, por mais discréto e estudioso que seja, que possa dizer o que meu amo disse, e há cavaleiro andante, por maior que seja a sua fama de valente, que possa oferecer o que meu amo ofereceu? (*P. II - C.* 58).

E, tambem,

Digo a verdade, que Vossa Mercê é o proprio diabo em carne e osso, não há nada que não saiba.

Atónito, igualmente, fica aquele cavaleiro do Verde Gabão, ao comunicar ao filho a originalidade do seu hospede bizarro...

...o que te sei dizer é que lhe vi fazer grandes coisas de grande doido, e dizer coisas tão discrétas que apagam e destróem os seus áctos, (P. II - C. 18).

Daí, o concluir D. Diogo de Miranda, como se chamava o cavaleiro, que D. Quixote era...

... un cuerdo loco y un loco que tiraba a cuerdo...

Roque Guinard, o generoso e impávido salteador de caminhos, ao recomendar D. Quixote aos seus amigos de Barcelona, considera-o

... o mais gracioso e o mais entendido homem do mundo (*) (P. II - C. 70).

e fala de...

(*) E' curiosa duplamente a figura desse guerrilheiro salteador: Roque Guinard, é um impávido e valente homem que pertenceria ao partido da ação popular da Catalunha nos tempos das sublevações contra a realeza de Felipe IV. — Os adeptos da revolta chamavam-se NIJEROS. Roque Guinard é também conhecido com o nome de Pedro de Rocaguinardo. Nesta passagem do livro

... suas loucuras e discreções... (P. II - C. 71).

Sabe-se como o fidalgo era dono de uma alentada bibliotéca, de grandes volumes, bem encadernados, para mais de cem, que foram incinerados naquele escrutínio da P. I - C. 6. Vistoriados um a um, vê-se que nela se encontravam não só livros de cavalaria, mas também livros de poesia, que, segundo a Sobrinha, "é enfermidade incurável e pegadiça". Lá estavam a *Diana* de Jorge de Montemayor, *La Araucana* de D. Alonso de Ercilla, *La Austriada* de Juan Rufo, *El Monsarrate* de Cristobal de Virués, o *Cancionero* de Lopes del Moldonado e a *Galatéa* de Miguel de Cervantes Saavedra, de quem dizia o cura,

> *Muitos anos há que êsse Miguel de Cervantes é meu amigo; e sei que é mais versado em desdita que em versos.*

---

de Cervantes verifica-se a sua preocupação puramente política e revolucionária de apresentar o bandido como um tipo humano e generoso. Espécie de STENKA RAZIN. Herói popular. Outro aspécto curioso é o seu sentido puramente comunista. Comunismo tribal primitivo, é verdade.

"Apenas Roque chegou, perguntou a Sancho se lhe haviam restituido o que lhe tinham tirado do ruço. Respondeu Sancho que sim, mas que só lhe faltavam três lenços, que valiam três cidades.

— Que dizes tú, homem? — acudiu um dos que estavam presentes — sou eu que tenho e não valem três reais. — E' verdade — disse Dom Quixote — mas avalia-os o meu escudeiro, por mos ter dado quem mos deu.

Mandou-os Roque Guinard restituir imediatamente e mandando por os seus em fileira, ordenou que trouxessem para alí fatos, joias, dinheiro, tudo, enfim, quanto fôra roubado dêsde a ultima repartição; e, fazendo rapidamente a conta trocando o dinheiro o que não era divisivel, repartia tudo pela companhia, com tanta igualdade e prudencia que a ninguém favoreceu nem defraudou. Feito isto, e ficando todos satisfeitos, contentes e pagos, disse Roque para Dom Quixote:

— Se não se guardasse esta pontualidade, não se podia viver com êles.

— Pelo que vejo — disse Sancho — é tão bôa cousa a Justiça, que é necessaria até entre os ladrões (P. II - C. 60).

A JUSTIÇA DE DOM QUIXOTE

Mas onde Cervantes estampa, a chispaços de gênio, a cultura do fidalgo é naqueles capítulos colossais que tratam

> *Dos conselhos que deu Dom Quixote a Sancho Pança, antes de êle ir governar a ilha, com outras coisas bem consideradas,*
>
> e
>
> *Dos segundos conselhos que deu Dom Quixote a Sancho Pança,*

como também na

> *Carta de Dom Quixote a Sancho Pança, governador da ilha da Barataria* (*P. II - C.* 42, 43 e 52).

Aí é que Cervantes é cavalar!... Com essas paginas argamassadas com o cimento do gênio, quasi ficou havendo na sociologia política dois critérios para governar; 1.º Os que se compilam nêsses dizeres imortais de Cervantes, a falar pela boca de Dom Quixote; 2.º Os que se coordenam nos periodos rúdes e arestosos do IL PRINCIPE do grande Machiavelli (*)

Comparecem-se ambos. E no confrontá-los e contrastá-los (**) também se aproveite a oportunidade para transcrever critérios políticos e sociais de livros não menos célebres. (***).

(*) E' extremamente interêssante o alto juizo que SPINOZA fazia do imortal aconselhador florentino. Como se pode lêr é encomiastico e honroso, pois o elogiador, neste particular, era um homem severo, que nunca respeitou a consagração universal de tipos como Platão, Aristóteles, Bacon e Descartes (ver

I

VIRTUDE

Repara, Sancho, que, se te afanares de práticar átos virtuosos, não ha motivo para ter inveja aos princípes e senhores, porque o sangue herda-se e a virtude se adquire, e a virtude vale por si só o que não valé o sangue.

Quixote (P. II - C. 42)

Entre as admiráveis ações de Anibal, enumera-se esta: tendo um exercito muito numeroso, composto de homens de todas as idades e nacionalidades, e militando em terras alheias, não surgia nenhuma desinteligência no seu seio, nem em relação ao príncipe, tanto nos bons como nos tempos adversos. Isto só se póde atribuir à sua crueldade inhumana, que junto a infinidade de outras virtudes, o tornou respeitável e terrificante aos olhos dos seus soldados.

Macchiavelli Il Principe (C. XVIII)

CARTAS de Spinoza), No cap. V do TRATADO POLÍTICO, depois de ter dado uma interpretação moral do pensamento político do florentino, finaliza: — "Inclino-me tanto mais a interpretar assim o pensamento dêsse **habil escritor,** quanto sempre tendeu para a liberdade e apresentou, sobre os meios de defendê-la, conselhos SALUTARÍSSIMOS". No cap. X trata-o de PENETRANTÍSSIMO FLORENTINO . Também Rousseau, referindo-se a Macchiavelli, diz: "Fingindo que dava lições aos reis, dava-as bem grandes para guarda dos povos. "O Principe", de Macchiavelli é o livro dos republicanos". E mais... "este profundo politico só há tido, até agora, leitores superficiais e corrompidos" **"Le Contract Social"** — Cap. 6 — II Parte.

Estudar por parecer bom, porque o bom nome vale mais que muitas riquezas.

F. Guicciardini — I Ricordi

Que aproveita ter um filho que não é nem letrado nem virtuoso? Ou de que vale um olho vasado? E' apenas um olho doente.

Hitopadexa (*)

De quem quer que proceda o homem virtuoso é

(**) Como se verá, umas vezes coincidem, e outras se opõem.

(***) Não seria possivel citar-se todos os livros que se conhecem sobre conselhos politicos. Além dos lembrados no texto, ainda se podem referir: O **Testament Politique** do Cardeal de Richilieu, obra rara de que se poderá apreciar um exemplar na Bibliotéca Publica do Est. de S. Paulo, 6.ª edição, 1709, Amsterdam. — Nas letras espanholas conhecem-se obras de valor enestimavel que se começam com o velhissimo **Livro de los doces sabios,** em, o qual doze conselheiros politicos detêm-se a minudenciar o que um bom principe deve fazer para bem governar o seu reino. (XIV sec.); o **De regie ed regis institutioni,** de Juán de **Marianna** (535, 1624) em o qual o celebre jesuita estuda a genése do poder monarquico, a educação dos principes e as obrigações dos publicos negocios. Préga o regicidio quando o principe não se mantem fiel ás condições do mandato; — o **Empresas Politicas o Idéa de um Principe Politico Cristiano,** de Diego de Saavedra Fajardo, 1584 - 1648); o gigantesco **Criticón,** de Baltazar Gracian, (1601 - 1658) admirado com ardor por Schopenhauer; do mesmo autor lembre-se tambem o **Oraculo Manual y Arte de Prudencia;** o maior de todos é o de ANTONIO PE'REZ, conselheiro de Felipe II, e endereçado a Felipe III, em fórma de discursos, **A Arte de Governar,** de que existe uma edição impressa em Paris em 1867, com a tradução para o francês acompanhada do texto espanhol. Este livro é dos mais extraordinarios que se conhecem nesse sentido e que teve as honras de, com **Il Principe** de Macchiavelli, inspirar o famoso **Tratado Politico** de Spinoza, que, como livro do mesmo genero, não poderia deixar de ser aqui citado como dos primeiros. Finalmente, o livro do gigantesco Quevedo — **Politica de Dios**...

(*) HITOPADEXA ou **Instrucção Util** é um velho livro hindú, que ensina "a ciência prática do homem em todas as suas variadas relações abrangendo a ética e a politica". Tradução portuguêsa de MONSENHOR SEBASTIÃO RODOLPHO DELGADO. — Lisbôa, 1897.

sempre honrado. De que servirá o arco do bambú sem defeito, mas sem corda?

Hitopadexa

Êle vos dará por esposa a Antiope, e com ela sereis feliz, por haverdes buscado menos a bèleza que a sabedoria e a virtude.

Telémaco (Fenelon)

... que vossas virtudes e vossas boas ações sejam os ornamentos de vossa pessoa e de vosso palácio; que elas sejam a guarda que vos cerque e que toda gente aprenda de vós o em que consiste a felicidade.

Telémaco

Escolhe para amigo o amigo da virtude.

Versos áureos de Pitágoras

II

ARBITRARIEDADE

Não interprétes arbitràriamente a lei como costumam fazer os ignorantes que têm presunção de agudos.

Quixote (Ibid.)

E isto se há-de comprehender: que um principe, maxime se é novo, não póde guiar-se pelo que os outros homens consideram bom, sendo mesmo necessário, para mantêr o govêrno, agir contra a fé, contra a caridade,

contra a humanidade e contra a religião. Preciso é, por conseguinte, que o príncipe tenha ânimo para seguir a direção que os ventos da fortuna e as variações das coisas impõem, e, como acima já disse, não partir do bom, mas, precisando, embrenhar-se pelo mal se a tanto fôr obrigado.

Il Príncipe (C. XVIII).

Efetivamente, é um mal ser justo, se é o injusto quem há-de obter os favores da Justiça.

Hesiodo (*Os trabalhos e os dias*)

III

JUSTIÇA PARA TODOS

Achem em ti mais compaixão as lágrimas do pobre, mas não mais justiça que as queixas dos ricos.

Quixote (Ibid.)

Diante dos juizes, fica-se em pé. Em certos casos, faz-se sentar as pártes. E' proibido fazer sentar uma, deixando a outra em pé.

Talmud Babilônico

Os litigantes deverão vestir-se da mesma maneira. E o rico escolherá: ou vestir-se de pobre ou vestir o pobre como êle próprio, afim de que êste não lhe fique em inferioridade.

Tâlmud Babilônico

Nos processos entre sábios e ignorantes, faz-se sentar o sábio para honrar a ciência, mas depois convida-se o ignorante para sentar tambem para mostrar que os homens são iguais diante da justiça. E o sábio deve esperar o ignorante para se apresentarem juntos diante da justiça.

Talmud Babilônico

... e quanto á riqueza, que nenhum cidadão seja tão opulento que possa comprar outro, e nenhum tão pobre que se veja precisado vender-se...

Rousseau — *Le Contract Social*

IV

COMPASSIVIDADE

Quando se puder atender à equidade, não carregues com todo o rigor no delinquente, que não é melhor a fama do juiz rigoroso que do compassivo.

Quixote (Ibid.)

Se a bondade da alma e a moral colectiva não são suficientes para manter o Estado, é melhor simular estas qualidades, e ter, em tróca, as da agressão e da fôrça, para não caír vencido.

Resumo do *Il Principe* na obra de ORESTE FERRERO — Maquiavello, la Habana, 1928.

... e um homem que optar pelo ofício da bondade é curial que se arruine entre muitos maus.

Il Príncipe (C. XVI).

Julga a todos com benevolência.

Talmud.

V

MISERICÓRDIA, DÁDIVAS e INTERÊSSE

Se dobrares a vara da justiça, não seja ao menos com o peso das dádivas, mas sim com o da misericórdia.

Quixote (Ibid.)

Os deuses justiceiros apartam-se de todo juiso iníquo, e o clamor da justiça ergue-se sempre, em qualquer lugar que a levem os homens devoradores de presentes, que só entendem por justiça o que os acomoda.

Hesiodo — Os trabalhos e os dias.

Il Príncipe

O fácto mais importante é que o Estado não sôfra.

Tomamos por critério desta nóva aristocracia, a riqueza...

Protocólos dos sábios de Sião (*)

(*) Falsidade que a cavilação reacionária atribuiu aos Judeus. Desmascarados ficaram os "Protocolos" no livro — **Questão Judaica, Questão Social,** do autor dêste ensáio.

VI

INIMIZADE E JUSTIÇA

Quando te suceder de julgar algum pleito de inimigo teu, esquece-te da injúria, e lembra-te da verdade do caso.

Quixote (Ibid.)

Embora só se refira ao inimigo bélico, aconselha Il Principe: *atacar, destruir o inimigo, fazendo-o tudo de uma só vez, assegura a vida do principado, que é o único interêsse que deve guiar o príncipe e que, às vezes, é de eficiência para o interêsse da coletividade.*

VII

PAIXÃO E JUSTIÇA

Não te cégue a paixão própria em causa alheia, que os êrros que cometeres, a maior parte das vezes serão sem remedio, e se o tiverem, será a custa do teu crédito e até de tua fazenda.

Quixote (Ibid.)

Mas como te foi dado as paixões que te cégam
Combater e vencer, — trata então de domá-las.

Versos áureos de Pitágoras.

Quem é forte? quem sabe dominar as suas paixões!

Talmud

Quem domina a sua vontade vale mais do que quem domina uma cidade.

Provérbio de Salomão,

Pues que ya vencer aguarda
mi valor grandes victorias,
hoy ha de ser la más alta
vencer-me a mi.

Calderon de la Barca

Chamo inferno ao desesperado Imperio de mim mesmo.

Calderon de la Barca

Um homem colérico não póde instruir os outros.

Talmud

Evita encolerizar-te.

Talmud

Não há mais alta majestade do que o domínio de si mesmo.

Da Vinci

Chamo escravidão a impotencia do homem para governar e controlar as suas paixões. (Humanam impotentiam in moderandis et cœrcendis affectibus servittutem voco...).

Spinoza — (E'tica, IV).

VIII

A MULHER NO PRETÓRIO

Se alguma mulher formosa viér pedir-te justiça, desvia os olhos das suas lágrimas e os ouvidos dos seus soluços, e considera com pausa a substância do que pede, se não queres que se afógue a tua razão no seu pranto e a tua bondade nos seus suspiros.

Quixote (Ibid.)

IX

JUSTIÇA E INJURIA

A quem has-de castigar com obras não trates mál com palavras, pois bem basta ao desditoso a pena do suplício, sem o acrescentamento das injúrias.

Quixote (*Ibid.*)

Assim, a injúria deve ser tal, que não se tema a vingança.

Il Principe (C. III)

Segundo a lei da natureza, o direito está na fôrça.

Protocólos dos sábios de Sião.

X

MISERICÓRDIA E JUSTIÇA

Ao culpado que caír debaixo da tua jurisdição, considera-o como um mísero, sujeito às condições da nossa depravada natureza, e em tudo quanto estiver da tua parte, sem agravar a justiça, mostra-te piedoso e clemente, porque ainda quando são iguais todos os atributos de Deus, mais resplandece e triunfa, aos nossos olhos, o da misericórdia que o da justiça.

Quixote (Ibid.)

E' preciso que se saiba que os homens ou devem ser agradados ou exterminados, pois se se revidam dos agravos leves, dos graves, assim, não os poderão fazer.

Il Principe (C. III)

XI

RECOMPENSA DA JUSTIÇA

Se êstes preceitos e estas regras seguires, Sancho, serão longos os teus dias, eterna a tua fama, grandes os teus prêmios, indizível a tua felicidade; casarás teus filhos como quizeres, terão títulos êles e os teus nétos, viverás em paz e no beneplácito das gentes, e aos últimos

passos da tua vida te alcançará a morte em velhice madura e suave, e fechar-te-ão os olhos as meigas e delicadas mãos dos teus tri-nétos.

Quixote (Ibid.)

XII

MODERAÇÃO, BRANDURA E PREGUIÇA

Seja moderado o teu dormir; quem não madruga com o sol não goza o dia; e repara, Sancho, que a deligência é mãe da bôa ventura, e a preguiça, sua contrária, nunca chegou ao termo que pede um bom desejo.

Quixote (*Ibid*)

Trata de ser sadio. Assim, com parcimônia, dá pão ao corpo e dá descanso ao teu espírito; — mas de tal modo, que demais não seja, nem de menos...

Versos áureos de Pitágoras

Acordaste? — vê lá com calma e incontinente, que o que tens de fazer para amanhã não fique.

Versos áureos de Pitágoras

Quem vigia sua fazenda todos os dias, todos os dias ganha alguma coisa.

Talmud

Pois as obras se consumam pelo trabalho, que não pelos desejos. Em verdade, não entram veados na boca do leão que dorme.

Hitopadexa

XIII

POSIÇÃO SOCIAL

Adverte, Sancho, que muitas vezes convém, por autoridade do ofício, ir contra o que pede a singeleza do coração, porque o bom adorno da pessôa que está em altos cargos, deve ser conforme o que êles pedem, e não à medida daquilo que sua humilde condição inclina.

Quixote (Carta)

Assim, se se quiser manter entre os homens a fama de liberal é necessário não descuidar nenhuma prova de grandeza.

Il Príncipe (C. XVI).

XIV

LHANEZA E ABUNDANCIA

Para ganhar as vontades do povo que governas, entre outras coisas, duas hás de fazer: a primeira ser

bem criado com todos, e isso já eu to recomendei; a outra, procurar que haja abundância de mantimentos, porque não há coisa que mais castigue o coração dos pobres que a fome e a carestia.

Quixote (Ibid.)

Não poderás usar contra êles de drogas violentas, obrigado como te encontras em face dêles, já que, ainda que sejas muito fórte nos exércitos, precisa da simpatia das populações para entrar numa província.

Il Príncipe (C. II)

Assim, para conservar uma república conquistada, o caminho mais seguro é destruí-la ou habitá-la pessoalmente.

Ibid. (C. V.)

Quem se tornar príncipe mediante o favor do povo, deve manter-se seu amigo, o que é muito fácil, uma vez que êste deseja apenas não ser oprimido.

Ibid. (C. IX)

Porisso um governo prudente procurará que ao povo tudo lhe vá bem, que a sua alimentação seja bôa e abundante, que a sua casa seja tranquila e aprazível, que a sua vida seja alegre e feliz.

Láo-Tseú

XV

MEIO TÊRMO NA JUSTIÇA

Não te mostres sempre rigoroso, nem sempre bran-

do e escolhe o meio têrmo entre êsses dois extremos, que é aí que bate o ponto da discreção.

Quixote (Ibid.)

Assim é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a ser máu e que se valha ou deixe de se valer disso segundo precisar.

Il Príncipe (C. XVI)

Escolhe um meio têrmo, em tudo bom e justo,

Versos áureos de Pitágoras

XVI

CUBIÇA, DESREGRAMENTO E MULHERENGUICE

Não te mostres cubiçoso (ainda que porventura o sejas, o que não creio) nem mulherengo, nem glutão, porque em o povo sabendo o teu fraco, por aí te hão-de bombardear, até te derribarem nas profundezas da perdição.

Quixote (*Ibid.*)

Que o príncipe trate de evitar, como o dissemos antes, tudo o que o faça odioso e desprezível, e, sempre que assim proceder, terá cumprido com o seu dever e não verá qualquer perigo nos seus outros defeitos. O que,

com especialidade o faz odioso, como já dissemos, é o ser êle ladrão e usurpador dos bens do proximo e das mulheres dos súbditos.

Il Principe (C. XIX)

Sê sóbrio, ativo e casto e jamais te enraiveças.

Versos áureos de Pitágoras

* * *

SOCIABILIDADE E POLIDEZ DE DOM QUIXOTE

Dom Quixote é polido, cortez, afável com todos, especialmente com as mulheres da sua classe, com os nobres, com os homens cultos, dispensando tambem afabilidade aos plebeus que se lhe aproximam em tom modesto ou humilde. E até nos seus momentos de loucura, de alucinação cavaleirosa, confundindo o joio com o trigo, desfaz-se em galanteios e delicadezas com as mulheres do mais baixo escalão social. E' o caso daquelas rameiras da P. I, C 3 com que se houve dêste modo:

> *Perguntou-lhe Dom Quixote como se chamava para êle saber dali avante a quem ficava devedor pela mercê recebida, porque era sua tenção repartir com ela a honra que viesse alcançar pelo valor de seu braço.*

Quando Marcela, a do desgraçado Crisóstomo, aparece no alto de um barranco agreste, e se justifica ante os olhares atónitos

dos cabreiros e dos companheiros do defunto, para depois reembrenhar-se nos andurriais, ao quererem segui-la, brada o herói:

> *Nenhuma pessôa de qualquer estado e condição que seja, se atreva a seguir a gentil Marcela, sob pena de cair na fúria de minha indignação.* (*P. I. - C.* 14)

Quando estreita nos braços a Maritornes, cujo máu cheiro era tal que faria "vomitar a quem que não fôsse um arrieiro", o qual, conchavado com a cebolenta criada, não pregava olho a esperá-la naquela trágica noite, aculeado por "seus danádos desejos", *Dom Quixote*, ao apertá-la num amplexo forte, diz-lhe:

> *Quizera eu achar-me em termos, formosa e alta senhora, de poder pagar tamanha mercê como esta que me haveis feito com a visita de vossa grande formosura.*
>
> (P. I - C. 17)

Êsse abraço custou caro ao fidalgo porque o arrieiro, furioso de ouví-lo na lenga-lenga inacabável, jogou-lhe para cima do casco tudo o que lhe esteve ao alcance da mão, de tal modo que ficou estirado no chão como se fôra morto. A Sancho, que nada tinha com os delírios do amo, também lhe moeram as costelas com uma tempestade de pauladas, da qual nunca mais, como o manteamento e a porradaria que lhe deram os iangueses, se esqueceu.

Esta é de fidalgo puro:

> *A necessitada donzela forcejou quanto pôde por lhe beijar a mão; mas D. Quixote, que em tudo era comedido e cortez cavaleiro, de sorte nenhuma o consentiu, antes a fez levantar, e a abraçou com muita cortezia e acatamento, e ordenou...* (*P. I - C.* 29).

A carta à Dulcinéa, que Sancho teria de levar, e da qual se esqueceu nas mãos do próprio missivista, fazendo depois um embrulho do qual só saía ás claras o nome de Dulcinéa e a assinatura do cavaleiro da Triste Figura, chorando amargamente porque também se esquecera de trazer a ordem que D. Quixote dava à sua sobrinha para lhe entregar 3 burricos, essa carta é de uma comovedora delicadeza fidalga.

De rara elegância é o tratamento que dispensa à sua sobrinha e á sua ama como se deduz da P. II - C. 6, em que D. Quixote, ainda ofendido pelas palavras da primeira, naquilo que mais o entusiasmava, a cavalaria andante, não deixa de tratá-las com cordura e refinada urbanidade.

A discreção, a finúra de módos e a distinção de termos e frases se manifestam, à maravilha, na aventura do cavaleiro do Verde Gabão e no memorável incidente em que culmina êsse poema da broma burguesa contra a medievalidade, que é a aventura nos domínios dos duques zombeteiros. Dom Quixote senta-se à mesa como verdadeiro fidalgo, tendo todos os cuidados de comportar-se de modo mais protocolarmente exigível, comendo parcimoniosamente e acompanhando as refeições de palestras interessantes e amáveis em que se revela a sua alta prosápia.

Também difícilmente se poderá imaginar um tão maravilhoso esbanjamento de lhaneza e distinção, como no caso dos fingimentos da formosa Altisidora, incumbida pelos seus amos de *bancar* a tresloucada apaixonada do fidalgo.

Em amor, é platônico. Todo o seu pensamento é uma voluta de sonho e delicadeza. A idéia que faz de Dulcinéa, a quem...

> ... *em doze anos (que tantos há que eu lhe quero mais que á luz dêstes olhos que a terra ha-de comer) não a tenho visto quatro vezes...* (P. I - C. 20),

é a própria imagem feminina da beleza e da finura.

Onde entra, é sempre bem recebido e se sabe portar nos salões, na mesa, nas conversas com uma linha impecável de gestos, de idéias elevadas e de palavras escolhidas.

A ECONOMIA DE D. QUIXOTE

A sua situação de fidalgo se induzia da sua situação de classe exploradora, pois sabe-se, pelo relato de Cervantes, embora fôsse êle um nobre arruinado, não deixava de ter muitas "courelas de semeadura", que eram trabalhadas e cuidadas por servos, dos quais consta a existência

> ... *de um moço da poisada e de porta à fóra, tanto para o tráto do rocim como para o tráto da fazenda* (P. *I. - C.* 2).

Daí se deduz que, embora não fôsse um rico senhor, era da classe econômicamente exploradora e politicamente opressora, improductiva e proprietária.

PSICOLOGIA SOCIAL DE DOM QUIXOTE

Dom Quixote, consciência feudal

Sôbre as bases materiais já descritas, Dom Quixote significa um tipo social, com a psicologia de classe de uma época histórica,

com a perfeita consciência estratificada dessa classe.

Os atributos que a carácterizam já foram enumerados acima e agora vão ser exibidas as provas dêles, encarnados em Dom Quixote.

RELIGIOSIDADE (*)

Dom Quixote é um crente afervorado dos princípios da fé católico-romana. Faz alarde de pertencer ao grêmio da Igreja e se intitula um dos seus soldados. Em pontos de credo não tergiversa e não admite discussões. Quando Vivaldo, personagem da P. I - C. 13, pergunta ao cavaleiro por que era uso dos que professam tão ardua missão, ao invés de se encomendarem a Deus antes de entrar na batalha, se encomendarem às damas do seu coração, Dom Quixote, depois de lhe dar as razões do velho uso, acrescenta:

> *Não ha-de entender-se por isto que hão-de deixar de encomendar-se a Deus, que tempo e lugar lhes ficam para o fazerem no decurso da luta.*

A declaração, como se vê, é categórica. Não é possível a alguém esquivar-se de reconhecer o alto espírito de religiosidade da nobreza medieval encarnada em D. Quixote. Também quando o vendeiro o arma cavaleiro, ouve êle, dos lábios fenecidos nos beijos venais do meretrício, da rameira, que o amadrinha, a consagração religiosa,

(*) A' época de Cervantes, a luta religiosa atingia na Europa e principalmente na Peninsula, o seu apogeu. A guerra conra o Arabe tinha aspéctos de Santa. Cervantes reflecte êsse estado de espirito. Veja-se: QUIXOTE, I Parte, caps. 5, 9, 18, 37 e II Parte, cap. 3.

> *Deus faça a Vossa Mercê muito bom cavaleiro, e lhe dê ventura em lides.* (*P. I - C.* 3)

Quando resolve salvar Dorotéa das mãos de Pandafilando, diz:

> *Vamo-nos daqui em nome de Deus a favorecer esta grande senhora.* (*P. I - C.* 29).

Quando prepara o elixir que tudo curaria:

> *Sôbre a almotolia rosnou o fidalgo mais de oitenta Padres Nossos, e outras tantas Ave-Marias, Salve-Rainhas e Crédos; e a cada palavra ia uma cruz a modo de Benção.* (*P. I - C.* 17).

Não discute os designios de Deus. Curva-se-lhes em inteira obediencia. E' o caso da aventura do defunto na P. I - C. 19, quando lhe explica o licenciado que Deus mesmo havia morto o que levavam a enterrar em Segovia:

> *Dessa maneira — disse Dom Quixote — livrou-me Nosso Senhor do trabalho que eu tomaria de vingar-lhe a morte, se outro qualquer o tivesse morto; mas, sendo quem foi o matador, não ha sinão calar, e encolher os ombros, que é o mesmo que eu havia de fazer se êle me matára a mim...*

Quando, nas ásperas penedias de Serra Morena, fazia a sua penitencia de amor, querendo em tudo imitar a Amadis de Gaula, lembrou-se...

> *... que rezar foi o que êle mais praticou...*

e na falta de um rosario rasgou uma tira das fraldas da camisa e deu-lhes onze nós, um maior do que o outro, e isto servia-lhe de rosario o tempo que alí esteve, rezando com êle "um milhão" de "aves-marias" — (P. I - C. 26).

Ao penetrar-lhe o quarto, ás escuras, a ama da Duqueza, Dona Rodriguez, tomando-a por alma penada, diz-lhe Dom Quixote que falasse, pois êle era...

> ...*católico- cristão e amigo de fazer o bem a todos*... (*P. II - C.* 48).

Naqueles momentos lancinantes da morte, em que Cervantes atinge feitios dramaticamente arrebatadores, e não ha quem não se comova pelo violento do desenlace trágico,ao entrar o cavaleiro em agônia tem o cuidado de mandar chamar o Cura para sacramentá-lo.

> *Chama-me os meus bons amigos, o Cura, o bacharel Sansão Carrascão, o mestre Nicolau, o barbeiro, que me quero confessar e fazer o meu testamento.* (*P. II - C.* 74).
>
> *Mandou o Cura sair toda gente, ficou sózinho com êle, e confessou-o.* (*ibid.*)
>
> *Chegou, afinal, a última hora de D. Quixote, depois de ter recebido todos os sacramentos*... (*ibid.*)

RESTAURAÇÃO FEUDAL

E' aquí que bate o ponto do valor social autentico da obra. Cervantes encarnou no seu herói manchego, a figura de um restaurador feudal alucinado. Pelo que, o cumulou de escárneos e irrisões. Rezou-lhe, em mofas escorchantes, a se desfazerem em frangalhos encandecidos de achincalhes, um *miserere burlesco*. D. Quixote é uma espécie de Mussolini feudal... destemeroso... mas... como êste, improfícuo, afinal...

Que outra não era a intenção do vesânico fidalgo, sinão reconstituir a medievalidade, estrebuchante no vasquejar dos seus últimos estertores, vê-se, não só da sua idéia de levantar a instituição fundamental da Idáde-Média — a cavalaria andante — como desta declaração categórica de Cervantes.

> *Afinal, rematado já o seu juizo, deu no mais estranho pensamento em que nunca jamais caiu louco algum no mundo, e foi: pareceu-lhe convinhável e necessário, assim para aumento de sua honra própria, como para proveito de* sua república, *fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo, com as suas armas e cavalo, à cata de aventuras*... (*P. I - C.* 1).

Que *república* era essa, a que convinha e era necessário o seu serviço?

Evidentemente, o estado feudal. Pois que se não fôra a êsse estado feudal, a outro estado, ao estado burguês, serviria por outro modo. Pelo modo comum já naquelas épocas. Como marinheiro, como mercador, como navegante, que era o que à época importava.

Ainda há outro passo, em que se prova, de modo inconfutável, o seu desvairado propósito de restaurar a sociedade feudal, em decomposição:

> *Sancho, amigo, has-de saber que eu nasci, por vontade do céu, nesta nossa idade de ferro, para resusci-*

tar nela a de ouro, a dourada como costumam chamá-la... (*P. II - C.* 16).

E reafirma o seu propósito ao cavaleiro do Verde Gabão:

Saí de meu povo, empenhei o meu haver, deixei o meu regalo e entreguei-me nos braços da Fortuna, que me levasse aonde fosse servida. Quis resuscitar a já morta andante cavalaria... (P. II - C, 16

Também Cervantes declara:

Concluidos pois êstes arranjos, não quiz retardar mais o pôr em efeito o seu pensamento, estimulando-o a lembrança da falta que estava já fazendo ao mundo a sua tardança... (*P. I - C.* 2).

Era sempre a sua teima, que de nada precisava tanto o mundo, como de cavaleiros andantes; oxalá essa cavalaria andante cá resuscitára! (P. I - C. 7).

Tal tipo, o de restaurador feudal, foi o que Cervantes quiz encarnar no Cavaleiro dos Leões. Porisso mesmo, "por êsse estranho gênero de loucura", o transformou num trapo, esfarrapou-o a tagantadas de sarcasmos, numa das mais onimodas manifestações de ridiculo.

Nessa tremenda descarga de escárneos e irrisões é que se verifica o propósito de Cervantes de arrasar, de uma vez para sempre, a medievalidade vasquejante, que esteriotípou na figura esguia do seu personagem manchego. Êste seu intento vai sobressair mais,

quando, no capítulo da antitese se vir que o tratamento a Sancho, ressalvadas algumas excepções, é diametralmente oposto.

Cervantes não perde vasa de humilhar, até o aviltamento inhumano, ao infeliz fidalgo. Aqui é que o livro é doloroso, trágicamente doloroso. Cervantes amarra o manchego ao maior pelourinho de apupos e desdens que jamais o mundo veria. As mófas têm o descarnado rubro das carnes chagadas a ferro em braza. Sôbre as matérias assim expostas, ainda o carrasco se compraz em exercitar o seu impiedoso vergalho: Por mais que se queira rir, ha passagens imensamente doloridas, porque a demoníaca malignidade de Cervantes parece nos atingir. Sentem-se nas faces as puadas que Cervantes arremete ao feudalismo na silhueta do nobre manchego, tão bem imaginado como homem refinado, culto e bom, mas emoldurado em tarjas de gargalhadas. O seu estílo, que se não é perfeito e puro pelo castiço, é modelar e eterno pelo que ondeia de rítmos, harmonia e melodia, colorido descritivo, irizações de variantes caleidoscópicas, num ondular plástico e maravilhoso, atingindo todas as gamas da gala estilística, desde o suave, terno e simples até o patético e heróico dêsse que sóbe as alturas dos maiores surtos oratórios, é aplicado por todas as formas a ferir o manchego.

Leia-se esta:

Miravam-se as moças, e andavam-lhe com os olhos procurando o rosto, que a desastrada viseira em parte lhe encobria; mas como se ouviram chamar donzelas, coisa tão alheia ao seu modo de vida, não puderam conter o riso; e foi tanto que Dom Quixote chegou a envergonhar-se... (*P. I - C.* 2).

Desde a descrição do seu físico, embora de rija compleição, começa o trabalho demolidor de Cervantes.

Era de compleição rija, sêco de carnes, enxuto de rosto... (*P. I - C.* 1).

O capítulo infernal da vela de armas, que culmina com armá-lo cavaleiro pelo obeso vendeiro, choca:

Feito isto, mandou a uma das donzelas que lhe cingisse a espada, o que ela fez com muito desembaraço e descrição (e não era necessária pouca para não arrebentar de riso em cada circunstância da cerimônia)... (*P. I - C.* 3).

No mesmo capítulo:

Pratinho para bôa risota era vê-lo comer; porque, como tinha posta a celada e a viseira erguida, não podia meter nada na boca por suas próprias mãos...

As almas singelas dos lavradores da sua terra da Mancha, não deixavam de se admirar do seu "extranho genero de loucura" — E' o caso do seu vizinho Pedro Alonso que o carrega no seu burro, moido a pauladas...

... e marchou para o seu povo, cismando bastante nas tonteiras que Dom Quixote dizia. (*P. I - C.* 4).

Esta, então, é amarga:

... e Dom Quixote perguntou a Sancho porque motivo lhe ocorrera chamar-lhe "Cavaleiro da Triste Figura", naquela ocasião precisamente.

—Eu lhe digo, respondeu Sancho, é porque o estive considerando um pouco á luz da tocha que vai na

mão do mal andante cavaleiro, e devéras reconheci em Vossa Mercê, de pouco para cá, a mais má figura que nunca vi; do que deve ter sido causa ou cansaço dêste combate, ou talvez a falta dos dentes queixais. (P. I - *C.* 19).

Cervantes faz do estílo um tridente e verruma com êle o herói, como a punça daquele demônio que Dante coloca às margens do lago de pez ardente, para impedir que os condenados se aproximem.

Uma das continuas malícias de Cervantes é fazer que todos se admirem de ver a Dom Quixote, trajado a cavaleiro, em hábitos tão estranhos. Vivaldo, personagem do romance da linda Marcela e do infeliz Crisóstomo, pergunta a Dom Quixote,

... que era a ocasião que o movia a andar armado daquela maneira por terras tão pacíficas. (*P. I - C.* 13).

Sancho, nauseado da côr, sabor e odor do balsamo de alcaçuz que Dom Quixote vomitava, juntamente com a alma, depois da louca investida às manadas de ovelhas, de que lhe resultou, ao cavaleiro, ficar em pânos de vinagre, expele o estômago sôbre êste, ficando mais uma vez o pobre em petição de miseria.

Nossa Senhora! — exclamou Sancho — que é isto? sem dúvida este pecador está ferido de morte; vomita sangue.

Reparando, porém, um pouco mais, conheceu pela côr, sabor e cheiro, que tal sangue não era, mas sim o balsamo de almotolia que êle lhe vira engulir. Tamanho

foi o seu nojo, que, revolvendo-se-lhe o interior, vomitou as tripas mesmo por cima do amo; ficaram ambos como umas perolas. (*P. I - C.* 18).

Da loucura do cavaleiro nunca se deixam de embasbacar, mesmo os seus mais acostumados amigos. Quando Sancho vai em missão de amor, por parte do amo, levar a carta a Dulcinéa, ao encontrar-se com o cura e o barbeiro,

... logo correntemente, e sem detença lhes contou como o deixára, as aventuras que lhes haviam sucedido, e como levava a carta à senhora Dulcinéa del Toboso, que era filha de Lourenço Corchuelo, de quem o amo estava enamorado até aos figados.

Admirados ficaram os dois do que a Sancho ouviram: e, ainda que já sabiam da loucura de Dom Quixote, e o gênero dela, sempre que a ouviam se maravilhavam como de coisa nova. (*P. I - C.* 26).

Numa das ocasiões mais protocolares porque transcorre a vasta obra, que é o encontro com a "bela caçadora", que depois se transforma naquela formosa e prazerosa Duqueza, Cervantes é um inferno de maldades.

Nisto chegou Dom Quixote e, dando mostras de querer apeiar-se, acudiu Sancho a segurar-lhe o estribo; mas com tanta desgraça, que, ao saltar, embrulhou-se-lhe o pé de tal modo numa das silhas da albarda, e ficou pendurado com a boca e o peito no chão.

Dom Quixote que não costumava apeiar-se sem lhe segurarem no estribo, supondo que Sancho estava já no seu posto, largou o corpo de golpe, e levou consigo a séla de Rocinante, que por fôrça estava mal apertada, e êle e a séla caíram no chão, não sem grande vergonha sua e muitas maldições, que atirou por entre os dentes ao desditoso Sancho, que ainda estava com pé preso.

O duque mandou aos seus monteiros que acudissem ao cavaleiro e ao escudeiro, e êles correram logo a levantar a Dom Quixote, que maltratado da quéda, correndo, e como pôde, foi ajoelhar diante dos duques... (*P. I - C.* 30).

Que se dirá da ímpia, da venenosa, da viperina alusão de Sancho, no conto que narra na P. II - C. 31, e que matou de vergonha ao cavaleiro? Sancho assiste, aparvalhado e já aborrecido, às trócas de finezas e mesuras, entre Dom Quixote e os duques, que o queriam obrigar a sentar à cabeceira da mesa. Depois que os duques saíram com a sua, Sancho pede-lhes licença para contar uma história: — Um lavrador e um fidalgo porfiavam nas mesmas condições a que se assistia naquele momento: Êste queria que o primeiro tomasse a cabeceira. Mas o lavrador

... que tinha fumaças de cortez, não foi capaz de ceder, até que o fidalgo enfastiado, pondo-lhe as mãos nos ombros, o fez sentar a fôrça, dizendo-lhe:

Sentai-vos, palúrdio, que o sitio em que me sentar, seja onde fôr, fica sendo a cabeceira.

—Ora, aqui está o conto — concluiu Sancho — e na verdade parece-me que não foi trazido fóra de propósito.

Fez-se Dom Quixote de mil côres, que lhe jaspeavam o moreno do rosto.

Mas a crueldade de Cervantes sóbe de ponto no capítulo final da obra, capítulo dramático, lancinante!

O cavaleiro recupera o juizo. E é de ver-se como Cervantes descreve, em palavras de impiedosa deshumanidade, a volta de juizo claro, retransformando-se Dom Quixote em Alonso Quijano, el Bueno. O louco que tanta estranheza causára, mais estranheza vai despertar com sua sanidade. Ninguém o acredita. Mas é verdade! Morre o cavaleiro e renasce Alonso Quijano, el Bueno, para entrar em extrema agônia. E veja-se bem: das personagens centrais do romance é o unico que morre porque é o unico que reconhece, naquelas despedaçantes palavras finais, que é loucura querer restaurar o irreparável que deveria morrer. A dialéctica irremovivel da obra impõe a morte do cavaleiro que, embora reconciliado com a realidade, não podia subsistir em face dela mesma. O feudalismo arrastava-se numa agônia lenta, até que lhe fizessem o enterro nos dias candentes de 89, que o sideraram como sistema social.

Há quem, nestes passos que foram transcritos, insurgindo-se contra as que aquí se chamam crueldades de Cervantes, as acham desnecessárias e descabidas. Jamais!... São essenciais na obra!... Cervantes, justamente nelas, é que demonstra o seú propósito de chacotear o feudalismo na figura desastrada de Dom Quixote.

PIEDADE DE CERVANTES

Uma única vez Cervantes respeita a desgraça de Dom Quixote. E' quando, no C. 5 da P. I. ao ser conduzido à sua aldeia

pelo seu vizinho Pedro Alonso, que êle julgava ser o Marquez de Mantua, "seu tio e senhor carnal", êste chegou com o desgraçado atravessado em cima do rocim já vizinha a noite.

...e o lavrador aguardou que fôsse mais escuro para que não vissem ao moído fidalgo tão mal cavalgado.

*

* *

Aquí ainda caberiam dois sub-capítulos, em que se estudassem o calão e os provérbios do cavaleiro. Mas, como são acidentais no manchego e próprias de Sancho , neste terão a devida atenção.

*

* *

CORAGEM

Quem não sabe que êste é o atributo inegável de Dom Quixote?

Pois aquí é que bate o ponto central da psicologia social do herói. E' herói em toda a extensão da palavra: valente, puro e desinteressado. Não escolhe aventuras. Aceita-as como vierem. Não as evita. Busca-as, as mais arrojadas. Nos moinhos de vento, das costas da Mancha, vê, num delírio alucinatório, gigantes a enfren-

tar. As aspas dos moinhos eram os enormes braços abertos dos gigantes.

> ...*porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos a vida, e com cujos despojos, começaremos a enriquecer: que esta é bôa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra* (P. I - C. 8).

Do tombo de descadeirar não se queixa Dom Quixote. Porque...

> ... *aos cavaleiros andantes não é dado lastimarem-se de feridas, ainda que por elas lhes saiam as tripas* (*P. I - C.* 28).

Na aventura dos iangueses, ao lhe sobreavisar Sancho, pressagamente:

> *— Que Diabo de vingança havemos de tomar se êles são mais de vinte, e nós só dois, e bem póde ser que só um e meio?*
>
> *— Eu valho por cem — respondeu Dom Quixote.* (*P. I - C.* 15).

Não teme arrastar os rigores da própria justiça, quando não a considera bem ditada, e investe contra os seus executores, como no caso dos condenados ás galés, a quem dá liberdade a contra gôsto dos responsáveis pelas ordens reais. E assim apela aos guardas e comissarios:

> ... *não é bom que os homens honrados se façam verdugos dos seus semelhantes, de mais sem proveito. Digo isto com tamanha mansidão e socego, para vos poder agradecer, caso me cumprais o pedido; e quando à boamente o não façais, esta lança e esta espada com o valor do meu braço farão que por fôrça o executeis* (*P. I - C.* 22).

A engraçadissima aventura dos quadrilheiros, que mata de rir a quem a lê, pela movimentação e gritos dos lutadores, ainda demonstra o valor heróico do manchego. Atira-se contra êles com furor, e distribui lançadas para todos os lados. Na hilariante confusão da pancadaria provocada pelo cavaleiro, ouve-se-lhe gritar atroadoramente:

> *Tenham mãos todos, embainhem as espadas, sosseguem e ouçam-me, se não querem perder a vida* (*P. I - C.* 45).

Não recua na antevisão do proprio impossivel. Quando um dos saltimbancos da carreta da "Corte da Morte", fustiga o burro de Sancho, fazendo-o dasabalar na correira, campina fóra, Sancho disse ao amo:

> *— Senhor, o diabo levou o ruço!*
> *— Qual diabo?*
> *— O das bexigas.*

declara-lhe, heróico, Dom Quixote:

> *— Pois eu o recobrarei, ainda que se esconda com êle nos mais profundos e escuros calabouços do inferno* — (*P. II - C.* 11).

Heróicamente dá toda a vantagem ao inimigo e não procura traí-lo. Ao combinar, de noite, a singular batalha com o cavaleiro dos Espelhos, aceita-lhe as condições, das quais uma era a de esperar o dia para não se assemelharem aos salteadores e rufiões — (P. II - C. 14).

* * *

O seu sentido heróico culmina na desvairada aventura dos leões. Enjaulados vão, de presente á sua majestade e enviados de Africa, grandes leões esfomeados. Ordena ao carreiro que abra a jaula e põe-se defronte enquanto todos desabalam tiritantes de medo, pela campina rasa. (P. II - C. 17).

Sabe-se que Dom Quixote era meio-louco. Mas eis que o seu maior e "extranho gênero de loucura", era o de restaurar, com o sentido heróico da vida da pessôalmente valorosa idade-média, as traves mestras desta idade.

* * *

Na manada de ovelhas, vê um exército de gigantes a combater e investe sem temor contra os dois rebanhos, e a sua descompassada imaginação vai pondo nomes de sete léguas aos pacíficos carneiros: Laurcalco, senhor da Ponte de Prata, Micocolembo, granduque de Quirocia; Brandabarbaran de Boliche, senhor das três Arabias; o sempre vencedor e jamais vencido Timonel de Carcajona; o poderoso duque Espartafilardo do Bosque, e outros que tais.

Interpõe-se para salvar, desinteressadamente, os necessitados porque a sua função era exercitar-se em tudo aquilo que havia lido se exercitavam os cavaleiros andantes, desfazendo todo gênero de agravos e colocando-se em ocasiões e perigos para desfazê-los. Êle próprio se intitulava,

> ... *o valoroso Dom Quixote de la Mancha, o desfazedor de agravos e sem razões.* (*P. I - C. 4*).

Jamais fugiu a perigos, salvo quando os considera insignificantes ou quando entra em certo declínio, pelo muito lhe moerem as costelas. Aceita os desafios de supostos cavaleiros e os vence e os rende como a Sansão Carrascão, o cavaleiro dos Espelhos. Embrenha-se pelos recessos mais inóspitos dos matagais à cata de aventuras, e lança-se contra tudo aquilo que lhe parece injustiça ou afligimento do próximo. Apanha e não se queixa, e não deixa passar camarão por malha, nisso a que chamam aventuras.

Anima a Sancho nas suas vacilações e nos seus temôres e não sófre que alguém se lhe queixe ao pé e oferece o valor do seu braço, para o que der e vier.

E' de ânimo esforçado e varonil. Por assim se sentir é que sonhou, com o ORGULHO da sua classe, que nunca cessou de proclamar, mostrando em todas ocasiões a superioridade da cavalaria andante até sôbre a cultura, — com a RESTAURAÇÃO FEUDAL.

ORGULHO

Como acima se afirmou Dom Quixote tem o orgulho profundo da sua classe. Êle transparece nitidamente destas palavras a Sancho dirigidas:

De tudo que te digo hás-de inferir, Sancho, que é necessário fazer-se diferença de amo a moço, de senhor a criado, e de cavaleiro a escudeiro; portanto, de hoje avante, devemo-nos tratar mais respeitosamente, sem nunca nos confundir-mos um com o outro, porque de qualquer modo que eu me enfade convosco, quebrado afinal há-de ser sempre o cantaro.

Tem em respeito subido o conceito da família. E em sua fantasia, inventa para Dulcinéa uma cêpa ilustre.

A' curiosidade de Vivaldo que, com seus companheiros estimariam saber "a sua linhagem, prosapia e nobreza" responde Dom Quixote:

Não é dos antigos Cúrcios, Gaios, e Cipiões romanos; nem dos modernos Colonas e Ursinos; nem dos Moncadas e Requesenes, de Catalunha; nem dos Rebelas e Vilanovas, de Valência; Palafozes, Nuzas, Rocabertis, Corelas, Lunas, Alagoes, Urreas, Fozes e Gurreas, de Aragão; Cerdas, Manriques, Mendonças, e Gusmões, de Castela; Alencastre, Palhas, e Meneses, de Portugal; porém descende dos de Toboso da Mancha, linhagem se bem que moderna, tal, que pode dar generosa raiz ás mais ilustres famílias dos vindoiros séculos (*P. I - C.* 13).

*
* *

Assim demonstrado fica a psicologia social de Dom Quixote, nos seus atributos mais eminentes, e que eram os que caracterisavam a nobreza feudal, a CORAGEM e o ORGULHO.

ANTÍTESE =

SANCHO

SOBRE SANCHO:

— Ya te tengo dicho antes de ahora muchas veces, Sancho — dijo D. Quijote — que eres muy grande hablador y que, aunque de ingenio boto, muchas veces despuntas de agudo...

(P. I - C. 25).

— ... a-pesar de lerdo, o sujeitinho não deixava de ser fino.

... saco de maldades e costal de malicias.

(P. II - C. 2)

Bien es verdad que soy algo malicioso y que tengo mis ciertos asomos de bellaco...

(P. II - C. 8)

A SOCIEDADE BURGUEZA

Nus sumes homes cum il sunt. Roman de Rou (*).

A história da burguesia e a história do Trceiro Estado não constituem mais que a história do desenvolvimento da nossa sociedade civil, desde êsse caos de costumes, leis, hábitos e condições que se seguem à quéda do Imperio Romano, até êste rejime de ordem, unidade e liberdade dos nossos dias.

E' assim que Augustin Thierry resume, em sua *História da formação e dos progressos do Terceiro Estado,* a importâcia e a evolução social da burguezia. (**)

Não se há porque parar a retorquir-lhe quanto à "ordem, unidade e liberdade dos nossos dias". Só a cegueira politica póde vêr tais coisas, lá, onde só ha cáos, anarquía e liberdade... para uma classe...

O que se deve aceitar é a primeira parte da lição, no concernente à evolução da sociedade burguêsa.

O TERCEIRO ESTADO

era constituido pelo povo, pela massa, que trabalhava nos campos ou nas cidades, para sustento e regalo do clero e da nobreza. Dêle saíriam, mais tarde, a burguezia e o proletáriado moderno.

"A revolução francêsa, foi o triunfo do "terceiro estado", isto é, da grande massa da nação a cujo cargo corriam a produção e

(*) Versos da burguezia revolucionária, contra a nobreza.
(**) "Essais sur l'histoire de la formation et des progrés du Tiers E'tat". AUGUSTIN THIERRY — Paris.

o comércio, sobre os vigamentos até então *ociosos* e privilegiados da sociedade: a NOBREZA e o CLÉRO. Porém, logo se demonstrou que o triunfo do Terceiro Estado não era mais do que o triunfo de uma parte bem pequena dêle, a conquista doPoder Político pelo setôr socialmento privilegiado, dessa classe: a BURGUEZIA" (*Engels — Anti-Dürhiig —* p. 282).

Constitui-o, diz um escritor francês, o ser vil, deshonrado, achincalhado, desprezado, pobre e sórdido, que trabalhava penosamente a terra. Fica lá embaixo, nas profundidades sociais, sem luz, sem ar, sem poder por o pé fóra do seu ataúde.

E' o SERVUS. — O homem sujeito a deveres servís para com o seu senhor e chefe-rei, nobre ou sacerdote.

Na França, sob as duas primeiras dinastias — merovíngios e carlovígios — ainda havia escravos. Depois, o que muito não lhe difere, aparece o homem preso à gleba, fazendo parte integrante da terra pertencente ao seu senhor e que êle devia cultivar, pagando impostos, sem poder libertar-se. "Nulle terre n'est sans seigneur", é o princípio que rege o camponês medieval.

Primeiro, simples usufrutuário, a título oneroso, do solo que cultivava, foi-se tornando, entretanto, á força de lutas persistentes, o seu posseiro. Pouco a pouco impõe ao senhor, principalmente quando êste se apertava e precisava de dinheiro para as suas guerras, para as suas corridas rapinantes, para manter-se em seus palácios luxuosos, uma série de direitos e excepções, como o não-pagamento de determinados impostos, dízimos, etc. Devagar começava-se a vêr o homem, e dessa massa do Terceiro Estado, se foi esboçando a Burguezia que, afinal, outra coisa não é que a classe de servos medievais que, no transcurso de muitos séculos, chegou à independencia politica e à riqueza. Destacou-se

do Terceiro Estado, e conseguiu acaudilhá-lo, desenvolveu em seu seio o fermento da revolta. Em 1260, contavam-se em Paris 19 famílias de carniceiros que, sob Carlos VI, formavam um grêmio numeroso de mestres e companheiros, constituindo o terrível partido de rebéldes, que abalou a realeza.

Mas os servos pertenciam ao senhor, e foi para partir a cinta metálica da vassalagem, que se uniram em corporações, já no século XII.

A comuna se contém em germe nas corporações. As insurreições comunais, que tanto se repetiam na idade-média, tinham por fim dar ao povo o município.

Coligavam-se nas organizações de ofícios, fortes grêmios "ao mesmo tempo amigos e rivais, fazendo-se concorrência proba no trabalho, e na tróca mercantil. Visavam menos o lucro que a emulação, solidarizando-se por tal forma, que a honra de cada membro valia tanto quanto a da própria agrêmiação". Porisso mesmo, tomavam o nome de confraternidades, ou confrarias, ao modo grêgo ou cristão primitivo.

Foi à cabeça dessas associações de ofício, que apareceram os primeiros burguezes.

* * *

O burguêz foi aquele que, pela sua situação mais progressita e mais agrupada, formando o vilário junto às muralhas castelãs, pela sua luta desenvolvida mais acremente devido à sua maior aproximação da nobreza, pela sua esperteza, enfim, elevou-se acima dos seus companheiros de exploração. Constituiu uma espécie de nobreza popular, dentro da classe formada por êle e pelo servus de gleba — o povo.

Sem participar do entusiasmo imoderado dos que querem ver nas instituições corporativas-medievais o ideal da organização humana, é preciso, no entanto, reconhecer-lhes a honra de terem fornecido o levêdo da democracia burgueza. No seu tempo, forçaram a realeza e a nobreza a respeitar o trabalho do povo. A lei sálica chegou a avaliar a vida de um ourives, na mesma taxa que a de um companheiro do rei.

> *Sem pretender, como o Conde de Boulainvilliers, que o sistema feudal foi a obra prima do espírito humano, é-se forçado a admitir que êle foi ao mesmo passo a expressão e o instrumento das necessidades dessa época agitada.* DESCHANEL: — Le peuple et la bourgeoisie, p. 52).

A nata dos servos medievais, a burguezia, teve o sentimento do seu valôr, da sua utilidade, e, insurgindo-se contra os opressores do povo, desdobrou-se naqueles movimentos da *jacquerie* comunalista, guerreira, facciosa, turbulenta e revolucionária. Um homem prototipico a guia: — ETIENE MARCEL. THIERRY o descreve:

> *Então apareceu um homem, cuja figura se agrandou nos nossos dias, porque se pôde melhor compreendê-lo,* ETIENE MARCEL, *preposte dos mercadores, isto é, do clube da municipalidade de Paris. Por uma extranha antecipação, êsse vereador do sec. XIV quis e tentou coisas que só parecem pertencer ás revoluções modernas. A unidade social e a uniformidade administrativa, os direitos politicos extendidos também reconhecidos como direitos civis; o principio da autoridade*

publica transferido da corôa á nação; os estados gerais transformados sob a influência da terceira ordem, em representação nacional; a vontade do povo reconhecida como soberana diante do depositario do poder real; a ação de Paris sôbre as provincias como cabeça de opinião e centro do movimento geral; a dictadura democratica e o terror desencadeado em nome do bem comum; novas côres adotadas e usadas como sinal de aliança patriótica e símbolo de renovação; a mudança da realeza de um braço a outro, em vista da causa das reformas e pelo interesse plebeu, eis os acontecimentos e as cenas que deram ao nosso século e ao precedente o seu caráter politico. (THIERRY — *ob. cit.*).

Com audacia e irreverência fez a *Satyre Ménippée* (*) antes de inscrever a palavra *república* em sua bandeira. Fez, também, lentamente, a sua educação nos Estados Gerais, e chegou aos cadernos de 89.

Referindo-se á *Satyre Ménippée*, escreve MARCILLY:

Grande foi a voga deste pequeno pamfleto mordente e espiritual em sua concisão... (P. XXVII).

O burguêz de hoje tem por ancestrais os dos municípios e das comunas. *L'Encyclopedie* o define.

... aquele cuja residencia é uma cidade. O cidadão é o burguês considerado relativamente á cidade que de que é membro; HABITANTE *é um particular considerado relativamente à residencia pura e simples; a burguesia supõe uma cidade, a qualidade de cidadão, uma sociedade onde cada particular conhece o trabalho e ama o bem.*

(*) **SATYRE ME'NIPPE'E**, ed. notas de Ch. Marcilly — Paris — 1882.

Burgo é palavra que se encontra em muitas línguas. Littré, em seu *Dictionáire*, fornece as seguintes etímologias: o gaélico *borg*, o alto alemão *burg;* o burguinhão *borg;* o provençal *bore*. O burgo era o logar de reunião, a praça, a fortaleza que no Rêno chama-se ainda *burg*. À região fortificada que se torna castélo, *castelum*, quando a língua francêsa começava a se formar, contrapoz-se a palavra *burgo* — o que fica para além das muralhas do castélo, formando-se em casas aglomeradas, não cercadas de muros. O burgo, com o andar do tempo, torna-se cidade. O habitante da cidade torna-se burguês, enquanto o habitante da vila é vilão, e do campo, camponês.

Quando as cidades obtiveram privilégios, o burguêz tornou-se o homem privilegiado de tal lugar, com exclusão dos outros homens do povo, e a palavra — "burguez" — não designava mais o habitante do burgo, mas o que gozava de privilégios. Assim, o termo burguez que, no princípio, designava o habitante do burgo, deixa de significar isso para significar o corpo privilegiado dos burguezes. Mais tarde viram-se nobres chamar-se burguezes em oposição à plebe, porque, assim, poderiam aproveitar-se dos privilégios que os burguezes tinham arrancado à nobreza.

Bréguigny estabelece que,

Os carácteres gerais da burguêzia eram: a) *ter cartas e privilégios, que lhe eram concedidos especial-*

mente e que não podiam reconhecer-se às pessôas de condição livre; b) *supor um corpo ao qual essas pessôas eram associadas;* c) *exigir a reunião dessas pessôas em determinado lugar para gozarem em comum dos seus privilégios...*

Alexandre Herculano estudando o burgo, diz:

...nos idiomas teutônicos, significava em geral qualquer grupo de habitações; pouco mais ou menos o mesmo que os romanos exprimiam por vicos e vilas. *Êstes adotáram o vocabulo para designar os postos fortificados e castélos das fronteiras e em especial os das margens do Rêno, onde provavelmente o nome barbaro se começou primeiro a usar. No decurso da idade-média a significação de burgo, sem nunca deixar de ser a mesma na essência, isto é, a de habitações aglomeradas, variou limitando-se ora a uma, ora a outra modificação especial. O mais comum foi aplicar-se exclusivamente às povoações contiguas às cidades, catedrais, mosteiros e castélos, talvês separadas administrativamente dêles, e constituindo uma individualidade própria.* (História de Portugal — V. VII).

O historiador português, continuando a desenvolver as suas considerações em torno da formação histórica dos burgos, chega afinal, a esta conclusão:

... o burguêz era essencialmente o que no século XIII se chamava o homem da rua, *o logista, o dono de*

uma oficina de pequena indústria. Fundados ao pé de um castélo importante guarnecido de cavaleiros e homens darmas pagos, ou junto de catedral ou de mosteiro opulento, nada mais natural do que povoarem-se os burgos por individuos exercendo misteres fabris com que suprissem aos comodos e ao luxo dos seus mais ricos vizinhos. Assim, o burguêz é na primeira época da nossa história, o tipo mais completo desta classe média que hoje habita os grandes centros de população e dos misteres que representam o progresso da civilização material. (*Ibidem*, p. 140 - 42).

Em síntese, aí fica a história da origem, formação e desenvolvimento da burguêzia. Formando na grande massa do povo, nucleou-se em uma sub-classe especial mais adestrada e mais evoluida, que acabou por transmitir à classe inteira os seus ideais revolucionários e contrários à classe nobre. Por êsse modo conseguiu ela arrastar todo o povo nêsses vastos movimentos revolucionários, que atingiram o seu máximo na Revolução Francêsa.

*
* *

As carácterísticas econômicas da burguêzia medieval eram a sua *exploração econômica*, a *opressão política*, a *pobreza* e a *productividade*. Socialmente, singularizava-se pela sua *baixa estirpe*, *incultura*, *rudeza* e *insociabilidade*. Em plena idade-média as suas feições psícologicas eram a *humildade* e a *submissão*. Chegada à consciência de classe elas tomaram uma face oposta: tornou-se *revolucionária*. E, então, apareceram os dois carácteres psícologicos a que ficaria cingida posteriormente — INDIVIDUALISMO e RACIONALISMO

Do papel revolucionário que a burguezia desempenhou na história, fala o MANIFESTO:

> *A burguêzia desempenhou na história um papel essencialmente revolucionário.*
>
> *Por toda a parte onde ela conquistou o poder, calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os laços multicôres que uniam o homem feudal aos seus superiores naturais, quebrou-os sem piedade para não deixar subsistir outro laço entre homem e homem que o do frio interêsse, que o duro metal sonante. Afogou o êxtase religioso, o entusiasmo cavaleiresco, a sentimentalidade do pequeno burguêz nas aguas glaciais do cálculo egoista. Fez da dignidade pessôal um simples valôr de tróca; substituiu às numerosas liberdades tão caramente conquistadas a única e impiedosa liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada pelas ilusões religiosas e políticas, usa uma exploração aberta, brutal e descarada.*

* * *

Assim como se fez para o capítulo da TÉSE, em que se procurou demonstrar como os atributos economicos, sociais e psícologicos da nobreza coincidiam em D. Quixote, assim, agora, se procurará evidenciar, como os predicados psíco-sociais, juntamente com os acima enumerados, que carácterizam a burguêzia capitalista nascente, se manifestam, perfeitamente, na figura de Sancho.

A CLASSE DE SANCHO

No sub-capítulo em que se estudou a cavalaria como a instituição feudal mais importante da Idade Média, com propósito, dedicou-se especialíssima atenção à figura do escudeiro, mostrando-se como era êle destinado aos misteres elevados da cavalaria, e, conseguintemente, retirado à própria classe nobre, pois a função escuderil era a ante-camara, o aprendizado, para essas altas missões. Então se viu, expressamente, que só na nobreza poderia ser êle escolhido. Talvês por uma excepção, que não se deve levar em conta, houvesse, durante a Idade-Média, escudeiros não pertencentes às classes superiores. Seria o caso de um escudeiro do célebre Ruy Cid, el Campeador, que dizem ter sido judeu, e de quem se conta, que saíra em desabalada carreira, ao ver que seu amo, depois de morto, mechia um dos olhos. Parece que a êsse escudeiro se quer referir o Dom Quixote de Avellaneda:

> *E assim Sancho, encomenda-me a Deus, que vou a meter-me em um dos maiores perigos em que me vi em todos os dias da minha vida; e, se por acaso, por serem variaveis os perigos de guerra, morrer eu nesta batalha, levar-me-hás a S. Pedro de Cardena; que morto, estando com minha espada na mão, como o Cid, sentado na cadeira, confio em que, se como a êle, algum judeu, talvês para achincalhar-me, quizer brincar com as minhas barbas, que o meu braço hirto saiba levantar-se e tratá-lo pior que o católico campeador tratou ao que com êle fês o mesmo.* (C. *VI*).

Do papel revolucionário que a burguezia desempenhou na história, fala o MANIFESTO:

> *A burguêzia desempenhou na história um papel essencialmente revolucionário.*
>
> *Por toda a parte onde ela conquistou o poder, calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os laços multicôres que uniam o homem feudal aos seus superiores naturais, quebrou-os sem piedade para não deixar subsistir outro laço entre homem e homem que o do frio interêsse, que o duro metal sonante. Afogou o êxtase religioso, o entusiasmo cavaleiresco, a sentimentalidade do pequeno burguêz nas aguas glaciais do cálculo egoista. Fez da dignidade pessôal um simples valôr de tróca; substituiu às numerosas liberdades tão caramente conquistadas a única e impiedosa liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada pelas ilusões religiosas e políticas, usa uma exploração aberta, brutal e descarada.*

* * *

Assim como se fez para o capítulo da TÉSE, em que se procurou demonstrar como os atributos economicos, sociais e psícologicos da nobreza coincidiam em D. Quixote, assim, agora, se procurará evidenciar, como os predicados psíco-sociais, juntamente com os acima enumerados, que carácterizam a burguêzia capitalista nascente, se manifestam, perfeitamente, na figura de Sancho.

A CLASSE DE SANCHO

No sub-capítulo em que se estudou a cavalaria como a instituição feudal mais importante da Idade Média, com propósito, dedicou-se especialíssima atenção à figura do escudeiro, mostrando-se como era êle destinado aos misteres elevados da cavalaria, e, conseguintemente, retirado à própria classe nobre, pois a função escuderil era a ante-camara, o aprendizado, para essas altas missões. Então se viu, expressamente, que só na nobreza poderia ser êle escolhido. Talvês por uma excepção, que não se deve levar em conta, houvesse, durante a Idade-Média, escudeiros não pertencentes às classes superiores. Seria o caso de um escudeiro do célebre Ruy Cid, el Campeador, que dizem ter sido judeu, e de quem se conta, que saíra em desabalada carreira, ao ver que seu amo, depois de morto, mechia um dos olhos. Parece que a êsse escudeiro se quer referir o Dom Quixote de Avellaneda:

> *E assim Sancho, encomenda-me a Deus, que vou a meter-me em um dos maiores perigos em que me vi em todos os dias da minha vida; e, se por acaso, por serem variaveis os perigos de guerra, morrer eu nesta batalha, levar-me-hás a S. Pedro de Cardena; que morto, estando com minha espada na mão, como o Cid, sentado na cadeira, confio em que, se como a êle, algum judeu, talvês para achincalhar-me, quizer brincar com as minhas barbas, que o meu braço hirto saiba levantar-se e tratá-lo pior que o católico campeador tratou ao que com êle fês o mesmo.* (C. *VI*).

Cervantes, ao ir buscar para o seu herói manchego um escudeiro entre as classes baixas, desde logo demonstra o seu intuito de achincalhar a nobreza, lançando-lhe a nódoa de uma companhia inferior. Sancho é um vilão rude, ignorante, rústico, destabocado, desalinhado em todas suas maneiras de falar e apresentar-se. Foi imaginado e escolhido a dedo, para as funções demolidoras e revolucionárias que lhe incumbem na obra.

> ... e *determinou voltar a casa, para se prover de tudo aquilo e de um escudeiro, deitando logo o sentido à pessôa de um* lavrador, *seu vizinho, que era* pobre, *e com filhos*... (*P. I* - C. 4).

No C. 7 da P. I, ainda se confirma:

> *Neste meio tempo, solicitou Dom Quixote a um* lavrador *seu vizinho, homem de bem* (*se tal título se pode dar a um pobre*), *e de pouco sal na moleira; tanto em suma lhe disse, tanto lhe martelou que o pobre* rústico, *se determinou a sair com êle servindo-lhe de escudeiro.*

Tambem em tempos exerceu o ofício de pastor:

> ... *isto daqui á alva, — disse Sancho — pela ciência que aprendi quando era pastor, não podem já ir três horas*... (*P. I* - C. 20).

Quando D. Quixote lhe recorda, afim de que, como governador não se inchasse de orgulho, o ter guardado porcos, em sua terra, responde:

> — *Isso é verdade, mas foi quando era pequeno, depois de homenzito, o que eu guardei foram gansos*... (*P. II* - C. 42).

Roxo de cólera contra as bochechas inchadas de riso de Sancho, ante a decepção da aventura dos maços de pisão, diz-lhe D. Quixote:

> — *Sois um* rústico *e um* vilão *ruim, nado e criado entre êles*... (*P. I* - C. 20).

Querendo agradar ao amo, depois de havê-lo arrazado a gargalhadas diante do reconhecimento dos maços de pisão, humildosamente lhe assegura:

> ... *mas póde ficar descansado, que daqui em diante não torno a abrir a boca para burlar sôbre as coisas de Vossa Mercê, salvo sendo para honrar como a meu amo e senhor natural que é.* (*P. I* - C. 20).

Às blasfêmias de Sancho, que o avisava ser melhor casar com a princeza Micomicadela, representada na figura da formosa Dorotéa, abandonando Dulcinéa, diz-lhe o amo, depois de lhe dar duas bordoadas que o pregaram em terra:

> *Pensais,* vilão *ruim, lhe disse passado pouco, que hei de estar sempre a vos aturar e que tudo ha-de ser tu a despropositares, e eu a perdoar-te?* (P. I - C. 30).

Por essas citações, se está vendo que Sancho é um vilão honesto, embora malicioso; trabalhador, embora rústico. Sua profissão,

ao procurá-lo Dom Quixote, era de lavrador, mas nem sempre fôra essa, porque em seus tempos de jovem, como êle proprio confessa, foi o de guardador de porcos e gansos.

Em tempos servira ao pai do bacharel Sansão Carrascão:

> *Quando eu servia, respondeu Sancho, a Tomé Carrascão, o pai do bacharel Sansão Carrascão, que vossa mercê bem conhece, dois ducados ganhava por dia, além da comida...* (*P. II - C.* 28).

Vivia Sancho para os cuidados do trabalho da terra, preocupado com a mantença da família. Pensava que no labor afanoso de todos os dias é que estava a única base do seu sustento. Trabalho rude, aspero e duro de revolver as entranhas da terra; trabalho inferior, o de pastorear manadas de porcos, mas sempre trabalho pessôal, que não se fiava de terceiros para o sustento quotidiano da vida.

Vêja-se como esta situação econômica de Sancho está em contraposição formal á de Dom Quixote, já estudada, e da qual resultava ser êle um propretario, embora arruinado, e, tambem um ocioso, que pôde argamassar aquela bela cultura, que já se admirou.

Sancho é um ignorante. Éle próprio confessa,

> *— Valha a verdade — respondeu Sancho — eu nunca li histórias porque não sei lêr nem escrever...* (*P.I - C.* 10).

Nos capítulos dos *Conselhos*, depois de ouvi-los com atenção, diz:

> *Senhor, bem vêjo que tudo quanto Vossa Mercê me disse, são coisas bôas e proveitosas, mas de que me servem elas, se de nenhuma me lembro? E' verdade que me não esqueço de não deixar crescer as unhas e de casar logo que se me ofereça ocasião, mas lá de todos êsses badulaques e enrêdos e trapalhadas, lembro-me tanto como das nuvens do ano passado; e então, será mister que Vossa Mercê me dê tudo isso por escrito, que a-pesar de não saber lêr nem escrever dou o papel ao meu confessor, para que mos meta na cabeça e mos recorde sempre que fôr necessário ao meu bom govêrno.* (*P. II - C.* 43).

OS PROVERBIOS DE SANCHO

Onde se revela um dos traços característicos da classe de Sancho é naquela tempestade de provérbios que arroja como u'a máquina contra o amo especialmente, traduzindo a pura sabedoria das massas.

O provérbio encerra a profunda sabedoria popular. Toda a sabida filosofia de massas nele se contem.

O seu sofrimento, a sua experiência, a sua agudeza, a sua malícia, o veneno das suas farpas, lá estão, néssas frases curtas, rápidas, incisivas, raspantes, fulminantes.

Ferri já falava na observação tradicional do provérbio — "essa revelação quasi inconsciente e secular de verdades muito recentemente adquiridas pela ciência". E, proseguindo, acrescenta,

> *A arte, essa faisca instantânea do gênio individual,*

> *e o provérbio, essa insrustação secular do gênio coletivo, têm respeitado sempre os direitos da realidade.* (OS CRIMINOSOS NA ARTE E NA LITERATURA. pg. 45).

Há uma filosofia nos provérbios. E' a filosofia precisa e exacta das massas. E' a filosofia que está em Sancho.

Lafargue, numa nota do *Determinisme Economique de Karl Marx*, esclarece:

> *Aristóteles dava igualmente muita importancia aos provérbios; muitos escritores falam de uma coletânea de máximas populares que êle teria composto, mas que se perdeu. Sinesius a menciona no* ELOGIO DA CALVICIE. *"Aristóteles, disse êle, considera-os como os detritos da filosofia do passado, tragada nas revoluções porque passaram os homens; sua picante concisão salvou-os do naufrágio. A êles e ás idéias que exprimem liga-se, pois, a mesma autoridade que à antiga filosofia de que derivam e de que guardam a nobre impressão, porque nos séculos passados atinava-se bem melhor com a verdade do que hoje".*

Vico chama-lhe *a linguagem dos deuses, e declara mais...*

> *... existe, necessáriamente, na natureza das coisas humanas, uma lingua universal comum a todas as nações, que designa uniformemente a substância das coisas, desfrutando papel ativo na vida social dos homens e a exprime com variantes, como essas coisas podem to-*

> *mar aspéctos diferentes. Verificamos sua existência nos provérbios,* ÉSSAS MÁXIMAS DA SABEDORIA POPULAR, *que são da mesma substância em todas as nações antigas e modernas, embora sejam expressas de tantas maneiras diferentes.*

Provérbios são *Os versos áureos de Pitágoras, As sentenças elegiacas de Teognis, os Apótegmas* de Julio Cesar, o *Ketab-al-Amthal* de Meidane (escritor persa do II século da nossa éra), o *Livro dos Provérbios*, o *Eclesiastes* e o *Livro da Sabedoria* de Salomão. Na Grécia era comum escreverem-se essas máximas breves por todos os paredões da cidade. Referindo-se ao assombroso número delas, que nas regiões da Ática se liam por toda parte, costumava dizer Platão que, para fazer-se um curso completo de moral, bastava, apenas, recorrer, de um cabo a outro, aquela região. Os arabes são riquissimos de provérbios e o Talmud os registra copiosamente. Jacoponi di Todi, poeta ascético italiano, que floresceu entre os séculos 13 e 14, compôs, para uso de seus compatriotas, um poema, em que resumiu os mais selétos preceitos de filosofia popular. Durante o Renascimento, o estudo do provérbio esteve em grande voga. Miguel Angelo colecionou grande número dêles. Polidoro Vergilio compôs um vocabulário de provérbios. Em 1500 Erasmo publicou uma coletânea contendo 800 dêles — grêgos e latinos. Dezesete anos depois, estava êsse número elevado a mais de 4.000. Cobden referia-se-lhes como discurso conciso, espirituoso, sábio, fundado em longa experiência, contendo ordináriamente alguma lição ou aviso importante e útil. Clássico é o *Livro dos Provérbios* de Raimundo Lulio, a quem parece ser o refrão "um instrumento que certifica brevemente da verdade de muitas coisas". Os moralistas, geralmente, procuram resumir, em frases rápidas,

que sejam próximas da concisão dos provérbios, os seus pensamentos éticos (*).

* * *

Na língua portuguêsa, desde muitos anos, ha quem se tenha ocupado em reuni-los. Francisco Roland escreveu os seus *Adágios, rifões, e anexis da língua portuguêsa*. Ferdinand Denis, a *Filosofia de Sancho*. D. Francisco Manuel de Melo, a sua *Feira dos anexins*. Dos últimos estudos, podem ser citadas as *Fráses Feitas* de João Ribeiro, que demonstram a grande erudição filológica e histórica do seu autor.

A língua espanhola conta muitos estudiosos de provéribos, entre os quais deve-se destacar Juan Suñe Benages com o seu "Refranero Clásico" — em que colecionou e explicou rápidamente 2.200 rifões. (**).

(*) O Sancho de AVELLANEDA também esguicha provérbios. Lá se encontrarão para mais de 100 rifões.

(**) Rica em provérbios é a lingua espanhola. Mais do que qualquer outra, talvês, na Europa. Influencias arabes, quiçá. E' de notar-se a grande quantidade de livros escritos em fórma de provérbios. Do tempo de Afonso X, o sábio, e compilado do grego e dos orientais é o LIVRO DE LOS BUENOS PROVERBIOS; o do escritor judeu-hispano, Rabi DOM SEM TOB — LOS PROVERBIOS MORALES — inspirador de outro livro celebre semelhante, do quinhentista INIGO LOPEZ DE MENDOZA (1398, 1458) — CIEM PROVERBIOS OU CENTILOQUIO — Pontilhadas dessas frases mordentes, falsas umas vezes, verdadeiras o mais delas, sempre espirituosas e agudas, estão na literatura espanhola LA CELESTINA, CALDERON, LOPE, O QUIXOTE DE AVELLANEDA, EL BUSCO'N DE QUEVEDO — dos livros mais bem escritos do mundo! — A poesia de Campoamôr que se intercorta de refrães, as obras da picaresca, como Gusman de Alfarache. Cecilia Boch de Faber — que funciona nas letras com o pseudonimo de Fernán Caballero — tambem os usa em seus CUENTOS y POESIAS POPULARES. Estudo particular sobre os provérbios na obra de Cervantes fez José Coll Y Vehi

Aqui uma coisa interêssa, sôbretudo: — é saber-se que o provérbio é uma das maneiras porque se manifesta a sabedoria das massas. Alfredo Nicéforo, que tão bem estudou a situação das classes pobres do nosso tempo, quando chega ao estudo da arte e da literatura entre elas, estabelece esta lição devéras importante:

> *Um dos traços característicos dêste facto, é-nos dado pelos provérbios,* FÓRMA LITERÁRIA ESSENCIALMENTE POPULAR, *e que foram definidos por Taylor como a forma bem determinada na manifestação do pensamento entre os selvagens.*

Sancho, que é a massa, encaixa-os, num verdadeiro rosário, fazendo a irritação constante do amo. O QUIXOTE é uma inexaurível mina de provérbios. Contam-se para mais de 100 na I. P., e para além de 200 na II.

Uma coisa a notar, desde logo, é que D. Quixote também os emprega, porém, muito comedidamente, muito oportunamente e muito elegantemente. Sancho dí-los aos borbotões. Solta-os em

---

— **Los refranes del QUIJOTE** ordenados por materia e glosados. (Barcelona, 1874). O classico da erudição espanhola, Juán de Valdéz, no **Dialogo de la Lengua**, faz estudos e considerações argutas sobre os provérbios.

Em fórma de adagios, encontram-se, na Literatura Universal, os escritos de Séneca, Pascal, la Rochefoucould, e, no Brasil, o classico da chatice e do logar comum, o Marquês de Maricá. — Os orientais são muito amigos do provérbio. Os arabes e os judeus usam e abusam dessas frases curtas. O Talmud está minado delas, e as denomina, na curiosa jerga, mistura de espanhol e hebreu chamado **ladino - "ditado"**.

Como estudo de caracter filologico ainda se podem lembrar, além das já citadas no texto, entre nós, a obra de Teodobaldo, **Provérbios historicos e Locuções Populares**, Rio, 1879, e a de Castro Lopes, **Origens de Anexins, Proloquios, Locuções Populares, Siglas**, etc. Segunda edição, Rio, 1909.

torrente. Mando-os, contra o amo e contra quem com êle conversa, aluvionicamente.

Em Dom Quixote, o provérbio revela a sua distinção, a sua bondade, o seu desinterêsse. Em Sancho, expressando a sua consciência cristalizada de burguêz, traduz cubiça, ambição, malícia.

Dêsde o início da obra, vercejados, lá vem êles,

Advierte que es desati,
Siendo de vidrio el teja
Tomar piedras el la ma
Para tirar al veci.

Como os *Conselhos* que deu Dom Quixote a Sancho quando êste foi governar a ilha de Barataria, expressam a sua alta cultura aristocrática, os provérbios revelam a filosofia de massa de Sancho.

Dom Quixote ensina a Sancho:

— Parece-me que não ha rifão que não seja verdadeiro, porque todos são tirados da mesma experiência, mãe de todas as ciências.

Quando Sancho vai levar a carta à Dulcinéa, aconselha-o que dê descanso ao coração e manda-lhe de enfiada três provérbios:

... e considere que se costuma dizer, que bom coração quebranta má ventura, e que onde não ha toucinhos não há estacas, e também se diz, donde não se cuida salta a lebre.

Vomita meia duzia dêles, falando com o duque ,

— Haja lá a distâcia que houver; o bom pagador não teme dar penhôr, e mais faz quem Deus ajuda, que quem cedo madruga; e as tripas é que levam os pés e não pés as tripas; quero dizer que se Deus me ajudar, e eu fizer o que devo com bom coração hei-de governar melhor que um girifalte, e senão metam-me o dedo na boca e verão se eu mordo.

—Maldito sejas, por Deus, e por todos os santos, Sancho amaldiçoado — acudiu Dom Quixote — quando virá o dia, como já por muitas vezes tenho dito, em que te ouça expender sem provérbios, razões correntes e concertadas? Deixem vossas grandezas êste tonto, senhores meus, se não querem que êle lhes môa as almas com dois mil rifões despropositados. (*P. II - C.* 34).

Nos capítulos dos *Conselhos* a Sancho, êste, a cérta altura, responde ao seu senhor com esta enxurrada,

... e tendo a faca e o queijo na mão é o que basta; além disso, quem tem pai alcaide... e eu ainda sou mais que alcaide, porque sou governador, e metam-se comigo e verão; podem vir buscar lã e voltar tosquiados; e mais vale quem Deus ajuda, que quem cedo madruga; e as tolices dos ricos podem passar por sentenças no mundo; e sendo eu rico e governador e liberal, como tenciono ser, não haverá falta que o pareça; nada, quem se faz mel as moscas o comem; tanto tens tanto vales; e com teu amo não jogues as peras.

— Maldito seias, Sancho — acudiu Dom Quixote — sessenta mil satanazes te levem a ti e aos teu rifões. Ha uma hora que os estás enfiando uns nos outros, e cada um que proferes é uma punhalada que me dás. Eu te asseguro, que êsses rifões ainda te hão-de levar á fôrca; por êles te hão-de tirar o govêrno, os teus vassalos. Dize-me onde os vais buscar, ignorante? E como é que os applicas, mentecapto? que eu, para achar um só e aplicá-lo a propósito súo e trabalho como se cavasse (*P. II - C.* 19).

Em respósta a esta apóstrofe, Sancho, que os tinha bailando nos lábios, pede licença para dizer mais alguns:

— Não te metas entre a bigórna e o martélo; ha duas coisas que não tem resposta: ide-vos de minha casa, e o que quereis de minha mulher? Se o cântaro bate na pedra, quem fica de mal é o cântaro; quem vê um argueiro nos olhos dos outros, veja a trave nos seus; disse a caldeira á certã, tira-te de lá não me enfarrusques; e afinal, que mais sabe o tolo no seu, que o avisado no alheio (*Ibidem*).

Doutra feita não vacila, e derrama um saco dêles,

— Deus fará melhor — acudiu Sancho — quem dá o mal, dá o remédio; ninguem sabe o que está para vir; de hoje até amanhã não me dôa a cabeça, e numa hora cai a casa; tenho visto chover e fazer sol ao mesmo tempo; a gente deita-se são, e acórda doente e digam-me se há porventura quem se gabe de ter travado a roda da

fortuna; entre o sim e o não de uma mulher não me atreveria eu a meter uma ponta de alfinete, porque não caberia; queira Quitéria de coração e de-veras a Basílio, e pode êste contar com um saco de ventura, que o amor, pelo que tenho ouvido dizer, olha de tal maneira, que o cobre lhe parece ouro.

— Aonde vais parar, Sancho amaldiçoado — disse D. Quixote — que em tu começando a enfiar provérbios e contos, só te pode apanhar o diabo que te carreguel Dize-me animal, que sabes tu de rodas, e de alfinetes, nem de coisa nenhuma? (P. II - C. 19).

A' duqueza, atira-lhe esta duzia, que é uma delicia .

... que eu a-pesar de ser tôlo, percebo perfeitamente o sentido daquêle rifão que diz, que por seu mal nasceram azas à formiga, e pode ser mais azinha vá para o céu Sancho escudeiro que Sancho governador; em toda parte se come pão, e de noite todos os gatos são pardos; desgraçado é quem às duas horas da tarde ainda não quebrou o jejum; e máu é ter os olhos maiores que a barriga; e a barriga, como diz o outro, de palha e de fêno se enche; e as avezinhas do campo, têm a Deus por seu provedor e despenseiro; e mais aquecem quatro varas de pano de Cuenca, do que outras quatro de lemiste de Segovia; e ao deixarmos êste mundo, e metêrmo-nos pela terra a-dentro, por tão estreita senda vai o principe como o jornaleiro; e não ocupa mais pés de terra o papa como o sacristão, ainda que um seja mais alto do que outro, que ao entrar no fojo todos nos apertamos e encolhemos, ou nos obrigam a apertar

> *e encolher, em que nos pese; e muitas bôas noites, torno a dizer que se Vossa Senhoria, se me não quere dar a ilha por eu ser tôlo, eu saberei passar sem ela por discréto; e tenho ouvido dizer que, detráz da cruz está o diabo, e que nem tudo o que lúz é ouro.* (P. II - C. 33).

Ao combinar com D. Quixote a futura profissão de pastor, para que tendia a alucinação do cavaleiro derrotado, imagina Sancho a Sanchica levando-lhes ao campo o de que comer, mas, arrependendo-se, diz:

> *... esperem lá; a pequena não é nenhuma péste, e há pastores que são mais manhosos do que parece; e não queria que ela fosse buscar lã e viesse tosquiada; porque, tanto nos campos como nas cidades, andam amores de companhia com os maus desejos; e nas choças dos pegureiros acontece o mesmo que nos palácios dos reis; e, tirada a causa tira-se o efeito; e olhos que não vêm, coração que não suspira; e mais vale salteador que sai à estrada, que namorado que ajoelha* (P. II - C. 66).

E o importante é a resposta do amo,

> *— Basta de rifões, Sancho, um só dos que disseste é suficiente para nos fazer entender o teu pensamento; e muitas vezes tenho dito que não sejas tão pródigo de provérbios, mas parece-me que é prégar no deserto. Minha mãe a castigar-me e eu com o pião às cóstas.*

> *— Parece-me, — respondeu Sancho, — que Vossa Mercê é como o outro que diz: disse a certã a caldeira, tirar-te de lá, não me enfarrusques. Está-me a repreender que não diga rifões, e enfia-os Vossa Mercê aos pares.*
>
> *— Nota, Sancho, — respondeu Dom Quixote — que eu trago os rifões a propósito, e ageitam-se ao que eu digo, como os aneis ao dedo; mas tu tanto os puxas pelos cabelos, que os arrastas em vez de os guiar; e se bem me lembro, já de outra vez te disse que os rifões são sentenças breves, tiradas da experiencia e das especulações dos nossos antigos sábios; e o rifão que não vem de molde é mais disparate que sentença.*

Não era sem razão que Tereza Pança, conversando com Sanchica, diz-lhe que o marido é *pai dos rifões*. Lembrando-se dêle, encarrila uma bandada.

> *... quando te derem a vaca, vem logo com a corda; quando te derem um govêrno, apanha-o; quando te derem um condado, agarra-o; e quando te baterem à porta com alguma bôa dádiva, recebe-a ou então deita-te a dormir, e não fales à ventura, que está fazendo truz truz à porta da tua casa.* (P. II - C. 51).

O cura, que ouvia a conversa das duas, falou:

> *Na verdade, creio que esta linhagem dos Panças nasceu toda com um costal de rifões metidos no corpo, e que os entorna a todas as horas e em todos os lugares* (Ibidem).

Para terminar êste sub-capítulo, só as palavras da duqueza:

> *Os rifões de Sancho não sendo mais do que os do comendador grêgo, nem porisso são menos estimados pela verdade das sentenças; e eu, por mim, digo que os prefiro a outros quaisquer, ainda que êsses outros venham mais a propósito.*

A JUSTIÇA DE SANCHO

Afinal, parece que aquelas promessas com que Dom Quixote iludiu ao pobre rústico, cheio de ambições burguêzas, tão desmedidas, que mais pesaram do que a própria loucura do cavaleiro, se vão realizar. Sancho é mandado a uma possessão pertencente aos duques e a que deram o nome de *ilha* da Barataria.

Aí tem ocasião de distribuir justiça e dita aquelas da mulher que lhe viera conjurar reparo à sua virgindade desfeita, do velho que emprestou a outro vinte ducados de prata, negando-se o devedor à devolução, e, afinal, a do homem que encomendou uma carapuça a um alfaiate.

E' também quando governador da ilha da Barataria que Sancho se revela a integral consciência burguêsa. E' o caso de um lavrador que lhe veiu pedir o dote de seiscentos ducados, com que casar a seu filho, e Sancho depois de ouvi-lo, tragando saliva como se engulice chumbo derretido, quasi a explodir como um dinamo superaquecido, invectiva-o com esta apóstrofe formidavel:

> *— Voto a tal, Dom rústico e malcriado, que, se não saires imediatamente de minha presença, com esta ca-*

> *deira vos abro a cabeça de meio a meio! Oh! grande patife e pintor do demônio em pessôa: pois vindes pedir-me a estas horas 600 ducados? E onde é que os tenho, hediondo? E porque é que eu tos haveria de dar, ainda que os tivesse, socarrão e mentecapto? Que me importa a mim Miguel Turra, mais toda a linha dos Perlerinos? Vai-te daqui para fóra, repito, senão, por vida do duque meu senhor, faço-te o que te disse. Tu não és Miguel Turra; tu és algum maroto, que o inferno me enviou para me tentar.* (*P. II - C. 47*).

Por aí se está a vêr que Sancho não usava de generosidade com os seus súbditos, e que nada tinha com o auxiliá-los e favorecê-los com quantos ducados fôssem.

Sancho não se equivoca. Não erra no distribuir justiça. Mas o faz com a perfeita noção prática de quem resolve interêsses em jôgo. A idéia abstracta da justiça, dêle desaparece. Dá a cada um o que é seu, naquilo que pertence de facto a cada um. E' experto, sagassíssimo. Parece mais uma raposa que um juiz.

BRUTEZA E IMPOLIDEZ DE SANCHO

Contrastando, violentamente, com a fidalguia e a distinção de modos e palavras de Dom Quixote, Sancho é mal-amaneirado, rude e jamais delicado. Às vezes, humilde por interêsse, como quando pede perdão a Dom Quixote pelas gargalhadas na aventura dos pisões, ou quando vai beijar as botas do cavaleiro do Verde Gabão pelas promessas que este lhe faz, ou ainda quando se humilda perante a duqueza pelos interêsses com que esta lhe acena, — o de

lhe dar o govêrno de uma ilha. No mais, é brutal e baixamente destabocado.

O CALÃO DE SANCHO

E' nêste passo que bate o ponto das diferenças sociais entre amo e criado. Certo que D. Quixote também usa de certas expressões chulas, do mais aviltante calão. Mas, só o faz, quando em meio a rústicos ou gente baixa. Sancho fá-lo em todas as circumstâncias que lhe pareçam oportunas, pronunciando os termos mais repulsivos.

*
* *

Antes veja-se o calão do cavaleiro e das pessôas de sua classe.

*
* *

Pela primeira vez Dom Quixote usa do termo brutal, em campo raso, diante só de homens, e dos quais o mais distinto era êle mesmo.

E' na desventurada aventura dos galeotes, quando o emprega colérico, aplicando-o a Gines de Pasamonte, chefe de malfeitores, que em companhia de muitos condenados, era conduzido às galés, pela Santa Irmandade. Pedira-lhe Dom Quixote e a seus comparsas, que lhe pagassem o bem que lhes fizera em libertá-los, indo comunicá-lo e porem-se às ordens da divina Dulcinéa del Toboso. Negam-se, *ingratamente* — aliás, com boas razões, porque o que a hora pedia era o desaparecerem aos olhos da Santa

Irmandade que lhes viria no encalço. Dom Quixote avança contra Gines, gritando-lhe:

Pois voto a tal, dom filho da p... (*P. I - C.* 22).

Também na aventura dos odres de vinho, ao verificar Sancho, pelas palavras do vendeiro, que Dom Quixote não tinha cortado nenhuma cabeça de gigante, porém só quebrado odres do seu querido vinho, vai ao amo e diz-lhe,

... e a cabeça cortada... é a p... que me pariu, e leve-o tudo satanaz. (*P. I - C.* 37).

Dom Quixote, depois de confirmado em sua ilusão, pelo cura e pelo barbeiro, chama, de parte, a Sancho, e fala-lhe como de facto havia cortado a cabeça ao gigante Pandafilando, e que era desarrazoado que o escudeiro o desmentisse, afirmando que a cabeça fôsse a p... que o pariu.

Também da fráse chula usam as mulhres refinadas do Quixote. Assim que Dona Rodriguez, ama da duquesa, irritada porque Sancho lhe pede tome guarda ao seu jumento e como se negasse a chamasse velha, fulmina-o:

Filho da p... — tornou a dona, já toda acêsa em coléra, se sou velha ou não, a Deus darei contas, e não a vós, velhaco, que tresandais a alho. (*P. II - C.* 31).

*
* *

O calão em Sancho, porém, é continuo, e não respeita ocasião.

Ao reencontrar o seu rúço, ameaçando Gines de Pasamonte, grita-lhe:

Fóge, p...; ausenta-te, ladrão, e larga o que não é teu (*P. II - C.* 30).

Estas expressões tão repugnantes, que se é obrigado a transcrever por amor à verdade, e que não se sabe porque Castilho esquivou-se a reproduzir, tão anti-sociológicamente, em sua primorosa versão vernácula, é usada até no sentido de elogio, como acontece frequentemente entre as massas dos nossos dias. E' no encontro na floresta entre Dom Quixote e Sansão Carrascão, transformado em cavaleiro do Bosque. Conversam êles de um lado, e do outro Sancho e Tomé Cicial, escudeiro de Carrascão, e consomem um odre de vinho, regalando-se Sancho e confortando o corpo e a alma. Ainda não déra pelo vizinho. Conversa puxa conversa e Sancho faz o elogio de Sanchica com tais enaltecimentos que o escudeiro narigudo e clama:

Oh! Filha da p... que p... de bonita não ha de ser ela!

A isso responde-lhe Sancho, enxofrado,

Ela não é p... nem p... foi sua mãe, e nem hão-de ser, querendo Deus, enquanto eu viver.

Justifica-se Cicial,

Oh! como entende vossa mercê pouco de louvores, senhor escudeiro! Pois não sabe vossa mercê que, quando um cavaleiro dá uma bôa farpa num touro na praça, ou quando alguém faz alguma coisa bem feita, costuma o vulgo dizer: Oh! grande filho da p... e como faz bem isso, êsse p...!

O que parece vitupério nos termos é notável louvor, e renegue vossa mercê de quem não merecer semelhante louvores. (*P. II - C.* 13).

Sancho, depois vai usar o termo no mesmo sentido, elogiando a garganta de Aldonza Lourenço, que o delírio de Dom Quixote transformou em Dulcinéa:

Oh! Filha da p...! que rija dos nós! que vozeirão! (*P. I - C.* 25) (*).

No solilóquio notável, exclama,

Oxte, p...! Allá darás rayo! (*P. II - C.* 10).

Fala-lhe Dom Quixote do computo cosmográfico de Ptolomeu.

Por Deus — disse Sancho — Vossa Mercê sempre trás para testemunha a uma gentil pessôa, p... e gafo, a quem chama tôlo meu... (*P. II - C.* 29).

Referindo-se à dureza com que Dom Quixote tratava Altisidora, exclama,

Filho da p..., e que coração de mármore... (*P. II C.* 48).

(*) Aliás, nêsse mesmo C. da conversação com o escudeiro do cavaleiro do Bosque, depois de saborear o bom vinho, exclama Sancho:

Oh! filho da p..., velhaco, e como é católico!

— Vêde aí — disse o do Bosque, ouvindo o filho da p... de Sancho — como louvaste o vinho, chamando-lhe filho da p...!

— Confesso — disse Sancho — que não é deshonra chamar filho da p... a ninguém, quando é com idéias de o louvar.

Também é a Dom Quixote que se refere, quando Dorotéa diz que se daria por esposa ao cavaleiro que matasse Pandafilando,

> *— Isso juro eu, interrompe Sancho, para o p... que não se case abrindo a cabeça ao senhor Pandafilando.*

E' neste passo, que se exibem as notáveis diferenças entre Sancho e o amo, que envermelhece de vergonha ante o descomposto de Sancho:

> *Não quis ou não pôde Dorotéa responder palavra a Sancho, mas deixou-o prosseguir na sua prática, e êle foi dizendo:*
>
> *— Isso digo eu, senhor; porque se depois de termos corrido por montes e vales, e passado más noites e peiores dias ha-de vir a colher o fruto do nosso trabalho quem está folgando na venda, não há motivo para que me apresse á selar o Rocinante, albardar o jumento e aparelhar o palafrem, e será melhor que fiquemos mudos, e as p... que fiem, e nós que vamos comendo.*
>
> *Ah! Deus Santissimo, que fúria que teve Dom Quixote, ao ouvir as descompostas palavras do seu escudeiro! Digo só que bradou com voz atrapalhada e língua tartamuda, lançando vivo fogo pelos olhos:*
>
> *— Oh! velhaco e vilão, descomposto e ignorante, estúpido, desbocado, murmurador e maldizente, que semelhantes palavras ousaste dizer na minha presença e na presença destas inclitas senhoras, como é que ousaste pôr na tua confusa imaginação semelhantes deshonestidade e atrevimentos! Vai-te de minha presença, monstro da natureza, repositório de mentiras, armário de embustes, inventor de maldades, publicador de sandices, inimigo do decôro que se deve às pessôas reais: vai-te, e não apareças diante de mim, sob pena da minha ira. (P. I - C. 46).*

Naquele mesmo significado de elogio, que já ficou estudado, Sancho se refere à Quitéria, a rica:

> *Oh! filha da p..., e que cabelos que tem, que se não são postiços, nunca vi mais ruivos e mais longos em todos os dias da minha vida (P, II - C. 21).*

*
* *

O vendeiro do capítulo 16 ao procurar Maritornes, grita,

Onde estás p... - (P. I - C. 16).

*
* *

Nos escritores antigos é muito comum o uso dessas expressões e de outras expressivas em sua horrivel sujeira. A Bíblia, nêste particular, é sem rebuços. Os profétas nunca vacilaram em empregá-las. Quando se referem os residuos viscerais são sem rodeios... Shakespeare, no seu canto de cisne imortal que é a *Tempestade*, foi pelas aguas em que, nêste particular, navegaram os velhos profétas. Quevedo (*), o portentoso trocista, narrador da vida do pícaro don Pablo, abusa de "nomes feios".

(*) QUEVEDO: — História de la vida del Buscón llamada don Pablo, ejenplo de vaqabundos y espejo de tacaños.

Tudo o sofria, até que um dia um rapaz atreveu-se a chamar-me filho da p... (C. 11)

Algum p..., cornudo... (C. 10).

*
* *

O *Quixote* de Avellaneda chega a repugnar. Ha-as de todos os estilos. E as ofensas á mãesinha quem as usa sempre é Sancho:

Oh! filhas da p... — disse Sancho — e como as escocearia (C. I).

Oh! filho da p... — disse Sancho Pança — como havia de ver a deslambida! (C. II).

Mal haja o p... da minha linhagem... replicou Sancho... (C. III).

E lá estão á mãos cheias em todos os capítulos.

Na capítulo IV lê-se esta quadrinha bem vulgar:

Sus flechas saca Cupido
De las venas del Piru
A los hombres dando el C...,
Y a las damas dando el pido.

Em português, João Ribeiro indicou-as em Gil Vicente, clássico nesta língua e no espanhol. Junqueiro tomou-as em suas obras, ao igual que os profétas:

Ei-lo o inimigo, ei-lo que avança:
Vai metralhar-nos, que nos lança?
M..da ás mãos cheias! (*).

Rabelais na literatura francêsa também as emprega.

Abel Botelho no *Barão de Laivos*, Raul Brandão, escritores portuguêses mais modernos as empregaram. Agora mesmo, o romancista nacional Oswald de Andrade também as adotou no *"O homem e o Cavalo"*.

*
* *

Demonstrando o seu uso na literatura, principalmente na antiga, o que se nota é o seu emprego pelas personagens mais rudes dos romances velhos e novos. As antigas canções de Gesta estão cheias delas e pululam na celebre SATYRE ME'NIPE'E. E' que não recuavam do emprego do termo próprio, chamando as coisas pelo seu nome. Entanto, o termo chulo é especial das plebes.

Alfredo Nicéforo, no livro já citado, observa que o calão é muito próprio das classes baixas, e não só dos criminosos, como pretende provar a escola criminal de Lombroso.

Tal modo de ver, no passado, ficou perfeitamente demonstrado, na psicologia de massas, que a figura de Sancho sintetiza.

*
* *

Sancho tem modos pouco limpos, e pouco distintos de se apresentar. O que lhe importa é comer de qualquer geito que seja, e

---

(*) JUNQUEIRO — **Finis Patriae** — Canto VIII.

não se envergonha de dizer ao amo, quando êste o convida para sentar-se ao seu lado, na pastoril história dos cabreiros, que prefere comer a sós, isolado, para fazê-lo como lhe der na gana.

Nas bodas de Camacho, atira-se, valentemente, contra os patos e as galinhas, e o faz no maior desalinho.

Insurge-se contra as etiquetas e os salamaleques de salão, e considera-se encurralado na vida paláciana, a que o obriga a sua missão de governador. Conhecendo-o bem Dom Quixote, dá-lhe aqueles conselhos de puro protocolo social, que formam C. 31 da II P.

A ECONÔMIA DE SANCHO

Já se viu a que classe pertencia Sancho. Daí se deduz o seu aspéto econômico. Ganhava o pão com o suor do seu rosto, como dispôs a Bíblia... para os trabalhadores de todos os tempos, esquecendo-se, *lamentavelmente*, de declarar que haveria uma parte de homens que o conseguiria com o suor do rosto... dos outros.

Sancho era um lavrador robusto, cheio de fôrças e de músculos de aço, capaz de garantir, como diversas vezes declara, o sustento próprio e da família.

No cap. 3 da P. I, lê-se que Dom Quixote, querendo cumprir o que lhe mandou o vendeiro, voltou à sua aldeia afim de munir-se de dinheiro, camisas limpas e arranjar um escudeiro...

> *...deitando logo o sentido à pessôa de um lavrador seu vizinho, que era pobre e com filhos...*
>
> *Neste meio tempo, solicitou Dom Quixote a um lavrador seu vizinho, homem de bem (se tal titulo se póde dar a um pobre), e de pouco sal na moleira; tanto em suma lhe disse, tanto lhe martelou, que o pobre rústico se determinou em saír com êle, servindo-lhe de escudeiro.*

Mas farejava o valôr do dinheiro. Era astuto e ladino. Era interessêiro e ambicioso. Queria enricar e viver à larga, e com as honras que dá a riqueza. "Mas vale um burro carregado de ouro que um cavalo albardado", dizia. Era tal a sua ganância que se deixou levar das promessas de um vesanico, de quem êle próprio declarava, a quem lhe observara, certa vez, que seu amo, sem dúvida, devia ser louco.

> *— Como devia? Não deve nada a ninguém; que tudo paga, e aïnda mais quando a moeda é loucura. (P. II - C. 67).*

Mas suportava as situações, na esperança da ilha que lhe prometêra o alucinado fidalgo.

IRRELIGIOSIDADE DE SANCHO

Bucárin, estudando a psícologia das classes que se defrontavam na idade-média, afirma que por efeito da predominância da nobreza, as classes inferiores sofriam fortes influências ideológicas que lhes davam aspéctos comuns com a que predominava. Entre essas influências, aponta a religiosa.

No entretanto a burguêzia nascente teve os seus aspéctos bem pronunciados de irreligiosidade.

Era lógico. A religião sempre foi amiga do poder. Como no passado. Como agóra. Como já procura uma adaptação ao futuro...

E' verdade que Sancho confessa-se bom cristão, católico-apostólico-romano...

> ... *creio firme e verdadeiramente em Deus, e em tudo o que manda acreditar a Santa-Igreja Católica Romana, o ser inimigo mortal , como sou, dos judeus...* (*P. II. - C.* 8).

Parece que é Emílio Castelar quem, num daqueles seus tropeis de palavras sônoras, afirma que Cervantes dava bem a impressão da sua grandeza moral, não se referindo mal aos judeus, uma única vez siquer, já que a época não lhe permitia referir-se bem.

Ora, isso não é verdade.

Sancho que sofre, como massa, a influência ideológica da nobreza, que tão terrivelmente, aliada ao cléro, soube manejar, na hora da sua desagregação, a velha arma anti-semita, Sancho, naquele dito acima citado, mais não faz do que manifestar o ódio que refervia na Peninsula especialmente contra os judeus.

Isto, porém, agóra, não interêssa...

Sancho não era mais a massa medieval. Era, muito mais a massa burguêza revolucionária do século XVI. Muitissimo diferente, portanto, daquela. As caracteristicas psicológicas da massa da idade-média, eram a *humildade* e a *submissão*. E tais, não existem em Sancho.

Como se vai ver, Sancho faz declarações bem ímpias. Como massa participaria daquela irreligiosidade que Lafargue aponta no proletáriado moderno.

Censura-lhe o amo, por não saber compreender as coisas da vida com desinterêsse.

> — *Essa coisa — disse Sancho — já ouvi em sermões: que se ha-de amar a Deus por si só, sem que nos mova a isso esperança de glória, nem medo de castigo* (AINDA QUE EU O QUERERIA AMAR E SERVIR POR ALGUM INTERÊSSE, PODENDO SER) (P. I - C, 31).

E não é por outra coisa, que Dom Quixote o recrimina, em certa ocasião.

> *Máu cristão és tu, que nunca te esqueces da injúria que uma vez te fizeram; pois, sabe, que não é de peitos generosos fazer caso de ninharias.* (*P. I - C.* 21).

Porisso, muita indecisão houve no título dêste parágrafo:

RELIGIOSIDADE ou IRRELIGIOSIDADE DE SANCHO?

* * *

Ainda outros atributos psicologicos, de classe, transparecem em Sancho: — a falta do sentido de honra. São Palavras do escudeiro famoso:

> — *Senhor eu sou homem pacifico, manso e socegado e sei disfarçar qualquer injuria, porque tenho mulher e filhos que manter e criar; e portanto fique a Vossa*

Mercê também de advertência, pois mando não pode ser, que de modo nenhum meterei mão à espada, nem contra vilão, nem contra cavaleiro; e que daquí em diante Deus perdôe quantos agravos se me tem feito, e se me hão-de fazer, embora mos tenham feito, pessôa alta ou baixa, rico ou pobre, fidalgo ou mecânico, sem exceptuar estado nem condição. (*P. I* - C. 15).

Tendo a perfeita noção dos seus interêsses pessoais, que não admitem os rasgos de generosidade do amo, é

COVARDE

... de seu natural (*P. I* - C. 20).

Treme até os ossos, ao ouvir o barulho das quedas dágua, na aventura dos pisões, à noite, enquanto Dom Quixote fica firme, esperando até o alvor do dia, para arremeter impávido.

No que respeita à sua pessôa, não há dúvida que se sabe defender. Mas não se mete nas brigas dos outros. Perde o sentido heróico e adquire o sentido prático, pessoal, da luta.

MALÍCIA DE SANCHO

Ao lado de tudo isso, e, ainda, ao contrário do amo, a quem chama alma de cântaro, é profundamente malicioso e burlador. E' mesmo o tipo do *puer robustus sed maliciosus*. Sabendo que o amo é louco, tira partido disso.

Sendo assim tão doido, diz — dando-lhe a loucura para tomar a maior parte das vezes uma coisa por outra, o branco pelo preto e o preto pelo branco, moi-

nhos de vento por gigantes, mulas de religiosos por dromedarios, rebanhos de carneiros por exercitos inimigos, e outras deste jaez, não será dificil fazer-lhe crêr que a primeira lavradeira que eu por aí topar é a senhora Dulcinéa (P. II - C. 10).

Quando Dom Quixote é amarrado e levado num carro de bois no que se julgava encantado, o escudeiro, para lhe provar que não ha no caso encantamentos, depois de um diálogo saboroso, acaba lhe perguntando se já lhe havia

... dado vontade de fazer o que ninguem póde fazer por nós, como se costuma dizer... (*P. I* - C. 48).

E Sancho finaliza, dizendo que quem tem essas necessidades não póde estar encantado,

Donde se conclúe, que os que não comem, nem bebem, nem dormem, nem fazem as obras naturais que eu digo, estão encantados, mas que o não está quem tem a vontade que Vossa Mercê tem agóra, quem bebe quando lhe dão de beber, e come quando lhe dão de comer, e responde a tudo o que lhe perguntam. (*P. I* - C. 49).

Sabe ter finuras picantes como estas, após muitos *issimos* de Dona Dolorida,

O Pança está aqui — disse-lhe — e Dom Quixotíssimo também, e podereis, portanto dolorosíssima donissima, *dizer o que* quizerdissimos, *porque todos esta-*

mos prontos e preparadíssimos *para ser vossos* servidorissimos (*P. II - C.* 33).

Para se lhe vêr as profundidades da malícia, basta o caso das duas mil vergastadas, que se comprometêra dar-se para o desencanto de Dulcinéa. Aplicou-se algumas, mas vendo que a coisa era pesada, aproveitando-se da noite, começou a aplicá-las nas árvores.

Mas o socarrão deixou de os arrumar aos ombros, e dava-os nas arvores, com uns suspiros de quando em quando parecia que em cada um dêles lhe arrancava a alma. (*P. II - C.* 71).

Já o amo lhe pedia abondonasse a idéia, pensando no mal fatal que lhe podia advir. Sancho, que sabia bem o que estava fazendo,

Voltou à sua tarefa com tanto denodo, que, pelo rigôr com que as açoutava, já tirara a cortiça a umas poucas árvores; e, levantando de uma das vezes a voz, e dando um desaforado açoute numa faia, bradou:

— Morra Sansão, e todos quantos aquí estão (Ib.)

Conhecendo de sobra o amo, quando o guia, que com ambos vai até a cóva de Montesinos, pede-lhe veja bem o que por lá havia, Sancho observa-lhe numa caudal de malícias,

— En manos está el pandero que le sabran bien tañer... (*P. I - C.* 32).

Quando a duquêsa lhe pede conte os amores do amo com Dulcinéa, e observa-lhe certas contradições na obra que já andava impressa, sôbre as aventuras do manchego e do seu escudeiro,

...Sancho, sem responder cousa alguma, levantou-se, e nos bicos dos pés, corpo curvado, e dedo nos lábios, percorreu a sala toda, erguendo os resposteiros.

Feito isto, voltou a sentar-se e disse:

— Agóra, senhora minha, que vi que não está ninguém a escutar-nos, sem temor nem sobressalto, responderei ao que me perguntou; a primeira cousa que eu digo, é que tenho o meu senhor Dom Quixote por um rematado louco... (*P. II - C.* 33).

E' verdade que, nêsse passo, Sancho revela-se mais humano, ao justificar, perante a duquêsa, porque não largava ao cavaleiro: eram do mesmo lugar, comeu-lhe o pão, queria-o bem, era-lhe agradecido por que lhe déra três burricos, e, afinal, era um homem fiel. E' um dos seus bélos momentos. Prestava agradecimentos ao seu amo, pelo bem que supunha lhe fizera. Kautski observava que, na sua maioria, "os burguêzes não são uns monstros..."

PIEDADE DE CERVANTES

Viu-se o prazer que sente Cervantes em punçar o seu herói manchego, com as farpas da mais impiedosa crueldade. Com Sancho, embora haja passos da obra que revelam o intuito do seu au-

tor em burilar certas tragi-cómicas situações para lhas atribuir, tinha o cuidado não só de se condoer do machucado filho prediléto, como até o de se indignar de que o tratem mal.

Uma só passagem:

E' quando Sancho é amarrado de tal geito, que não se podia mexer, por aqueles conspiradores burlões da ilha da Barataria. Dá uma formidável quêda que pareceu têr-se feito em pedaços.

> *Ficou parecendo mesmo uma tartaruga metida na concha ou um barco virado na areia;* e nem vê-lo caído inspirou a minima compaixão àquelas gentes burladoras... (*P. II - C.* 53).

Apieda-se Cervantes, em palavras protestativas, como se vê. E nem outra poderia ser a sua atitude para com a personagem, que desempenha na obra, papel demolidor, nêsse poêma dos escarninhos demôniacos atirados à nobreza pré-agônica por aquela classe que se movia, que se mobilizava, gigantescamente, na subjacência social, disposta a levar tudo no redemoinho das revoluções, que se processam, num avolumar oceânico, até o estrondejar máximo de 89.

* * *

PSICOLOGIA SOCIAL DE SANCHO

Sancho, Consciência Burguêsa

De acôrdo com as condições de trabalho, que gera e plasma as psicologias sociais, se ha-de encarar a Sancho. Era um explorado

em sua época, é verdade, mas que sabia quanto valia o seu trabalho, com plena noção dos interêsses materiais da sua classe. Era velhaco, e indiferente à honras que nada de proveitoso lhe trouxessem, e pouco lhe importavam as considerações. Quando governador, abandona o cargo, entre muitas razões, porque não lhe davam de comer como desejava, e dizia,

> ... *dêm-me de comer, ou então tomem lá o seu govêrno, que, ofício que não dá de comer a quem o tem, não vale dois caracois.* (*P. II - C.* 47).

Quando Dom Quixote, no romance dos cabreiros, insiste para que se sente, entre outras razões, aduz,

> ...*essas honras que Vossa Mercê me quere dar, por eu ser ministro e aderente da cavalaria andante, como escudeiro que sou de Vossa Mercê, troque-as noutras coisas que me sejam mais comodas e de melhor proveito; que estas agradeço-as, mas dispenso-as até o fim do mundo* (*P. I - C.* 11).

A sua contínua preocupação é tirar proveito das andanças. Porisso pede a Deus interfira na sorte de tal geito, que faça o cavaleiro feliz e,

> ... o *incline para a parte em que êle se aproveite mais a si, e a mim me faça melhores mercês* (*P. I - 26*).

Pede ao cura que não deixe se encasquete na cabeça do amo, o fazer-se arcebispo, porque isso lhe redundaria a êle, Sancho, em graves prejuizos.

Raciocina frio, dentro de uma lógica comercial acabadamente utilitária e sagaz, que não recua diante de nada, nem diante da deshonra, nem diante da mais absoluta mentira. Calcúla os seus interêsses como qualquer burguêz dos nossos dias.

As passagens que se vão seguir provam, à saciedade, aquele atributo psícologico, que Sombart, citado em Bucárin, indica como dos característicos psíco-sociais da burguêzia, isto é, o

RACIONALISMO

no sentido puramente interesseiro, egoistico, pessoal.

Entretanto levava tudo com gôsto, por lhe parecer que o amo estava em caminho, e muito em vesperas de ser Imperador, porque já o dava por infalível, que breve o veria matrimoniado com aquela princêsa, e, pelo menos, rei de Micomicão. O que lhe pesava era pensar, que o reino de Micomicão era de terra de negros, e que os seus vassalos haviam de ser todos pretaria. Porisso imaginou logo um bom remédio, e disse com os seus botões:

— Que se me dá a mim, que os meus vassalos sejam pretos? Não há mais que embarcá-los, trazê-los para a Espanha, e vendê-los com paga à vista; com êsse dinheiro posso comprar algum titulo ou algum ofício para passar descansado o resto da vida. A gente não ha-de ser tôla; e para conveniência própria não pode ser proibido vender trinta ou dez mil vassalos sem mais nem menos, e enquanto o diabo esfrega um olho. Voto a Deus que os hei-de encampar todos à rasa, pequenos e grandes, ou melhor que eu poder, e, por mais pretos que sejam, os saberei transformar em brancos e amarelos. Venham êles, e verão como os avio. (*P. I - C.* 30).

O racionalismo de Sancho revela-se também naquele solilóquio em que entra a conjecturar, sôbre o modo porque enganaria ao amo fazendo-lhe crêr que Dulcinéa era a primeira mulher que topasse,

— Saibamos agóra, Sancho mano aonde vai Vossa Mercê? Vai à busca de algum jumento que se lhe perdesse? Não, por certo. Então que vai procurar? Vou procurar uma princêsa e com ela o sol da formosura, e todo o céu junto. E onde pensais encontrar o que dizeis, Sancho? Onde? na grande cidade de Toboso. E da parte de quem ides? Da parte do famoso cavaleiro D. Quixote de la Mancha, que desfaz os tortos e dá de comer a quem tem sêde, e de beber a quem tem fome. Tudo isso é muito bom. E sabeis onde é a casa dela, Sancho? Meu amo diz que hão-de ser uns régios paços ou um soberbo alcáçar. E já a viste algum dia, porventura? Nem eu nem meu amo nunca lhe pusemos a vista em cima. E parece-vos que seria acertado e bem feito que, se a gente de Toboso soubesse que estais aquí na firme tenção de irdes roubar as suas princêsas, e desinquietar-lhes as suas damas, viessem ter convosco e vos desancassem as costelas, e não vos deixassem um ôsso inteiro? E' certo que teriam muita razão, quando não considerassem que sou mandado, e que mensageiro sois amigo, não tendes pois culpa, não.

Não vos fieis nisso, Sancho, porque a gente manchega é tão honrada como colérica, e não consente que lhe façam cócegas. Viva Deus, que se lhes dá o faro de que estais aqui má ventura tereis. Leve a bréca a mensagem, não estou para passar trabalhos por prazer alheio, tanto mais que procurar Dulcinéa no Toboso, é o mesmo que procurar agulha em palheiro, ou bacharel em Salamanca. Foi o diabo em pessôa que me meteu nestas danças.

Acabado êste solilóquio, Sancho resolveu o que se verá da seguinte continuação do seu monólogo:

— Ora muito bem! tudo tem remédio, menos a morte, que a todos nos há-de levar ao fim da vida. Êste meu amo, já tenho visto que é um louco de pedras, e eu também não lhe fico atrás, que até sou ainda mais mentecápto do que êle, pois que o sirvo e sigo, se é verdadeiro o rifão: Diz-me com quem andas, dir-te-hei as manhas que tens. Sendo assim tão doudo, dando-lhe a loucura para tomar a maior parte das vezes uma cousa por outra, o branco pelo prêto e o prêto pelo branco, moinho de vento por gigantes, mulas de religiosos por dromedários, rebanhos de carneiros por exércitos de inimigos, e outras dêste jaez, não me será dificil fazer-lhe crêr que a primeira lavradeira que eu por aí topar é a senhora Dulcinéa; e, quando êle o não acredite, eu juro, e se êle jurar também, juro outra vez, e se teimar, eu ainda mais teimo, de fórma que fique sempre na minha, venha o que vier. Talvês com esta porfia conseguirei que me não torne a incumbir de semelhantes mensagens, vendo que dou tão má conta do recado, ou talvês pense, como imagino, que algum mau nigromante, dos que êle diz que lhe querem mal, lhe mudou a figura de Dulcinéa, para lhe fazer dano.

O monológo inteiro é de um racionalismo crú, denotando o mais violento contraste com as idealidades reacionárias do amo.

Que racionálismo mais integral se ha-de exigir, do que aquele que se configura, tão franco e descarnado, na P. II - C. 5, da conversa que Sancho tem com sua mulher Tereza Pança, e em que, revelando um atilado espírito interessêiro, conhecedor do valôr do dinheiro, entra em razões com ela quanto ao casamento de Sanchica, com pessôa de classe elevada? Bucárin afirma, que é através do casamento, que se dão as misturas de classe. (O casamento é a grande muralha que o judeu ergue à entrada do judaismo, e com que se defende das investidas de intromissões que o esmagariam fatalmente. E' uma revelação do gênio politico do judeu. Talvês a maior lição política de todos os tempos).

Sancho sabe por que modo lhe haveriam de dar senhoria: enriquecendo primeiro e depois casando Sanchica com algum condaço. A pobre de Tereza é que não compreendia a política do marido, em sua rudimentar rudeza de desfiadora de rocas...

— Por minha fé — respondeu Sancho — que se Deus me chega a dar algum govêrno, hei-de casar Maria Sancha tão altamente, que todos lhe hão-de dar senhoria. (P. II - C. 5).

Assim têm sido, do agióta medieval, ao modernissimo milionário ianqui. E, independente de côr e religião, assim há aconte-

cido da opalina Desdemona e do encarvoado e mouro Otélo, guerreiro, governador de Chípre, à Venus de ébano moderna Josefina Baker e do alvo conde Peppino, que mandou ás favas os seus títulos pelo proveito que a dançarina negra lhe dá com os seus bailados. Não fôsse rico Otélo, e Desdemona o despresaria por preto. Mas... sôbre ser negro, era adinheirado. Embalde o escritor inglês lhe põe na boca a celebre desculpa:

— Ela amou-me pelos perigos que passei; eu amei-a porque se compadeceu de mim.

E' béla a razão!... mas outra razão indaga: se Otélo não fôsse homem de posse, igualando-se nisso a Brabania, Desdemona o amaria só "pelos perigos que passou?" O decadente conde Peppino, verteria o seu sangue azul nas veias da sensual dansarina, se a arte da mulher não lhe trouxesse repouso e paz de corpo e espírito, na chuva de dinheirama, com que os pingues espectaculos, em todas as platéas do mundo, lhe inundam a vida ociosa? O próprio judeu põe abaixo a muralha endogamica, que em última análise determinou o assombroso fenômeno da sua miraculosamente unica sobrevivencia histórica, quando se trata de nobilitar um rico e reviver a palidez cadaveirosa de um nobre arruinado, aproveitavel para a fusão. "Um dos filhos de Samuel Bernard, mais conhecido pelo nome de "o judeu Bernard", é o conde de Conbert, e contrai matrimonio com Madame Frottier de la Coste Messeliére, filha do marquez de la Coste. O outro filho compra um cargo de presidente no Parlamento de Paris, entitulando-se conde de Rieur, e casa com Madame de Boulainvilliers. Em virtude destes enlaces, o "judeu Bernard" chega a ser avô dos condes de Entraygues, de Saint-Simon, de Courtokuer, de Apchou e da futura marqueza de Mirepoix".

Há anos, em Londres, as famílias nobres se vêm vindo abastecendo nas arcas dos burguêzes da City.

La Bruyére ironiza: "Se o financista perdeu seu haver, os cortezãos dizem dêle: é um burguêz, um sem valôr, um sem vergonha. Mas se ganha, pedem-lhe a filha em casamento". Porisso também dizia Cherriu que, afinal, pelos muitos casamentos ricos, a nobreza de França, nos séculos XVII e XVIII, não era outra coisa que *le tiers était enrichi, élevé, decoré, possessioné.* Nem tão pouco exagerava Argenson quando, em meádos do século XVIII, escrevia que, dada a facilidade de conseguir nobreza mediante dinheiro, não havia riqueza que logo não se convertesse em nobreza" (*). Também não era por menos que a duqueza de Chaylnes escrevia a seu irmão, o duque de ,Pecquinigny, ao contrair matrimonio com a irmã do financista La Mosson Montmartre que lhe levava o dote de 1.700.000 libras: — "Meu caro, este matrimonio é excellente: é preciso por estrume em tuas terras".

Pois, como se viu, Sancho já sabia muitissimo bem dessas coisas todas.

*
* *

Sancho lá acredita, em sua mesma simplicidade de rústico, nas fantasias que seu amo lhe vem contar, no ápice do delírio a que a obra atinge, na aventura da cova de Montesinos?

Oh! Senhor Deus! — exclamou Sancho, dando um grande brado — é possivel que haja no mundo, e tanta fôrça tenham, nigromantes e encantamentos, que as-

(*) Os dados acima são tirados á obrinha de Sombart — LUJO Y CAPITALISMO.

sim trocaram o bom juizo do meu amo, em tão disparatada loucura! O', senhor, senhor, em nome de Deus, olhe Vossa Mercê para si, cuide de sua honra, e não dê crédito nessas asneiras que lhe dão volta ao miolo. (*P. II - C.* 23).

Metia-se o amo em luta e ficava êle rogando a Deus o favorecesse e fôsse servido de lhe dar victoria,e com ela o ganho de uma ilha de que o fizesse governador, segundo o prometido. Assim procede no caso do biscainho e do valente manchego, quando a victoria vacilava, e tanto máu era apostar num como noutro (P. I - C. 10).

Quando o amo lhe fala de um miraculoso elixir que tudo curava, verdadeira panacéa para todos os males humanos, logo lhe responde que dispensava o govêrno da prometida ilha e nada mais queria do que essa dróga, em paga dos seus bons serviços, pois tinha lá para si que poderia vender, a olhos fechados, cada onça dêle, por mais de quatro vintens.

Ao acharem, em seu errar pelas entranhas de Serra Morena, uma bolsa com cem ducados, propõe Dom Quixote procurar o dono do achado, mas responde-lhe Sancho:

Muito melhor seria não o buscar, porque se o achamos, e der o caso que seja êle o dono do dinheiro, claro está que tenho de lhe restituir; e assim será melhor desistirmos dessa inutil diligência, e ficá-lo eu possuindo de bôa fé, até que por alguma outra via menos curiosa, e sem essas diligências, se nos depare o verdadeiro senhor; poderá ser isso quando eu já tiver gasto; e então onde não o ha, el-rei o perde. (*P. I - C.* 23).

Desejoso de entrar na posse da ilha que lhe prometêra Dom Quixote, aconselha-o que se case com a princêsa Micomicadela e assim lhe fala:

— Juro e rejuro por minha vida, que não tem Vossa Mercê, senhor Dom Quixote, o juizo inteiro. Pois, como é possivel por Vossa Mercê em dúvida casar-se com tão alta princêsa como esta? Pensa que a fortuna lhe ha-de oferecer a cada canto uns acêrtos como este? é porventura mais formosa, a minha senhora Dulcinea? está na tinta; nem para lá caminha; estou até em dizer; que nem chega aos calcanhares da que presente se acha. Assim lá se me vai pelos ares o meu Condado, se Vossa Mercê ateima a esperar hortaliça de sequeiro, ou apojadura de cabra velha. Case, case logo, ou que o leve o diabo, e aceite esse reino, que por si se lhe está metendo nas mãos; e, em sendo rei, faça-me a mim Marquez ou Adiantado; tudo mais que o leve o diabo, se quizer. (P. I - C. 24).

Impacientando-se com as rasgadas de louca fantasia de seu amo, não teme em lhe dizer,

Vive Deus, senhor cavaleiro da Triste Figura! coisa diz Vossa Mercê, que eu não posso levar à paciência; e por elas chego a imaginar que tudo o que me tem dito de cavalarias, de alcançar reinos e impérios, de dar e fazer outras mercês e grandezas, como é do uso de cavaleiros andantes, deve ser tudo coisas de vento e mentira, e tudo pastranhas ou patranhas, ou como melhor se chama. Quem ouvir Vossa Mercê dizer, que

uma bacia de barbeiro é o elmo de Mambrino sem saír de semelhante despropósito por mais de quatro dias, que ha-de cuidar, sinão que a pessôa que tal diz e afirma tem o miolo furado? A bacia cá a levo eu no costal toda amolgada; e levo-a para arranjar em minha casa, e fazer com ela a barba, se Deus me fizer tanta mercê, que me torne ainda a ver com minha mulher e filhos (P. I - C. 25).

Em prol do seu interêsse, sabe pedir ao amo que não entre em lutas com os duques. Escreve-lhe:

Não quereria que Vossa Mercê, senhor meu, tivesse dares e tomares com êsses senhores; porque, se Vossa Mercê se zanga com êles, claro está que ha-de redundar em meu prejuizo, e não será bem que, dando-me de conselho o ser agradecido, o não seja Vossa Mercê com quem tantas mercês lhe tem feito, e com tantos regalos o tratou no seu castélo. (P. II - C. 51).

Não há que ver, do modo porque se saíu para cumprir a promessa que tinha dado a Dom Quixote de se dar duas mil bordoadas, para que se desencantasse Dulcinéa.

Aliás, vive a pensar na ilha prometida, desde o inicio da obra, num refletir seguro e continuo:

Olhe Vossa Mercê, senhor cavaleiro andante, não se esqueça do que me prometeu a respeito da ilha, que lá o governá-la bem, por grande que seja, fica por minha conta. (P. I - C. 7).

Como acima já ficou demonstrado, Sancho não crê nas cavalarias do amo. Mas delas procura tirar partido. E' o que faz com os vendeiros que lhe querem cobrar a conta da hospedagem.

Ao que Sancho respondeu, que, pela lei da cavalaria recebida por seu amo, não pagaria nem um cornado, ainda que o matassem, porque não estava para perder por tão pouco a bôa e antiga usança dos cavaleiros andantes, nem queria que dêle se queixassem os escudeiros dos tais que para o diante viessem ao mundo, increpando-lhe a québra de tão justo foral. (P. I - C. 17).

Tudo prevê Sancho. Até arrendar a sua ilha, caso não possa governá-la...

Trabalhe Vossa Mercê por me dar êsse condado, que há tanto tempo me promete, e eu espero, e lhe juro, que me não faltará habilidade para governá-lo; e, se faltar, tenho ouvido dizer que há homens no mundo que tomam de arrendamento os estados dos senhores, e lhes dão um tanto por ano, e tratam do govêrno, e os senhores verdadeiros estão de pernas estendidas, gozando a renda que lhes dão, sem se importarem com mais nada; e é o que eu hei-de fazer, e não hei-de reparar muito na quantia, mas desisto logo de tudo, e passo a gozar da minha renda como um duque, e os outros lá que se avenham. (P. I - C. 50).

Com a bolsa de moedas de ouro que encontrara em Serra Morena não se considera pago das pancadarias que levou nos caminhos,

e se justifica a quem lhe pergunta pelo dinheiro achado:

Sem dúvida assim é — tornou Sansão — mas, dizei-me: que foi feito dos cem ducados?

— Desfizeram-se — respondeu Sancho; — gastei-os em pról da minha pessôa, e da minha mulher e dos meus filhos, e foi por causa dêles que minha mulher enguliu as caminhadas que dei em serviço de meu amo e senhor D. Quixote, que, se ao cabo de tanto tempo eu voltasse para casa a tinir, e sem o jumento, negra sorte me esperava; e, se querem mais saber de mim, aqui estou para responder ao próprio rei em pessôa, e ninguém tem nada com o eu ter trazido ou não ter trazido, ter gasto ou não ter gasto, se as pauladas que apanhei nessas viagens se houvessem de pagar a dinheiro, ainda que só se taxassem a quatro maravedis cada uma, estou convencido que nem com outros tantos escudos me pagariam metade, e metam a mão na consciência, e não comecem a chamar prêto ao branco, branco ao prêto; cada qual é como Deus o fês, e muitas vezes ainda pior (*P. II* C. 4).

E' de uma logica inflexivel, inexoravel. O seu argumento é esmagador nesta passagem:

— Sou o diabo — respondeu o correio, com voz horrisona; — vou buscar Dom Quixote de la Mancha; a gente que aí vem, são seus esquadrões de nigromantes, que trazem num carro ovante a incomparável Dulcinéa del Toboso; vem encantada, com o galhardo francês Montesinos, dizer a D. Quixote como é que a pôde desencantar.

— Se fosseis diabo, como dizeis, e como a vossa figura mostra, já teríeis conhecido o cavaleiro que procurais, D. Quixote de la Mancha, pois o tendes diante de vós — tornou o duque.

— Por Deus e pela minha consciência — redarguiu o diabo — não dava por êle; trago os pensamentos distraídos com tantas cousas; que já me ia esquecendo do principal a que vinha.

— Sem dúvida — disse Sancho — êste demônio deve ser pessôa de bem, e bom cristão, porque, se o não fôsse, não juraria por Deus e pela sua consciência. (*P. II* - C. 34).

* * *

Poder-se-ia prosseguir nas citações, para evidenciar ainda mais o racionalismo de Sancho, o seu geométrico calculismo comercial, o seu raciocinar gélido, em torno do seu interêsse próprio. Mas se alongaria êste capítulo por tal forma, que se tornaria por demais enfadonho. O que ficou transcrito é suficiente para não deixar mais dúvidas, a êsse respeito. Sancho quasi não abre a boca, sinão movido pelas razões do seu interêsse pessoal.

Dêle se despreendem as imposições categóricas do seu terrivel

INDIVIDUALISMO

que é outra característica socio-psicológica da burguêzia. Desmedindo-se numa ambição sem limites, desdobrada em infinitos refolhos de matizes das mais variadas côres, a burguêzia isola ho-

mem de homem, por uma intransponivel muralha de individualismo.

Sancho sabe como, ao ser governador, quando lhe faltar dinheiro, ha-de o obter, por fôrça do cargo que exerce.

> *De aqui a pocos dias me partiré al gobierno, adonde voy con grandisimo deseo de hacer dineros, porque me han dicho que todos los gobernadores nuevos van con este mismo deseo...* (*P. II* - C. 36).

Aí fica o trecho de uma carta que escreve a sua mulher Teresa Pança, e isso repete a Dom Quixote.

Os cuidados com a sua pessôa são extremados. Sabe que nada tem a ver com as loucuras do cavaleiro. Nunca deixa de se queixar das pauladas que leva, do manteamento, e das desgraças que se deveriam destinar só àquele. Tem a cautela de pedir a seu amo, antes de entrar em singular batalha com o cavaleiro do Bosque, o ajude a trepar a um galho de árvore... para não se ter de haver com o escudeiro de nariz grande.

Deseja a vitória do amo para que se cumpra a promessa da ilha ou das mercês.

Quando, ao levar a carta de amor que D. Quixote endereça a Dulcinéia, encontra-se com o Cura e êste lhe diz que aconselharia Dom Quixote o ser Imperador e não Arcebispo, responde-lhe Sancho:

> *— Assim me tem parecido a mim; mas posso dizer, sem mentir, que para tudo tem habilidade. O que de por minha parte hei-de fazer, é rogar a Nosso Senhor, que o incline para a parte em que êle se aproveite mais a si, e a mim me faça melhores mercês.* (*P. I* C. 26).

* * *

Traçadas ficam duas psícologias sociais diferentes, de duas classes antagônicas: nobreza e burguêzia. Mas esta última é a que anima o romance, num tonus predominante e irremovivel. E' A PSICOLOGIA SOCIAL DA OBRA.

UMA CONFISSAO ESMAGADORA

Mas, se de fáctos claros como a luz, ainda se quizesse dúvidar, por esnobismo ou cretinice negativista, do que se provou respeito a noção perfeita de interêsses de classe de Sancho, aí se tem uma confissão esmagadora, que vale por uma pedrada.

Sancho é govêrnador. Depois de distribuir justiça, uma certa noite resolve fazer a ronda da ilha para limpá-la dos ladrões e salteadores. Antes de pôr-se a caminho, entre outras coisas, declara:

> — TENCIONO FAVORECER AOS LAVRADORES, E GUARDAR AS SUAS PREEMINENCIAS AOS FIDALGOS... (P. II - C. 49).

Diante disso e depois disso, não é possível mais vacilar quanto à certeza de que Cervantes escreveu um livro de classes, expressando os seus ideais, os seus interêsses, as suas lutas, o valôr

social delas, e a formidável ascensão da burguêzia, encarnando-se em SANCHO.

* * *

O SENTIDO REVOLUCIONA'RIO DE SANCHO

Missão revolucionária, é a grande missão de Sancho na obra de Cervantes.

Sendo a contradita directa, franca e permanente do cavaleiro, infunde à obra o sôpro da vida.

Não foi sem propósito que Cervantes o descreve rústico, mal amaneirado, mal educado.

Sancho é a massa. A massa inteira. A massa em movimento. A massa esmagadora.

Ri-se do seu senhor — uma sombra. Apouca-o. Ridiculiza-o. Arraza-o. Se recebe afrontas e pancadas, também, ao ir a obra aproximando-se do fim, trava-se com êle de razões. Derruba-o, Vence-o. Aniquila-o. E' o *puer robustus* destroçando a civilização moribunda, que se incarnou no fidalgo. E' no C. 60, P. II, quando o amo lhe péde cumpra a promessa de se aplicar dois mil açoites, para que Dulcinéa se desencante. Porque se negue, Dom Quixote quer fazê-lo cumprir e tenta subjugá-lo:

> *... Sancho levantou-se, e, arremetendo a seu amo, abraçou-o, e passando-lhe o pé, deu com êle no chão,*

> *de cara virada para cima; pôs-lhe o joêlho no peito, e segurando-lhe nas mãos, não o deixava mexer nem respirar.*

Até aí foi a maldade de Cervantes. Até o fim dos fins.

Não é sem razão que se póde dizer que Sancho é a menina dos seus olhos, pela alta funcção revolucionária que desempenha no poêma.

A obra tem uma dialéctica irremovível. Ao restaurador reacionário — Dom Quixote — a massa revolucionária — Sancho.

* * *

Muitas vezes Sancho é surrado, manteado. Mas, quem não apanha naqueles tufões de pancadaria, que de quando em quando desabam sôbre tudo e sôbre todos? Leia-se a descrição deste *sururú*:

> *E levantando a lança, que não largava das mãos, descarregou-lhe tal golpe na cabeça, que, se o quadrilheiro se não desviasse, deixara-o ali estendido; a lança fez-se em pedaços no chão, e os outros quadrilheiros, que viram maltratar seu camarada, ergueram a voz pedindo auxilio à Santa Irmandade. O vendeiro que pertencia à corporação, correu a ir buscar a vara e a espada, e veiu colocar-se ao lado dos seus companheiros: os criados de Dom Luiz rodearam-no para que não aproveitasse o alvoroto para se safar; o barbeiro,*

vendo o reboliço, tornou a deitar a mão à albarda, e o mesmo fez Sancho. Dom Quixote desembainhou a espada e arremeteu com os quadrilheiros; Dom Luiz bradava aos seus criados para que o largassem a êle e acudissem a Dom Quixote, a Cardênio e a Dom Fernando, que se tinham colocado todos ao lado do ilustre manchego; o cura bradava, gritava a vendeira, a filha afligia-se, Maritornes chorava, Dorotéa estava confusa, Lucinda suspensa e Clara desmaiada.

O barbeiro desancava Sancho, Sancho moia o barbeiro; Dom Luiz, a quem um criado se atreveu agarrar no braço para que se não fôsse embora, deu-lhe um murque lhe poz os dentes em sangue; o ouvidor defendia Dom Luiz; Dom Fernando metera debaixo de si um quadrilheiro e cosia-o a pontapés; o vendeiro tornava a levantar a voz pedindo auxílio à Santa Irmandade; de modo que em toda venda, não havia senão prantos, brados, gritos, temores, sobressaltos, desgraças, mutiladas, sopapos, pauladas, couces e efusão de sangue. (*P. II - C.* 45).

Uma das melhores provas do carácter revolucionário de Sancho, reside no achincalhe e no desrespeito à tudo e a todos: falava, discutia, e deblaterava com o seu seuhor. Nunca o respeitou, aliás, nem em átos nem em palavras.

Nunca — diz à Sancho — o seu vizinho Tomé Cicial — nunca vi um escudeiro que se atrevesse a falar junto do seu senhor...

— Pois, por Deus — respondeu Sancho — que sempre falei e falarei... (*P. II - C.* 21).

Também outro fáto que lhe demonstra o feitio revolucionário é aquele de, como escudeiro, ir montado como diz Cervantes, asnalmente,

...porque não estava acostumado a andar muito a pé. (*P. I - C.* 7).

Dom Quixote não se lembrava de haver lido, que escudeiro fôsse montado. Por fim, concedeu. Sancho não iria pelo rigôr das leis de cavalaria.

A irreverência do escudeiro chega a cúmulos incríveis, como a de fazer suas necessidades fisiológicas, às narinas delicadas do cavaleiro:

Mas, quer fôsse pela friagem da manhã, que já começava, quer por ter Sancho ceado alguma coisa laxante, quer fôsse enfim coisa natural (*que é o que mais depressa se deve crer*), *veio-lhe a êle vontade de fazer o que mais ninguem, poderia em seu lugar; mas tamanho era o mêdo, que dêle se tinha apossado, que não se atrevia a aparta-se uma unha negra do amo.*

Cuidar que não havia de fazer o que tão apertadamente lhe era necessário, também não era possível. O que fez, para de algum modo conciliar tudo, foi soltar a mão direita, que tinha segura ao orção traseiro, e com ela, à sorrelfa e sem rumor, soltou a laçada corredia com que os calções se aguentavam sem mais nada, e, soltando-a, cairam-lhe êles logo aos pés, que lhe ficaram presos como em grilhões depois levantou a camisa o melhor que pôde, e pôs ao vento o poisadoiro (*que não era pequeno*).

Feito aquilo, que êle entendeu ser o essencial para sair do terrível apêrto, sobreveio-lhe logo segunda e pior angústia, que foi o parecer-lhe, que não podia aliviar-se sem fazer estrondo; e entrou a rilhar os dentes e encolher os ombros, tomando a si o fôlego, quanto lhe era possível; mas, com todas estas precauções, tal foi a sua desgraça, que não deixou de lhes escápar um pouco de ruído, bem diferente daquele que tanto receava. Ouviu-o D. Quixote, e disse:

— Que rumor é êsse, Sancho?

— Não sei, senhor — respondeu êle — alguma novidade deve ser, que as venturas e desventuras nunca princípiam por pouco.

Tornou outra vez a tentar fortuna, e com tão bôa sorte, que, sem mais ruído nem alboroto que da primeira vez, se achou aliviado da carga, que tanto o havia apoquentado. Mas, como D. Quixote não era menos fino de olfato que de ouvido, e Sancho estava tão cosido com êle, as exalações subiam quási em linha réta para cima, e o cavaleiro não pôde escusar-se de lhe chegarem aos narizes. Tanto como as percebeu, acudiu com dois dedos no nariz, apertando-o, e em tom algum tanto fanhoso disse:

— Parece-me, Sancho, que estás realmente com muito mêdo.

— Oh! se estou — respondeu Sancho — mas como é que Vossa Mercê percebeu isso agora mais que dantes?

— E' porque estás agora cheirando mais do que nunca, e não a cousa boa — respondeu D. Quixote.

— Bem poderá ser — disse Sancho — mas a culpa não é minha, é de Vossa Mercê, que me trás fóra de horas por êstes lugares descostumados.

— Arreda-te de mim três ou quatro passos, amigo — disse D. Quixote, sem tirar ainda os dedos do nariz; — daqui em diante tem mais cautela contigo, e com o que deves à minha pessôa; a demasiada conversação em que eu te admito é que é a causa de tamanha descortesia.

— Quero apostar — retrucou Sancho — que está Vossa Mercê cuidando, que eu fiz desta humanidade alguma coisa que não devera,

— Pior é mexer-lhe, amigo Sancho — respondeu D. Quixote.

(P. I - C. 20).

Sancho insurge-se contra os títulos de Dom, mesmo quando aplicados a êle próprio.

— Pois ficai sabendo, irmão — redarguiu — que eu não tenho DOM, nem nunca o houve em toda minha linhagem. Chamam-me Sancho Pança, sem mais nada, Sancho se chamou meu pai, e Sancho meu avô; todos foram Panças sem Dons nem Donas, e parece-me que nesta ilha deve haver mais Dons do que pedras; mas basta, que Deus bem me entende, e póde ser que se o meu govêrno durar quatro dias, eu carde estes Dons, que pela multidão devem enfadar tanto como os mosquitos. (P. II - C. 45).

Há um fácto devéras curioso nêste particular, E' o do salario.

Como se sabe o salario é a forma nova do pagamento dos trabalhadores, Entretanto, nos alvores da idade moderna, representa um progresso. Um enorme progresso. Uma revolução, eis que era desconhecida ás idades antiga e média.

Pois Sancho, escudeiro à moderna, como se considera, não quís ir só á tróca de promessas e recompensas futuras. EXIGIA SALARIO:

> *Bem está quanto Vossa Mercê me diz — respondeu Sancho — porém gostava de saber (se por acaso não chegasse o tempo das mercês, e se houvessem de contar os salários) quanto ganhava um escudeiro de cavaleiro andante naqueles tempos; e como eram os ajustes; se por mês, se por dia, como serventes de pedreiros.*
>
> *— Não creio eu — respondeu Dom Quixote — que jamáis os tais escudeiros servissem por soldada justa; serviam confiados nas mercês. (P. I - C. 20).*

E insiste, noutro passo:

> *— O caso vem a ser o seguinte — tornou Sancho — Como Vossa Mercê sabe, todos havemos de morrer; nunca se pode contar com o dia de amanhã; tão depressa morre o cordeiro como o carneiro; a gente neste mundo está nas mãos de Deus; a morte é surda, e vemnos bater à porta quando menos a esperamos, e não a*

> *detêm nem rôgos nem súplicas, nem mitras e cetros, como é fama, e como nos dizem por êsses púlpitos.*
>
> *— Tudo isso é a pura verdade — acudiu D. Quixote — mas o que eu não sei é aonde queres chegar.*
>
> *— Quero chegar ao seguinte: quero que Vossa Mercê me arbitre um salário certo, dizendo o que me há-de dar por cada mês que o servir; e mandando-mo pagar pela sua fazenda, ò que não hei-de estar à mercê de que êle venha tarde ou nunca; ajude-me Deus com que é meu. Enfim, quero saber o que ganho, pouco ou muito que seja, que grão a grão enche a galinha o papo, muitos poucos fazem muitos, e quem ganha alguma cousa não perde cousa alguma. E' verdade, que se Vossa Mercê (o que eu já não creio, nem espero) me viesse a dar a ilha que me prometêu, nem sou tão ingrato, nem levo as cousas tanto a risca, que não queira que se avaliem as rendas da tal ilha, para se fazer um gateio no meu salário.*
>
> *— Sancho amigo, não é gateio, é rateio.*
>
> *— Vossa Mercê entendeu-me, e é o que basta.*
>
> *— Entendi, sim — respondeu D. Quixote — e de tal forma, que penetrei no intimo dos teus pensamentos, e percebi o alvo a que miram as inúmeras setas dos teus rifões. Olha, Sancho, eu não teria dúvida em te marcar salario, se houvesse encontrado nalgumas histórias de cavaleiros andantes exemplo que me descobrisse e mostrasse, por qualquer pequeno rèsquício, o que era que costumavam ganhar, por mês ou por ano, os escudeiros; mas li tôdas ou a maior parte das suas histórias, e não*

me recordo de ter visto que qualquer cavaleiro andante désse ao seu escudeiro salário certo. (P. II - C. 7).

Mais não se precisa para evidenciar o sentido demolidor de Sancho, nesse livro dos mais movimentados e dos mais gigantescos, dos mais conscientes e dos mais revolucionários, de quantos saíram de cerebro humano, dotado da raridade do gênio, sobre ser, como o desejava o seu autor — Prologo á I. P. — ... el más hermoso, e más galhardo y más discréto que pudiera imaginar-se.

SÍNTESE

Dom Quijote + Sancho

SÍNTESE IMPERFEITA DA OBRA

A dialéctica de Hegel funda-se na coexistência dos contrários.

A lógica formal, clássica, aristotélica ou silogística não admite a conjunção dos contrários. Aí, o seu êrro. E, aí, as divisas, que marcam o seu antagônismo com a dialéctica de Hegel. Aliás já Fichte falava a mesma linguagem. E também dialécticos foram Descartes e Spinoza.

Mas Hegel é dialéctico apenas na História. Não o é em face da Natureza. Jungindo uma à outra, e concebendo-as numa unidade inseparavel, os socialistas, no campo da filosofia, no seu mais amplo sentido, continuam e completam Hegel.

O processus dialéctico se completa — embóra não pare — na síntese. Aliás, não ha síntese final e definitiva. Isso seria não comprender o rítmo do movimento imparável e cósmico, que é o sôpro vivificante da dialéctica, qual a comprendeu Hegel.

Com a síntese cessa a oposição dos contrários, que se reunem por meio de um terceiro termo. A contradição da tése e da antitese, é suprimida na e pela síntese.

E' o que explica Vera, grande expositor — embóra idealista — de Hegel, ao resumí-lo na Introdução á lógica do filósofo.

> *Os dois termos primeiros — nota o próprio Hegel — dão a primeira negação. O terceiro termo nega esta negação, porque nega que o verdadeiro esteja na sua diferença e sua oposição, e é negando-o que os concilia e os afirma. Os terceiros termos são assim constituídos ao mesmo passo, semelhantes e dessemelhantes e idênticos e diferentes.* (LOGIQUE, *Hegel - 2.ª ed. Paris*, 1874).

Fazendo uma feliz e prática aplicação da dialéctica, no campo da história, Marx declara:

> *A feudalidade tinha o seu proletáriado — a servidão, que encerrava todos os germes da burguêsia.*
>
> *A produção feudal também tinha dois elementos antagônicos, que se designavam, igualmente, sob o nome de face bôa e face má da feudalidade, sem considerar que é sempre a face má que acaba por sobrepujar a face bôa. E' a face má que produz o movimento, que faz a história, constituindo a luta. Se à época do regime da feudalidade, os econômistas, entusiasmados pelas virtudes cavaleirescas, pelas bôas harmonias entre os deveres e os direitos... enfim, por tudo o que constitue o lado bom da feudalidade, se tivessem proposto eliminar tudo que faz sombra a êste quadro da servidão, privilégios, anarquias — a que se teria chegado? Ter-se-iam afogado todos os elementos que constituem a luta, e axfixiado, em germen, o desenvolvimento da burguêsia. — Ter-se-ia colocado o problema de eliminar a história.* (MISE'RE DE LA PHILOSOPHIE).

E explica a Proudhon, que fazia um embrulho deplorável da dialéctica de Hegel, que a questão não estava em expungir o lado máu das coisas, mas, precisamente, em aproveitá-lo, como o fermento renovador que, com o bom, chegasse a uma terceira forma, superior: á síntese.

*
* *

Quer-se aquí observar uma coisa: sem dúvida que há no *Quixote* uma tése e uma antitese. Mas não é possivel afirmar-se que, à semelhança dêsses dois primeiros termos do *processus*, se verifique uma síntese perfeita... se assim é possível falar. Como se vai ver , depára-se uma inter-comunicação entre os dois primeiros termos, tendente à formação de um terceiro típo, superior, na óbra. Mas, é evidente... a burguêsia, embóra já bem conformada no tempo de Cervantes, era, sôbretudo, a antítese, a negação da negação, a flama revolucionária. Não estava ainda em 89, melhor dito, 89 ainda não havia passado, para, dos escombros e das ruinas do seu ondear epopeico, dos seus impetos homericos, o termômetro histórico começar a baixa inelutável, e estabilizar no nivel que, não sendo o das aguas grandes da revolução, também já não era o baixa-mar medieval. Ao tempo de Cervantes, trata-se de uma burguêzia revolucionária, insista-se. Só muito depois, destruída a sociedade em seus fundamentos feudais, e reestruturada em suas pilastras novas — ainda da exploração do homem pelo homem — é que se iria aproveitar o que não foi possível as chamas revolucionárias consumirem.

Daí o dizer-se que a síntese é imperfeita. Ela se começa... Inicia o seu *processus*...

*
* *

Escritores há, que falam nas mútuas influências de amo a escudeiro e de escudeiro a amo. E' o que denominam — a sanchificação de Dom Quixote e a quixotização de Sancho.

Pois, isso, nada mais é que a confusão dos contrários, que, embóra inacabadamente, se verifica no relato novelesco de Cervantes... Como gênio, Cervantes chegou ao máximum, na antevisão dialéctica da fusão dos contrários, em uma forma superior.

Não é possivel aceitar a sanchificação de Dom Quixote. As influências de Sancho são poucas. O arco parabólico, que se quer descreva o cavaleiro, da loucura-moral, como diriam os psíquiatras, à realidade, descendo em escala lenta mas segura, até findar na morte lúcida, não é bem exato. Se o fôra, Cervantes não faria que êle recuperasse, repentinamente, o juizo. Fá-lo-ia insensivelmente, como o final de um processo fatal de melhoria. E isso não se verifica, porque êle continua a delirar ainda no fim da obra, ao querer se transformar de cavaleiro andante em

> *... pastor, e seguir a vida do campo emquanto transcorre o ano da sua promessa* (P. II - C. 67)

que era de não meter-se em aventuras do seu ofício, de acôrdo com o combinado com o cavaleiro da Lua Branca. Entanto essas influências do escudeiro sobre o amo existem de algum modo. Ei-las:

"Depois da aventura dos *Galeotes*, desanimado, diz a Sancho:

> *— Sempre Sancho, ouvi dizer, que fazer bem a vilões é deitar água ao mar. Se eu tivesse estado pelo que me disseste, evitava-se o presente desgôsto; mas o que está feito, feito está; já agóra paciencia; ficar-me-á de emenda para o futro.* (P. I - C. 27).

De tanto lhe martelar Sancho, que não se metesse em aventuras sem uma prévia análise, quando da da carreta das côrtes da Morte, que eram os Sarrasanis da época, diz ao que fazia de diabo:

> *Por minha fé, quando vi este carro imaginei que se me oferecia alguma grande aventura, e agora digo: que para uma pessôa se desenganar, precisa de tocar com as mãos nas aparências.* (*P. II* C. 11).

Nessa aventura, ao virem contra êle os do circo ambulante, a Morte, o Imperador, o diabo carreiro, o amo, a rainha e Cupido,

> *Dom Quixote que os viu formados em tão galhardo esquadrão, com os braços erguidos como para despedir com ansia as pedras, sofreou a rédea a Rocinante e pôs-se a pensar de que modo os acometeria, com menos perigo da sua pessoa.* (*P. II* - C. 11).

Na história curiosa dos zurros, quando os dois exércitos inimigos caem sôbre Sancho, que se metêra à zurrar para mostrar como o fazia bem nos seus tempos de moço, Dom Quixote, que saíu a defendê-lo, ao ver que não podia vingá-lo, porque eram muitos os que se lhe interpuseram, chovendo-lhe uma nuvem de pedradas e o ameaçando com mil béstas retezadas e não menor quantidade de arcabuzes, voltou as rédeas a Rocinante e, a

todo galope, saiu do meio dêles, encomendando-se de todo o coração a Deus, para que o livrasse de tamanho perigo, temendo a cada passo que lhe entrasse uma bala pelas costas e lhe saisse pelo peito, e a cada momento tomava a respiração para ver se lhe faltava. E no passo em que se justificava a Sancho da desabalada carreira, diz-lhe,

> *... que não foge quem se retira, porque has-de saber Sancho, que a valentia que não se baseia na prudencia, chama-se temeridade, e as façanhas do temerário mais se atribuem à bôa fortuna que ao seu ânimo.* (*P. II - C.* 28).

Ha um ponto em que parece que a parábola realística de Dom Quixote chega ao seu máximo. E' quando, depois da descida à cóva de Montesinos, Sancho lhe diz, com rude franqueza, que o que lhe contava não era possível de crer-se, e êle apenas se limita a retorquir-lhe que o criado assim falava, porque lhe queria bem.

Na linda história das advinhações do mono de Maestro Pedro, Dom Quixote pergunta ao macaco, por intermédio do seu dono, se certas coisas què lhe haviam acontecido na cóva de Montesinos, tinham sido sonhados ou verdadeiras.

Também no capítulo 34 da Segunda Parte, fica num estado de palermice, por não saber assegurar-se se era mentira ou verdade, o que lhe havia sucedido na cóva de Montesinos.

Ao final da história do cavalo Clavilenho, depois de Sancho contar o que havia visto em sua viagem pelo espaço, diz-lhe Dom Quixote:

> *— Se quereis Sancho, que acredite no que viste,*

> *no céu, haveis de crêr também no que vi na cóva de Montesinos e não vos digo mais nada.* (*P. II - C.* 41).

São passagens estas, que revelam certa tendência de Dom Quixote, para deixar de lado aqueles formidaveis arroubos de loucura, que se demonstram em muitas passagens do livro. Já reflectia mais, o investidor de moinhos e de manadas. Mas, não provam, de modo nenhum, haja influência decisiva e definitiva de Sancho sôbre si o que seria, aliás, natural, dada a convivência íntima em que ambos andavam.

INFLUÊNCIA DE DOM QUIXOTE

O que há, verdadeiramente, é uma grande influência de Dom Quixote sôbre Sancho (*) que reponta em diversas passagens do livro, a começar do próprio convencimento que lhe meteu na cabeça, afim de arrastá-lo às funções de escudeiro.

Quando Sancho conta as doidices que o amo ficava fazendo em Serra Morena, ao cura e ao barbeiro, êstes ficaram admirados de vê-lo acreditar nelas. E conjecturava nas promessas que o amo lhe fazia, de lhe dar o govêrno de uma ilha, quando fôsse imperador, sendo que a êsse tempo já seria viuvo com toda certeza, e, devido a isso, ganharia por mulher uma donzela da imperatriz, herdeira de um rico e grande Estado de terra firme.

Iludindo-se com Dorotéa, que a princípio pensava ser a princeza Micomicadela, Sancho rogava a seu senhor, que logo com ela se casasse, afim de por termo às suas andanças, e lhe dar a ilha que lhe havia prometido.

(*) E' a preponderancia da classe alta, a que se refere MARX.

Preciso é que não se perca de vista que Sancho é um rústico. Inculto e ambicioso, foi na cantiga do louco. Não será de extranhar, que se deixe influênciar por um homem muito superior a êle.

Quando, no último capítulo da P. I, ao se aproximarem de sua aldeia natal, Sancho julga que seu amo está morto, devido as pauladas que lhe deram os da procissão, chora amargamente, referindo-se-lhe como "a flôr da cavalaria", "honra da sua linhagem", "glória da Mancha e ainda de todo o mundo".

Ao encontrar-se com sua mulher, que o assedia de perguntas, responde-lhe que não há coisa mais gostosa no mundo que ser um homem, honrado escudeiro de um cavaleiro andante, buscador de aventuras. E fala como alguem que herdava a capacidade de sacrifício e as suas passadas alegrias, mas não naquele sentido do cavaleiro, desinteressadamente, porém, com visão ambiciosa.

> *—E' bem verdade, que a maior parte das que se acham não vem tanto ao nosso gosto, como uma pessôa quereria, porque, de cem que se encontra, noventa e nove costumam ser avêssas e torcidas. Sei-o eu por experiência, porque de algumas sai manteado, e de outras moído; mas, com tudo isso, é linda coisa esperar os acontecimentos, esquadrinhando selvas, galgando penhas, visitando castélos, pousando em estalagens, à discreção, sem pagar um maravedí só que seja.* (*P. II C.* 30).

Mas há na obra imortal do espanhol um trecho notavel. Nêle fica patenteado, geométricamente, até onde foi a influência de Dom Quixote sôbre Sancho:

— Pois o mesmo — disse D. Quixote — aconte-

ce no tráto dêste mundo, onde uns fazem de imperadores, outros de pontífices, e finalmente todos os papéis que podem aparecer numa comédia; mas, em chegando ao fim, que é quando se acaba a vida, a todos lhes tira a morte as roupas que os diferençam, e ficam iguais na sepultura.

— O'tima comparação! — disse Sancho — a-pesar de não ser tão nova que eu não a ouvisse já muitas e diversas vezes, como a do jôgo de xadrez, no qual, enquanto dura, cada peça desempenha o seu papel especial, e, quando acaba, todas se misturam, se juntam e se baralham- e se metem- num saco, que é o mesmo que dar com a vida no sepulcro.

— Cada dia, Sancho — disse D. Quixote — te vais fazendo menos simplório e mais discréto.

— Puderal alguma cousa se me há-de pegar da discreção de Vossa Mercê — respondeu Sancho — que as terras de si estéreis e sêcas, em se estrumando, vêm a dar bons frutos; quero dizer, que a conversação de Vossa Mercê tem sido como um estrume deitado na terra estéril do meu sêco engenho, e a cultura, o tempo em que o tenho servido e tratado; e com isto espero dar frutos de bênção, tais que não desdigam nem deslizem da bôa lavoura que Vossa Mercê fez no meu acanhado entendimento.

Riu-se Dom Quixote, e achou-lhe razão, porque Sancho de quando em quando falava de modo que lhe fazia pasmo, ainda que todas as vezes, ou a maior parte das vezes que Sancho queria falar à côrte, acabava por se despenhar do monte da sua simpleza no abismo da sua ignorância; e em que êle se mostrava mais ele-

gante e memoriado, era em trazer rifões, viessem ou não viessem a propósito, como se terá visto e notado no decurso desta história. (P. II - C. 12).

Ainda mais um exemplo. Sancho governa a ilha da Barataria. Expende razões tão concertadas que admiram. Diz essa figura, a mais viva de quantas existem na literatura de todos os tempos:

— Agóra é que verdadeiramente percebo, que os juízes e os governadores devem ser de bronze, para aturar as importunidades dos negociantes, que a todas as horas e a todo o tempo querem que os escutem e-os despachem atendendo só ao seu negocio, venha lá o que vier; e, se o pobre do juís os não despacha e escuta, ou porque não pode, ou porque não é ocasião de lhes dar audiencia, logo o amaldiçoam, e murmuram, e roem-lhe na pele, e até lhe deslindam as linhagens. Negociante néscio, negociante mentecapto, não te apresses; espera ocasião e conjunctura para negociar; não venhas, nem a horas de jantar, nem á horas de dormir, que os juízes são de carne e ôsso, e hão-de dar à natureza o que ela lhes pede, a não ser eu, que não dou de comer à minha graças ao senhor doutor Pedro Recio Tirteafuera, que presente se acha, e pretende matar-me à fome; e afirma que esta morte é vida; assim lhe dê Deus, a êle, e a todos os da sua raléa, quero dizer, os máus médicos, que os bons êsses merecem palmas e louros.

Todos os que conheciam Sancho Pança se admiravam de o ouvir falar tão elegantemente, e não sabiam ves e cargos, ou melhoram, ou entorpecem os entendia que haviam de atribuí-lo, senão a que os oficios gramentos. (P. II - C. 49).

E' o que se póde chamar a influência do cavaleiro, porém modificada no fundo: Sancho se arroja, interêssadamente; Dom Quixote, generosamente. Ha uma infiltração dêste, naquêle. Mas os tempos haviam mudado. E, enquanto um pairava nas regiões aladas da fantasia reacionária, aproveitava o outro a lição da trabalheira e do sofrimento para lhe redundasse em algum proveito. As psícologias mudavam. Assim, Sancho aproveitava as andanças para fartar-se, para ver as possibilidades de uma ilha ou condado, ou para encontrar outra bolsa cheia de ducados, que trazer para casa. Cavaleiro de aventura era um. Cavaleiro de indústria, já era o outro. Não é por menos que, a-pesar da briga com a ama e a sobrinha, à entrada da P. II - C. 2, forceja por falar a seu senhor, e quando com êle se encontra, tem o cuidado de propôr-lhe estipule um salário, pois não sabia em que pararíam as aventuras. E ao ser-lhe negado, conforma-se porque muito vale uma esperança. Não acede por bondade. Acede por interêsse. Quem não arrisca, não petisca...

* * *

Recebendo as influências do amo, houve vez, que por extremar-se em delicadezas, desejou ser cavaleiro andante para servir à sua senhora, a duquesa. Herda certa cultura do seu senhor, e, afinal, procura imitál-o nas maneiras. E' a burguesia aproveitando as bôas coisas do medievo, e as ajustando às novas necessidádes, nêsse sentido de síntese, que começa a se processar no romance.

O burguês nascente toma do nobre certas caracteristicas sociais e psicológicas: a tenacidade, a valentia, a cultura, o dom de mandar, para aplicá-las em proveito pessoal às suas emprêsas. Amaneira-se e se pule. Procura as aventuras... mas com outros fins. A America aí está. Sancho não se esquece de que existe Potosí.

Um escritor de língua espanhola já afirmára, com argucia sociológica, que existe entre o gênio de Cervantes e o aparecimento da America, profunda correlação histórica. A burla do romance, pulverizando uma ideologia senil, exalta a visão de uma ideologia nova, que se encaminha naquele sentido de vida, estuante e primaveral, em que despertam, para outra caminhada da história, as energias potenciais do homem, impusionadas por outros interêsses e outros ideais.

* * *

E' êrro pensar-se que a humildade *decai*. Decaem, sim, os rejimes sociais, naquilo que deixam de servir à evolução histórica da humanidade. E' preciso ter a ma fé e a cegueira bruta de um fascista, para afirmar a *decadência do ocidente*. O que existe é a decadência de um regime social — dêsse mesmo que Cervantes celebrou no seu livro, na figura antitética de Sancho, que começava, também, a receber as heranças aproveitáveis do que desfalecia nas loucuras do cavaleiro, iniciando, assim, a síntese. O mundo lunático dos Belianís e dos Rolandos, esvanecido e arquejante, era substituído pelo mundo novo, mais vasto,

mais produzivel, mais geral, que sairia do esforço humano: o mundo burguês. A êsse ciclo de generosos e piedosos cavaleiros, sucede o siclo dos navegadores, conquistadores e empreendedores mercantís, indústriais e financeiros, com o espírito, a consciência, a psícologia da audácia e da aventura, mais aplicadas a fins utilitários e pessoais. Pizarro, Cortez ou Anhanguera, o paulista das pedras verdes, são tão heróicos como Dom Quixote. No que dêle diferem, é em que, um, se inflamava pela glória de um passado morto, procurando rehabilitá-lo, e os Balboas andavam na faina de deparar as minas, o El Dorado, amalgamando a *ambição* de Sancho, — última justificação do *racionalismo* e do *individualismo* — com a *heroicidade* de Dom Quixote e junjindo, numa síntese, duas psicologias sociais diferentes.

Indice

Como prefácio 7
Introdução 9
Tése = Dom Quixote 83
Antítese = Sancho 147
Síntese = Dom Quixote + Sancho 217

Cultura Moderna

apresenta a

"Serie Cultural"

As Grandes Obras

PUBLICADAS:

I — O CRITERIO — **J. Balmes**
II — ESTUDOS SOBRE O AMOR — **José Ingenieros**
III — OS GRANDES INICIADOS — **E. Schuré** — Tomo I
IV — " " " — Tomo II
V — " " " — Tomo III
VI — PARADOXOS — **Max Nordau**

NO PRÉLO:

PAGINAS FILOSÓFICAS — **Diderot**
ASSIM FALAVA ZARATUSTRA — **Nietsche**
CLASSIFICAÇÃO DAS CIENCIAS — **Spencer**
OS SUPER-HOMENS — **Emerson**
TRATADO POLITICO — **Spinoza**
ENSAIO SOBRE A LIBERDADE MORAL — **Schopenhauer**
O AMOR, AS MULHERES E A MORTE — **Schopenhauer**
O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO — **Schopenhauer**

Escritores Brasileiros

PUBLICADOS:

A Psicologia Social do QUIXOTE — JOSÉ PÉREZ

NO PRÉLO:

ESTUDOS SOBRE ARTISTAS — TARCILA DO AMARAL

Os Grandes Pensadores

PUBLICADOS:

I — STO. TOMÁS — E. CHIOCCHETTI

II — ARISTÓTELES — GOMPERS E ZELLER

III — DESCARTES — MAXIMO LEROY E P. LANDORMY

IV — KANT — VICTOR DELBOS

NO PRÉLO:

BERGSON — R. GILLOUIN

Obras Primas Literarias

PUBLICADO:

I — ASNO DE OURO

— APULEIO

NO PRÉLO:

A SABEDORIA DO "QUIXOTE"

(Paginas escolhidas com notas e uma biografia de Cervantes por José Pérez)

IBIS

VARGAS VILA —

Os Grandes Artistas

OURIVES

MUSICOS

PINTORES

CANTORES

ESCULTORES

ARQUITETOS

MINIATURISTAS

OS GRANDES MUSICOS

NO PRÉLO:

BERLIOZ E SUAS PAIXÕES

ETIENNE REY

Obras de JOSÉ PÉREZ

[illegible]BLICADAS:

"QUESTA[illegible]ÇA, QUESTÃO SOCIAL"
S. P[illegible]3. — Exgotada. Versão espanhola [illegible] Javier Morata, — Madrid.

"A PSICOL[illegible] SOCIAL DO "QUIXOTE"
S. Pa[illegible]36 — Edição portuguesa de CULTURA [illegible]ODERNA e versão espanhola da Casa Ja[illegible] Morata, — Madrid.

NO PRELO:

"A SABEDORIA DO "QUIXOTE"
Edição de CULTURA MODERNA

"TRATADO POLITICO"
Spinoza (tradução)

EM PREPARAÇÃO:

Sociologia:

"A ESSENCIA POLITICA DAS SOCIOLOGIAS"
(Tése a concurso)

"DOS IDEAIS SOCIAIS ÀS LUTAS DE CLASSES NA BIBLIA"

Filosofia:

I Vol. **Exemplar de uma vida humana ou Benedicto Spinoza.**
II Vol. **A Filosofia de Spinoza** (exposição)
IV Vol. **A Etica de Spinoza na sociedade futura.**
III Vol. **Comentarios de uma materialista dialectica á Filosofia de Spinoza.**

Edições
Cultura Moderna

Serie Cultural de CULTURA MODERNA

Escritores Brasileiros:

I A PSICOLOGIA SOCIAL do **QUIXOTE**

José Pérez

II ESTUDOS SOBRE ARTISTAS

Tarcila do Amaral

Os Grandes Pensadores:

Publicados:

STO. TOMÁS

ARISTÓTELES

DESCARTES

KANT

As Grandes Obras:

O CRITERIO

Balmes

ESTUDOS SOBRE O AMOR

José Ingenieros

Obras Primas Literarias:

O ASNO DE OURO

Apuleio

"IMPRESSORA COMMERCIAL"
Rua Quirino de Andrad

FILOSOFIA

S. Tomaz de Aquino
Suma Teologica (1.a parte) . . . . . 40$000
Auguste Comte
Principios de Filosofia Positiva . . . . . 7$000
Dr. Jose Ingenieros
As Forças Morais . . . . . 8$000
R. Tagore
A Religião do homem . . . . . 6$000
A. Opisso
A Arte de Pensar . . . . . 8$000
Prof. S. Barbosa
Filosofia Transcendental . . . . . 5$000
D. Lourenço Lumini
O Sobrenatural nos Evangelhos Sinoticos . 13$000

BIBLIOTECA DE CULTURA

Dr. J. Bautista
A. B. C. do Espiritismo . . . . . 4$000
Dr. O. Schwartz
Curiosidades do Histerismo . . . . . 4$000
Dr. J. B. Olavarrieta
Higiene das Paixões . . . . . 4$000
Novos volumes
Codigo de Familia Soviética . . . . . 4$000
H. D. Villaplana
Manual de Mnemotecnia . . . . . 4$000
André Nin
Origem e Carater dos Soviétes . . . . . 4$000
J. Parides
O Divorcio e a Natureza . . . . . 5$000
F. Valera
Introdução ao estudo da Filosofia . . . . 3$000

POLITICA

Fay de Azevedo
Democracia e Parlamentarismo . . . . . 8$000
Olimpio F. Carvalho
Sistema Parlamentar . . . . . 15$000
Dr. Araujo Viana
Novo codigo eleitoral do Brasil . . . . . 8$000
Guia prático do identificador eleitoral (cart.) 3$000

— EDIÇÕES CULTURA MODERNA —

AUTORES DIVERSOS

J. Brandés
Jesus Cristo é um mito . . . . . 5$000
M. Resnik
O amor depravado dos homens célebres . 5$000
Alfredo Ellis Junior
Confederação ou Separação (3.a Edição) . 6$000
Madrugadas Paulistas (Lendas de Piratininga) . . . . . 6$000
Oscar Wilde
A Tragedia de Minha Vida . . . . . 5$000
O Crime de Lord Arthur Savile . . . . . 5$000
A Alma do Homem . . . . . 5$000
A. Anselmo Gonzalez
Que será de teu Filho? . . . . . 6$000
José Lins do Rego
Bangué . . . . . 6$000
Menino de Engenho . . . . . 6$000
Gustavo Barroso
Mulheres de Paris . . . . . 6$000
Emilio Zola
A Besta Humana (2 volumes) . . . . . 10$000
Fecundidade (2 volumes) . . . . . 10$000
Alexandre Dumas
Os Três Mosqueteiros (3 volumes) . . . . 15$000
Maximo Gorki
Os Degenerados . . . . . 5$000
Abelardo Parreira
Sertanejos e Cangaceiros . . . . . 6$000
Mario Pinto Serva
O Enigma Brasileiro . . . . . 4$000
Ovidio
Arte de Amar . . . . . 6$000
Antonio Pousada
O desertor. . . . . 5$000
A. F. de Carvalho e Silva
Uma pagina de mocidade . . . . . 6$000

Peça os livros deste Catalogo ao seu livreiro ou á Cultura Moderna — Rua S. Bento, 51 — (Edificio Martinelli) — 17 andar — S. PAULO (BRASIL)

As despezas do correio e registro são de nossa conta.

Cultura Moderna

RUA S. BENTO, 51 | Edificio Martinelli
Caixa Postal, 749 | 17 and. - Tel. 2-8000
S. PAULO (Brasil)

COLEÇÃO CULTURA MODERNA
AS GRANDES OBRAS

J. Balmes
1 — O Criterio. Estudos de Filosofia Pratica 8$000
José Ingenieros
2 — Estudos sobre o Amor . . . . . 6$000
E. Schuré
Os Grandes Iniciados (Esboço da Historia Secreta das Religiões)
3 — Tomo I . . . . . 10$000
4 — Tomo II . . . . . 10$000
5 — Tomo III . . . . . 10$000
Max Nordau
6 — Paradoxos . . . . . 10$000

OS GRANDES PENSADORES

E. Chiochetti
1 — S. Tomás . . . . . 6$000
Gompers e Zeller
2 — Aristoteles . . . . . 7$000
M. Leroy e P. Landormy
3 — Descartes . . . . . 8$000

OBRAS PRIMAS LITERARIAS

Apuleio
1 — O Asno de Ouro . . . . . 10$000

BIBLIOTECA UNIVERSAL

Helio Veiga
Religiões antigas . . . . . 4$000
Appio Clara
Sugestão, hipnotismo e magnetismo . . . 4$000
Fabio Luz Filho
O Cooperativismo . . . . . 4$000

Rua S. Bento, 51 — Ed. Martinelli — S. Paulo

ESTUDOS COMERCIAIS E DIDÁTICOS

Agenor T. Queiroz
Metalurgia e Quimica aplicada . . . . . 20$000
R. de Aguiar
Elementos de Merceologia (2.a Edição) encadernado . . . . . 12$000
Dr. Francisco Isoldi
Historia do Comercio (enc.) . . . . . 8$000
Faud Daud
Como traduzir o latim (cart.) . . . . . 6$000
I. Pelafsky
Introdução á Pedagogia do Piano . . . . 7$000
A. Belfort de Mattos
Manual de Estatistica . . . . . 8$000
Dr. Camilo Vanzolini
Curso teórico e pratico da lingua italiana 16$000
Dr. Francisco Isoldi
Antologia italiana para uso das escolas brasileiras . . . . . 15$000
Julia Macedo Pantoja
Cartilha Bandeirante . . . . . 3$000
Prof. Nicolau Angelino
Curso de fisica elementar . . . . . 15$000

LIVROS SÔBRE GUERRA E REVOLUÇÃO

Armando Brussolo
Tudo pelo Brasil (2.a Edição) . . . . . 8$000
Basta de Mentiras! Considerações em torno do livro de H. de Carvalho . . . . . 5$000
J. Pinto de Moura
A Fogueira Constitucionalista . . . . . 5$000
Guilherme A. Barros
A resistencia do Tunel . . . . . 7$000
José Augusto Costa
Criminosos de duas revoluções . . . . . 6$000
E. Maria Remarque
Depois... . . . . 5$000

LIVROS GALANTES

Diversos
Piadas Galantes (com gravuras) . . . . 4$000
M. Bocage
Parnaso Bocagiano . . . . . 6$000
E. Stilgebauer
Uma Mulher em Berlim . . . . . 6$000
J. C. Mardrus
As Paginas Proibidas das Mil e Uma Noites 5$000
Marcel Sauvage
A Venus Negra — Memórias Intimas de Josefina Baker . . . . . 5$000

SEXUALISMO

Dr. G. Mac Hardy
Para evitar a Gravidez (com 55 gravuras) 7$000
Dr. A. S. Velilla
O erotismo e a flagelação perante a Ciência e a historia (ilustrado) . . . . . 10$000
Oswaldo Theys de Arambur
A Questão Sexual e o Matrimonio . . . . 5$000
J. P. Muller
A moral Sexual e a Felicidade na Vida . . 6$000
V. F. Calverton
A derrocada do casamento — as aspirações sexuais da juventude moderna . . . . 6$000

LIVROS SOBRE ORTOGRAFIA

Novo Vocabulario da Lingua Nacional . . 4$000
A Nova Ortografia da Lingua Nacional . . 1$000
Zimerman
Ortografia Rasional . . . . . 2$500

NOVAS AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES NOS E. U.

Os Comparsas do Crime $900
A Praga Maldita $900
O Castelo dos Suplicios $900

BIBLIOTECA DE ROMANCES CELEBRES

Eugenio Sué
O Judeu Errante (3 volumes) . . . . . 18$000
Emilio Zóla
Noivado Tragico . . . . . 6$000
A Taberna (2 volumes) . . . . . 12$000
Victor Hugo
História de um Crime (2 volumes) . . . 12$000
Xavier de Montepin
A Noite do Crime . . . . . 6$000
O Filho Infame . . . . . 6$000
Um Drama Sangrento . . . . . 6$000
Destas obras vendemos volumes soltos a 6$000
e tambem encadernados a 8$000

EDIÇÕES FÉMINA

(BIBLIOTECA DAS SENHORITAS)

C. M. Brame
Sombra do Pecado . . . . . 3$000
A Loucura de Evelina . . . . . 3$000
A. Fleury
Confissão Reveladora . . . . . 3$000
J. Rigaud
O Castelo do Amor e do Odio . . . . . 3$000
P. Gourdon
Carinhos d'Alma . . . . . 3$000
O martirio de um coração . . . . . 3$000
O Amor Tudo Vence . . . . . 3$000
O. F. O'Noll
Coração de Ouro . . . . . 3$000
L. de Hasamé
Alma de Garota . . . . . 3$000
M. Miere
O Segredo de Mariana . . . . . 3$000